

MONS. GEORGE MOORMAN

—A—
MISSA
TRADICIONAL
EXPLICADA



—A—

MISSA

TRADICIONAL
EXPLICADA

MONS. GEORGE J. MOORMAN

—A—
MISSA
TRADICIONAL
EXPLICADA



A MISSA TRADICIONAL EXPLICADA

Mons. George J. Moorman

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Erisberto Filho
TRADUÇÃO	André Veiga
REVISÃO	Evandro de Souza
CAPA	Arthur Almeida
DIAGRAMAÇÃO	Matheus Irazábal

M825a

Moorman, Mons. George J., 1883 - 1979

A Missa Tradicional explicada / Mons. George J. Moorman.

– Rio de Janeiro : Ed. CDB, 2025.

256 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5481-124-8

1. Catolicismo. 2. Liturgia. 3. Missa. I. Título.

CDD – 230



Os direitos desta edição pertencem à EDITORA CDB

Rua México 3, 2º andar – Centro – Rio de Janeiro – RJ

CEP: 20031-144 - Telefone: (21) 2042-0440

E-mail: contato@centrodombosco.org

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO DO AUTOR	9
-------------------------------	---

PARTE I

O ENSINAMENTO DA IGREJA SOBRE O SACRIFÍCIO DA MISSA

I. A natureza do sacrifício	19
II. O sacrifício antes do tempo de Cristo	27
III. O Sacrifício da Cruz.	33
IV. O Sacrifício da Missa	41
V. A relação entre o Sacrifício da Missa e o Sacrifício da Cruz	49

PARTE II

O NOME E A LINGUAGEM DA MISSA E OS OBJETOS NECESSÁRIOS À SUA CELEBRAÇÃO

I. O nome do serviço eucarístico	71
II. A linguagem da Missa.	75
III. Os objetos necessários à celebração da Missa	81

IV.	Os elementos eucarísticos.	95
V.	Os paramentos usados na Missa.	101
VI.	Uma palavra sobre as cerimônias	109
VII.	Regras de postura para assistir à Missa	111
VIII.	O Asperges	115

PARTE III

AS ORAÇÕES E AS CERIMÔNIAS DA MISSA

I.	A parte preparatória da Missa.	123
II.	O Ofertório, a primeira das três partes principais da Missa	159
III.	A Consagração ou Cânon, a segunda das três partes principais da Missa	177
IV.	A Comunhão, a terceira das três partes principais da Missa	205
V.	Depois da Missa	243

Introibo ad altare Dei.
Ad Deum qui laetificat juventutem meam.

Subirei ao altar de Deus.
Do Deus que alegra a minha juventude.

Profecia de Malaquias

*“Porque, do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações
e em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios
e oblações puras. Sim, grande é o meu nome entre as nações
— diz o Senhor dos exércitos” (Ml 1, 11).*

INTRODUÇÃO DO AUTOR

Para os católicos familiarizados com a Missa Tradicional, nada é mais sagrado do que a Missa. Para uma pessoa que não conhece a Missa Tradicional, nada é mais enigmático. “O que está acontecendo no altar?”, ela pergunta. É algo tão diferente de tudo o que encontramos em nossa vida cotidiana: os paramentos, o altar, as velas acesas, o toque do sino, o canto, a língua, as cerimônias, as orações sussurradas, o piedoso temor e a reverência da assembleia — o que tudo isso significa?

Àqueles inclinados a ridicularizar, recomendamos a leitura do testemunho do Sr. Augustine Birrell (protestante) publicado na revista *Nineteenth Century* (abril de 1896): “Há algo de comovente e desolador no espetáculo do católico romano inglês, que já não pode adorar seu Senhor ressuscitado em nenhuma daquelas majestosas igrejas-mãe, construídas pela piedade de seus ancestrais e ainda impregnadas de seu gênio, ou ouvir dentro de seus muros o toque daquele sino, um som que carrega consigo uma carga mais rica de associações religiosas do que qualquer outro som ou incidente no culto cristão. A Missa é um mistério tremendo, tão profundamente atraente,

tão intimamente associado à pedra angular da fé cristã, tão confirmado pelo testemunho dos santos! Hoje, ninguém, exceto um punhado de fanáticos vulgares, fala irreverentemente da Missa. Se a Encarnação for, de fato, o único evento divino para o qual toda a criação se move, o milagre do altar pode certamente parecer sua sombra repousante sobre uma terra seca e sedenta, para auxílio do homem, que tende a desanimar se lhe disserem continuamente que tudo o que é realmente importante e interessante aconteceu de uma vez por todas, há muito tempo, no frio e histórico passado”.

Antes de entrar na explicação desta grande cerimônia religiosa, sentimos a necessidade de oferecer aos nossos leitores aquela bela descrição da Missa feita pela pena do Cardeal Newman, que foi ele próprio um convertido à Igreja Católica:

“Nada é tão consolador, tão penetrante, tão emocionante, tão avassalador quanto a Missa, celebrada como é entre nós. Eu poderia assistir a Missas para sempre sem me cansar. Não é um mero formulário verbal — é uma grande ação, a maior ação que pode existir na terra. Não é apenas uma invocação, mas, se ousar usar a palavra, uma evocação do Eterno. Aquele diante de quem os anjos se prostram e os demônios tremem torna-Se presente no altar em carne e sangue. Este é o grandioso evento que é o escopo e a interpretação de cada parte da solenidade.

“As palavras são necessárias, mas como meios, não como fins; não são meros discursos dirigidos ao trono da graça, mas

instrumentos de algo muito superior: da consagração, do sacrifício. Elas avançam apressadamente, como que ansiosas para cumprir sua missão. Rapidamente vão, pois são grandiosas palavras de sacrifício e uma obra tão grande que não se pode demorar; assim como foi dito no início: ‘O que queres fazer, faze-o depressa’. Rapidamente passam, pois o Senhor Jesus as acompanha, como passava pelo lago nos dias de sua carne, chamando rapidamente primeiro um, depois outro. Rapidamente passam, pois, assim como o relâmpago que brilha de uma extremidade do céu à outra, assim é a vinda do Filho do Homem. Rapidamente passam, pois são como as palavras de Moisés, quando o Senhor desceu na nuvem, invocando o Nome do Senhor enquanto Ele passava: ‘Senhor, Senhor Deus, rico em bondade e em verdade’. E, como Moisés no monte, também nós nos apressamos, inclinamos nossas cabeças à terra e adoramos.

“Assim também nós, reunidos ao redor, cada um em seu lugar, aguardamos o grande Advento, ‘esperando pelo movimento da água’. Cada um em seu lugar, com seu próprio coração, com suas próprias necessidades, com seus próprios pensamentos, com suas próprias intenções, com suas próprias orações, separados, mas em concordância, observando o que acontece, acompanhando seu progresso, unindo-se à sua consumação — não seguindo dolorosa e desesperadamente uma forma rígida de oração do começo ao fim, mas, como num

concerto de instrumentos musicais: diferentes entre si, mas unidos em uma doce harmonia. Assim, tomamos parte com o sacerdote de Deus, apoiando-o, mas também sendo guiados por ele. Há crianças pequenas lá, e anciãos, e trabalhadores simples, e estudantes de seminários, sacerdotes se preparando para a Missa, sacerdotes fazendo sua ação de graças; há jovens inocentes e há pecadores penitentes; mas, dessas muitas mentes, eleva-se um hino eucarístico, e a grande Ação é a medida e o escopo disso” (de *Loss and Gain*, 1848).

Que poesia, que *páthos*, que sublimidade nos ensinamentos de nossa fé! A mente humana, entregue à sua própria imaginação, jamais concebeu algo comparável. Se tudo isso fosse apenas uma ilusão que inspirou as liturgias, as catedrais, as composições de Palestrina e tudo o mais — ainda mais, que sustentou os mártires, os tentados, os sofredores, os pobres, os moribundos, como o sacrifício eucarístico tem feito; que inspirou vidas como as de São Francisco, Santa Teresa e muitos santos ocultos no claustro e no mundo, e mortes como a de São Tarcísio e milhares de leitos de morte cristãos em todo o mundo, sustentados manifestamente pelo poder do Viático —, se tudo isso fosse o resultado de um erro, que magnífico erro seria!

Mas, ao recordarmos o capítulo sexto do Evangelho de São João, os relatos da Última Ceia, especialmente aquele em que São Paulo faz sua inserção solitária no ofício de evangelista,

e ao pensarmos no lugar que a Missa ocupa na tradição, na literatura e na vida prática da Igreja, nenhuma mente cristã dócil poderia esquivar-se da convicção de que tal erro é impossível e de que, em nenhum outro lugar, senão nesta hipótese impossível, seriam mais aplicáveis as ousadas palavras de Ricardo de São Vítor: “Senhor, se houver um erro, é por Vós que somos enganados”.

Mas não! A ordem foi dada pelo Mestre: “Fazei isto em memória de Mim”. A Missa é o cumprimento dessa ordem. Todo católico deve esforçar-se para se familiarizar com as principais cerimônias e orações da Missa, para que possa assistir a esta sublime celebração com maior interesse e fervor.

Mons. George J. Moorman

A MISSA TRADICIONAL EXPLICADA

“Et antiquum documentum novo cedat ritui.”

“E a antiga Lei [do sacrifício] cede lugar ao novo rito [a Missa].”

— do *Tantum Ergo*

PARTE I

O ENSINAMENTO DA IGREJA SOBRE O SACRIFÍCIO DA MISSA

Capítulo I: A NATUREZA DO SACRIFÍCIO

O significado de sacrificio

Quando falamos da Missa, geralmente a associamos a “sacrifício” e a mencionamos como o Sacrifício da Missa.

A palavra “sacrifício” é derivada de duas palavras latinas: *sacer*, que significa “sagrado”, e *facere*, “fazer”. A palavra “sacrificar”, conforme comumente empregada, significa oferecer algo valioso a uma pessoa como um sinal de afeição por ela ou de dependência dela. Se um pai dá tudo o que possui para proporcionar uma boa educação a seus filhos, vivendo ele próprio em condições difíceis, diz-se que ele faz um grande sacrifício por seus filhos. Quando um soldado deixa seu lar e sua pátria para lutar pela defesa de seu país, arriscando sua vida e integridade física, diz-se que ele se sacrifica por sua pátria. O jovem missionário que abandona sua terra natal e os confortos do lar para pregar o Evangelho a povos hostis em terras estrangeiras é considerado alguém que faz um grande sacrifício. E com razão, pois riquezas, a vida e aquilo que prezamos tornam-se sagrados quando são oferecidos por um propósito nobre.

Nesse mesmo sentido, as nossas ofertas feitas a Deus podem ser chamadas de sacrifícios. A pobre viúva que, por amor a Deus, entregou ao tesouro sua última moeda fez um grande sacrifício em nome de Deus.

É dever do homem honrar seus semelhantes. Alguns dentre eles — por exemplo, pais, professores e superiores — devem ser honrados de maneira especial. Essa honra pode ser demonstrada interiormente, respeitando-os e pensando bem deles; mas esses sentimentos também se manifestam exteriormente — por exemplo, saudando-os ou falando bem deles — e, assim, lhes mostramos uma honra exterior. Contudo, quando desejamos honrar uma pessoa de maneira particular, oferecemos a ela um presente ou um dom. Assim, nos tempos do feudalismo, quando o senhor visitava seus domínios, os habitantes lhe ofereciam presentes para testemunhar que o reconheciam como seu mestre. Eles o honravam como seu senhor.

Mas Deus é o nosso Senhor supremo. A Ele pertencemos de corpo e alma. Estamos sujeitos a Ele em todas as coisas. Portanto, devemos dar maior honra a Deus do que a todos os homens. Honramos a Deus interiormente ao pensar n'Ele com reverência e ao nos submeter à sua vontade. Honramos a Deus exteriormente ao demonstrar nossa reverência e submissão de forma visível, por exemplo, por meio de palavras, orações etc. Se mostramos respeito até mesmo aos homens não apenas com palavras, mas especialmente com presentes visíveis, quanto

mais não devemos honrar com oferendas a Deus, que é o Autor do nosso ser, a quem pertencem o céu, a terra e todas as coisas!

O sacrifício como ato de culto a Deus

Há, no entanto, uma grande diferença na maneira como oferecemos um presente ao homem e a Deus. Ao oferecer presentes aos homens, não lhes prestamos a mesma honra que prestamos a Deus. Quando oferecemos um presente a Deus, reconhecemos que Ele é nosso Senhor supremo, a quem pertencemos inteiramente; prestamos a Ele a maior honra — adoramo-l’O. Os presentes que oferecemos aos homens são simplesmente entregues, mas os presentes que oferecemos a Deus são destruídos. A destruição do objeto torna impossível a sua recuperação.

Nos tempos antigos, quando os judeus ofereciam um cordeiro, eles o traziam ao Templo; em seguida, ele era imolado pelo sacerdote, o sangue era derramado e o animal morto era queimado. Se o ofertante simplesmente tivesse entregado o cordeiro, ele teria apenas declarado: “O cordeiro pertence a Deus; e não apenas o cordeiro, senão também tudo que posuo eu o recebi de Deus, e Lho daria se Ele assim desejasse”. Contudo, pela matança e queima do cordeiro, expressa-se outro sentimento: “Deus é o Senhor sobre a vida e a morte deste cordeiro, sobre a vida e a morte de todas as criaturas e também sobre a minha vida. Eu deveria, propriamente falando,

entregar minha vida a Deus; mas, como Deus não o exige, eu agora Lhe ofereço, em lugar da minha vida, a vida deste cordeiro, mostrando assim que estou pronto, se Ele o desejar, a entregar também a minha vida por Ele”.

Como os dons ou sacrifícios que oferecemos a Deus conferem a maior honra e são sinais de adoração, tais sacrifícios só podem ser oferecidos a Deus.

O sacrifício religioso honra a Deus como Deus

O que é, então, um sacrifício no contexto do culto divino? Um sacrifício é o ato mais elevado da religião, no qual uma pessoa devidamente autorizada oferece a Deus algo sensível,¹ que é visivelmente imolado,² seja fisicamente ou misticamente, como reconhecimento do domínio de Deus sobre todas as coisas e de nossa total dependência d’Ele.

Aquele que realiza o sacrifício é chamado de sacerdote; o objeto sensível que é sacrificado é chamado de vítima; o lugar onde o sacrifício é realizado é o altar. Esses quatro elementos — sacerdote, vítima, altar e sacrifício — são inseparáveis. Cada um deles exige a presença dos outros.

A intenção de um sacrifício pode ser dar honra a Deus, agradecer-Lhe, pedir uma graça ou fazer expiação. A oferta de

1 Sensível: perceptível aos sentidos.

2 Imolado: morto como vítima sacrificial.

um sacrifício dá expressão exterior aos sentimentos do coração. O homem que possui um conhecimento adequado de Deus estará cheio de sentimentos de respeito, gratidão, confiança e contrição. Como faz parte da natureza humana manifestar exteriormente o que sente interiormente, ele dará expressão a esses sentimentos oferecendo algo que valoriza. Se aquele que oferece um sacrifício tem como único propósito honrar a Deus, chamamos esse ato de sacrifício de louvor. Mas se, além disso, tem a intenção particular de agradecer a Deus, oferece um sacrifício de ação de graças.

Quando o ofertante deseja algo específico de Deus, oferece um sacrifício de súplica. Se deseja apaziguar a Deus, a quem ofendeu pelo pecado, oferece um sacrifício de expiação.

O homem que crê em Deus entende perfeitamente que está obrigado, em consciência, a dedicar sua vida ao serviço de Deus, e, mais ainda, que Deus é digno de ser honrado até mesmo pelo sacrifício de sua própria vida. O homem expressa esses sentimentos do coração oferecendo sacrifícios. No lugar do sacrifício de sua própria vida, oferece outros objetos sensíveis. Ao destruí-los ou modificá-los de alguma forma, reconhece, por meio dessa destruição ou mudança, que Deus é o soberano Senhor da vida e da morte; declara que, se Deus assim exigisse, estaria disposto até mesmo a sacrificar sua própria vida para, dessa forma, render-Lhe a honra e a homenagem que somente Ele é digno de receber.

O sacrifício responde aos anseios da natureza humana

O sacrifício é a forma mais elevada de culto religioso. Ele é a expressão exterior da total dependência do homem em relação a Deus. Essa dependência absoluta do homem em relação ao seu Criador é manifestada na destruição ou transformação do objeto oferecido. Sem essa destruição ou transformação, pareceria que o homem não expressa adequadamente o seu reconhecimento interior de que Deus é o soberano Senhor da vida e da morte e, como tal, digno até mesmo de ser honrado pelo sacrifício da própria vida do homem, caso Ele o exigisse.

O homem manifesta instintivamente seus sentimentos interiores por meio de palavras e ações. A criança, já em tenra idade, demonstra seu apego e afeto pela mãe através de sinais exteriores. Os sentimentos mais elevados, santos, nobres e profundos da alma consciente de sua relação com Deus são os da suprema adoração que Lhe é devida. Ora, o único sinal exterior que, por si só, representa esses sentimentos é o sacrifício. Qualquer outro rito ou ato exterior de religião pode, por sua natureza, ser usado tanto para manifestar a reverência inferior devida às criaturas quanto para expressar o alto culto que é o direito inalienável de Deus. Podemos inclinar-nos, ajoelhar-nos ou prostrar-nos diante de criaturas, como o súdito no Oriente faz diante do trono do monarca. Podemos queimar incenso,

como faziam os sacerdotes judeus diante da arca da aliança, ou entoar “a harmonia de sons suaves” em honra aos santos e anjos. Contudo, se retirarmos o sacrifício, o culto religioso não possuirá nenhum sinal exterior que, por si só, expresse os elevados sentimentos dirigidos ao Governante do Universo, que são os mais obrigatórios para a humanidade.

Capítulo II:

O SACRIFÍCIO ANTES DO
TEMPO DE CRISTO

O sacrifício na era Patriarcal

É natural para o homem acreditar em um Ser Supremo. Também é natural que ele expresse os sentimentos nutridos em relação ao Governante do Universo. Por isso, verificamos que o costume de oferecer sacrifícios à Divindade é tão antigo quanto a própria raça humana. Na página inicial da história, lemos como Caim e Abel, os filhos de Adão, ofereceram sacrifícios ao Senhor: um oferecendo os frutos da terra, o outro imolando os primogênitos do rebanho. Da mesma forma, quando as águas do Dilúvio baixaram e Noé saiu da arca, seu primeiro ato foi oferecer holocaustos a Deus em ação de graças pela preservação de sua vida e da vida de sua família. Sacrifícios foram oferecidos por Abraão, Jó, Melquisedec e todos os homens de espírito religioso que viveram na era Patriarcal, antes que a Lei de Deus fosse promulgada no Monte Sinai.

O sacrifício entre os pagãos

As próprias nações gentias, “assentadas no vale e à sombra da morte”, não perderam completamente os raios das revelações e usos primordiais. Junto à noção de um Ser Supremo, elas preservaram universalmente a prática do sacrifício, fato que demonstra claramente que o sacrifício estava de acordo com o coração da natureza racional do homem. Entre todas as tribos e nações das quais a história nos deixou algum registro, encontramos duas instituições misteriosas: o sacrifício e o sacerdócio. Isso é tão universalmente verdadeiro que o historiador grego Plutarco, que viveu no segundo século antes de Cristo, não hesitou em dizer: “Pode-se encontrar cidades sem muralhas, sem literatura e sem artes e ciências da vida civilizada, mas nunca se encontrará uma cidade sem sacerdotes e altares ou que não tenha sacrifícios oferecidos aos deuses”.

Há no homem um instinto religioso, em razão do qual ele espontaneamente se aproxima, em pensamento e afeição, do Deus que o fez. Há também no homem uma tendência natural a expressar seus sentimentos religiosos pelo sacrifício de algo que lhe é caro e, assim, mostrar externamente sua total dependência do Autor de seu ser.

O sacrifício, portanto, era, mesmo sob a Lei Natural e entre os Patriarcas, desde o princípio do mundo, a forma essencial da religião. Que esses sacrifícios, quando oferecidos com as disposições adequadas do coração, eram agradáveis ao Todo-poderoso,

podemos deduzi-lo das Sagradas Escrituras, que nos dizem que “o Senhor olhou com agrado para Abel e para sua oblação” (Gn 4, 4). Do próprio fato de Deus ter demonstrado seu prazer em tais sacrifícios, somos naturalmente levados a crer que Ele mesmo havia ensinado os homens, desde o início, a adorarem-n’O dessa maneira. No entanto, essa revelação original a respeito do sacrifício — cujos vestígios são encontrados entre todas as nações — tornou-se muito corrompida com o passar do tempo. Portanto, a fim de ensinar os homens a adorá-l’O apropriadamente, Deus escolheu um povo particular ao qual deu instruções expressas e minuciosas sobre os sacrifícios que deviam oferecer.

O sacrifício entre o povo escolhido

Esse povo escolhido foi a nação judaica. Quando Iahweh Se manifestou em meio a trovões e relâmpagos no Monte Sinai e entregou a Moisés a Lei escrita gravada em tábuas de pedra, Ele também prescreveu os sacrifícios que Lhe agradava receber do povo de sua escolha (cf. Nm 28). Dentre essa nação, Deus escolheu uma família particular — a de Aarão — para oferecer esses sacrifícios. Esses sacrifícios eram de vários tipos. Em alguns, a vítima era apenas parcialmente consumida pelo fogo; em outros, totalmente.

O próprio Deus prescreveu minuciosamente todos os ritos e cerimônias a serem observados naquele ato mais solene de culto público (cf. Lv 1ss). O sacrifício não era apenas o

culto essencial de toda a nação, mas também o culto essencial de cada indivíduo. Sempre que um israelita cometia um pecado, era obrigado pela Lei de Deus a confessar esse pecado e a oferecer um sacrifício (cf. Lv 4). O pecador levava ao sacerdote o animal destinado ao sacrifício. Em seguida, colocava a mão sobre a cabeça da vítima, para reconhecer diante de Deus que aquele animal inocente estava destinado a carregar seus pecados e a morrer em seu lugar. O animal era então morto pelo sacerdote, e seu sangue era derramado ao redor do altar. Por meio disso, o pecador reconhecia que Deus era digno de ser honrado pelo sacrifício de sua própria vida, especialmente depois de tê-lo ofendido tão gravemente pelo pecado.

Muitos e diversos eram aqueles sacrifícios, compreendendo os frutos da terra e os primogênitos dos rebanhos; todos eles se agrupavam em torno daquele que era, por excelência, o sacrifício da Antiga Lei: a imolação do Cordeiro Pascal, que comemorava a libertação dos primogênitos de Israel da espada do Anjo Exterminador no Egito. A cada ano, no décimo dia do primeiro mês, o chefe de cada família devia procurar um cordeiro macho daquele ano, isento de qualquer mancha e defeito. Quatro dias depois, à mesma hora em cada casa, o cordeiro era sacrificado com o maior cuidado, de modo que nenhum osso fosse quebrado. Então era assado no fogo e servido com pão ázimo. Os israelitas deviam comê-lo às pressas, com os rins cingidos, sandálias nos pés e segurando varas nas mãos;

pois era a Páscoa, isto é, a Passagem do Senhor (cf. Ex 12). O sacrifício do cordeiro pascal não era apenas comemorativo de uma libertação passada. Ele também simbolizava uma redenção futura. Era o tipo (prefiguração) de outro sacrifício, em que o Cordeiro Imaculado de Deus seria imolado no altar da Cruz, para a redenção da raça humana da morte do pecado e para a libertação da humanidade do jugo de Satanás.

Necessidade de um sacrifício perpétuo

Como o sacrifício foi instituído pelo próprio Deus no início do mundo para os fins mais sagrados, nunca deveria cessar.

O sacrifício contínuo e diário ordenado pelo próprio Deus foi mantido até a vinda do Redentor. Enquanto o Templo permanecesse, o fogo no altar nunca se extinguiria (cf. Lv 6, 6), o sangue das vítimas nunca deixaria de fluir, a fumaça dos sacrifícios subiria continuamente a Deus como testemunho da lealdade do povo. Àquele que disse: “Eu sou o Senhor, teu Deus” e como penhor de sua esperança no Redentor, que Se sacrificaria pelos pecados do mundo.

Aqui, então, temos os anseios de nossa natureza racional, a prática moralmente universal da humanidade e a sanção de Deus — tudo a favor do sacrifício. O número daqueles que aboliram o rito sacrificial pesa apenas como um pouco de pó na balança contra as incontáveis gerações que o usaram como o único meio adequado e digno de adorar a Deus.

Capítulo III:

O SACRIFÍCIO DA CRUZ

Os sacrifícios da Antiga Lei eram simbólicos

Sacrifícios eram oferecidos a Deus em todos os tempos. No próprio limiar do Paraíso, vemos a fumaça do sacrifício ascendendo ao céu. Sacrifícios eram oferecidos por todas as nações, como diz Plutarco: “Nunca se encontrará uma cidade que não tenha sacrifícios oferecidos aos deuses”. O sacrifício foi ordenado pelo próprio Deus. Sacrifícios sangrentos eram oferecidos para manter presente na mente do homem a lembrança de sua dependência da divina providência; de sua pecaminosidade, em consequência da qual era merecedor da morte; e da promessa de um Redentor, que, pelo derramamento de seu Sangue, expiaria o pecado.

A vítima que era imolada representava o pecador. Ao imolar a vítima, o pecador reconhecia publicamente que, por seus pecados, merecia a morte. A vítima também representava a vítima divina, que, por sua morte, fazia reparação pelo pecado. Esses sacrifícios de sangue serviam para preparar a humanidade para as coisas melhores que seriam reveladas por meio do Redentor. Eram emblemas ou lembretes do futuro grande sacrifício.

Usamos o crucifixo como uma recordação do grande Sacrifício de Cristo na Cruz. Ele se refere a um evento passado.

Os sacrifícios oferecidos antes que Cristo viesse ao mundo também eram figuras ou lembretes de Cristo crucificado. Eles apontavam antecipadamente para sua morte, mostravam aos homens que Ele viria e morreria. Derivavam todo o seu mérito do Sacrifício do Calvário e foram por ele substituídos, quando esse sacrifício se tornou um fato consumado, assim como as sombras devem desvanecer-se e desaparecer diante do brilho do sol do meio-dia.

Por serem simbólicos, foram abolidos

Nossa razão nos diz que todo o sangue derramado de ovelhas e bois, por si só, não poderia servir para Deus como satisfação pelos pecados cometidos pela humanidade. “Pois é impossível”, diz São Paulo, “que o sangue de touros e de carneiros tire pecados” (Hb 10, 4). O sangue de animais sem pecado só poderia expiar o pecado na medida em que o sacrifício desses animais fosse ordenado por Deus, representasse as intenções do coração humano e simbolizasse o precioso Sangue do Redentor prometido.

Quando a realidade apareceu, pôs de lado a figura. Chegou o tempo em que os muitos e variados sacrifícios da Antiga Lei já não eram agradáveis a Deus. Por isso, quando o Ungido do Senhor veio ao mundo, dirigiu-Se ao Deus dos Exércitos: “[...]”

Não quiseste sacrifício nem oblação, mas me formaste um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradam. Então, eu disse: Eis que venho (porque é de mim que está escrito no rolo do livro), *venho, ó Deus, para fazer a tua vontade* (Sl 39, 7ss). Disse primeiro: *Tu não quiseste, tu não recebeste com agrado os sacrifícios nem as ofertas, nem os holocaustos, nem as vítimas pelo pecado* (quer dizer, as imolações legais). Em seguida, juntou: *Eis que venho para fazer a tua vontade*. Assim, aboliu o antigo regime e estabeleceu uma nova economia” (Hb 10, 5-9). Isso era como se Ele tivesse dito: “Eu venho para me oferecer como um sacrifício aceitável pelos pecados do mundo”.

“Olhai humildemente para cima; vede a Sua vontade se revelar,
A pena primeiro, e depois a multa impor,
Uma multa que tua pobreza nunca poderia pagar,
Se a Sabedoria Eterna não tivesse encontrado o caminho
E com ira celestial suprido o estoque —
Sua justiça impõe a multa, Sua misericórdia quita a conta.”³

Os ritos e sacrifícios proféticos da Antiga Lei foram cumpridos pelo Sacrifício de Cristo na Cruz. A profecia de

3 No original: “Look humbly upward; see His will disclose, / The forfeit first, and then the fine impose, / A mulct thy poverty could never pay / Had not Eternal Wisdom found the way, / And with celestial wrath supplied the store — / His justice makes the fine, His mercy quits the score.” (O Autor não citou a fonte.) — N. do T.

Malaquias anunciando a abolição dos sacrifícios judaicos foi cumprida: “Não tenho nenhuma complacência convosco — diz o Senhor dos exércitos — e nenhuma oferta de vossas mãos me é agradável” (Ml 1, 10).

O Sacrifício da Cruz, um verdadeiro sacrifício

O grande sacrifício da Nova Lei é o próprio Filho de Deus, que, por sua morte na Cruz, Se ofereceu a seu Pai Celestial por nossos pecados. São Paulo ensina que Cristo Se ofereceu como sacrifício na Cruz quando, em referência ao derramamento de seu Sangue, diz que Cristo “[...] se ofereceu como vítima sem mácula a Deus [...]” (Hb 9, 14). A morte de Cristo na Cruz foi, em todos os sentidos, um verdadeiro sacrifício. Na Cruz encontramos os elementos essenciais de um verdadeiro sacrifício: sacerdote, vítima e imolação. Neste sacrifício, Cristo é o sacerdote, pois foi Ele quem o ofereceu. Ele é a vítima, pois foi Ele quem se ofereceu. Ele Se imola entregando-Se livremente nas mãos de seus algozes. Sua vontade, assim, se realizou no ato exterior da morte.

Somente este sacrifício honrou devidamente a Deus. Quem o ofereceu? O Filho de Deus: aquele com quem Deus é totalmente complacente. O que Ele ofereceu? Um dom verdadeiramente digno de Deus, um dom divino: a Si mesmo. Neste sacrifício vemos a redenção do homem, a reconciliação da terra com o céu. No Calvário, a justiça e a misericórdia

encontraram-se e beijaram-se. Com este sacrifício, as profecias chegam ao fim, mas os memoriais começam. Assim como as primeiras ansiavam pelo Cristo profetizado, assim os últimos recordarão o Cristo consumado. “Cristo ofereceu pelos pecados um único sacrifício e logo em seguida tomou lugar para sempre à direita de Deus” (Hb 10, 12).

Todo sacrifício cessaria com a morte de Cristo?

O sacrifício da Nova Lei é Jesus Cristo, que, por sua morte na Cruz, Se ofereceu a seu Pai Celestial por nós. Ele ofereceu sua vida em sacrifício apenas uma única vez dessa maneira. Este sacrifício redentor foi oferecido uma vez: “Como está determinado que os homens morram uma só vez, e logo em seguida vem o juízo, assim Cristo se ofereceu uma só vez para tomar sobre si os pecados da multidão [...]” (Hb 9, 27s). Este sacrifício redentor não foi, não é e não pode ser repetido.

Este seria, então, o fim do sacrifício? Não, pois na Nova Lei haveria um sacrifício perpétuo.

A oferta do sacrifício é a melhor e mais excelente maneira de honrar a Deus. Se o Cristianismo não tivesse o sacrifício, a religião cristã seria imperfeita, pois o sacrifício é a única expressão adequada e visível dessa suprema adoração devida a Deus. O Cristianismo, sem o sacrifício, seria inferior em sua adoração à religião Patriarcal. A perfeição da religião cristã exige o

sacrifício. O Cristianismo, sendo perfeito em todos os outros aspectos, deve ter um culto externo igualmente perfeito.

Mas o Cristianismo tem o Sacrifício da Cruz! Isso não basta? Sim, como sacrifício redentor, mas não como sacrifício contínuo, a menos que suponhamos que seja perpetuado. A Cruz é o sacrifício expiatório ou redentor e, como tal, é tanto propriedade da religião mosaica quanto da cristã. Mas a razão nos diz que deve haver um sacrifício contínuo. Os cristãos também têm de ter um sinal substancial da homenagem que devem prestar a Deus e que durará enquanto durar o culto religioso do qual é a perfeição e a coroa. Se o sacrifício fosse útil apenas como o preço de nosso resgate do pecado, então “o único sacrifício uma vez oferecido” seria suficiente. Então não haveria necessidade de sacrifícios contínuos. No entanto, o sacrifício é útil e necessário para outros propósitos: louvar a Deus, agradecer-Lhe, dirigir-Lhe súplicas, representar continuamente o que foi uma vez realizado na Cruz e aplicar os frutos disso às nossas almas.

A razão exige um sacrifício perpétuo para a perfeição do culto cristão. As Sagradas Escrituras também falam de um sacrifício contínuo que aplicaria individualmente a nós os frutos do sacrifício redentor e, nesse sentido, seria sua perpetuação.

Deus predisse pelo profeta Malaquias que um verdadeiro sacrifício seria oferecido a Ele por todo o mundo. “Não tenho nenhuma complacência convosco — diz o Senhor dos exércitos — e nenhuma oferta de vossas mãos me é agradável.

Porque, do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações e em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios e oblações puras” (Ml 1, 10s). Esta oblação⁴ só pode ser o Sacrifício de Cristo, pois somente este é totalmente puro, santo e agradável a Deus. Mas será que o sacrifício profetizado é o Sacrifício da Cruz? Não; pois este foi oferecido apenas em um lugar, no Monte Calvário, e em um dia; enquanto que o novo sacrifício deve ser oferecido em todos os lugares e em todos os tempos.

Davi, em seu salmo 109, e São Paulo, no capítulo 7 de sua carta aos Hebreus, chamam Cristo de “sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec”. Essas palavras indicam que Cristo sempre oferecerá, até o fim do mundo, um sacrifício semelhante ao de Melquisedec. Cristo é chamado de sacerdote. O principal ofício de um sacerdote é oferecer sacrifícios. Ele é chamado de sacerdote eternamente. Mostra-se, assim, que Cristo sempre oferecerá um sacrifício. Ele é chamado de sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, mas uma oferenda sob as aparências de pão e vinho era a característica do sacerdote de Melquisedec (cf. Gn 14). Essas palavras se referem ao Sacrifício de Cristo na Cruz? Não; pois ali Ele sofreu apenas uma vez; ali Ele sacrificou de maneira cruenta.

4 Oblação (do lat. *oblatio*, *onis*, “oferenda, doação”): uma oferenda ou, particularmente, o ato pelo qual a vítima de um sacrifício é oferecida a Deus.

Antes da vinda do Redentor, existiam dois tipos distintos de sacrifício: o cruento — o sacrifício de animais — e o incruento — o sacrifício de pão e vinho ou dos frutos da terra. Cristo Se ofereceu sob as aparências de pão e vinho segundo o rito de Melquisedec, na Última Ceia. No dia seguinte, Ele Se ofereceu de maneira cruenta no Calvário. Assim, Ele uniu os dois tipos de sacrifício da Antiga Lei no único sacrifício adorável de seu Corpo e Sangue, que Ele ofereceu sob as aparências de pão e vinho na Última Ceia.

Tendo em mente, portanto, que a oferenda do sacrifício é ditada pela própria natureza do homem e que, por uma ordenança divina, os sacrifícios da Antiga Lei deveriam ser abolidos e sucedidos pela oblação de uma vítima limpa (pura e sem pecado) em todo lugar, desde o nascente até o poente, concluímos necessariamente que a religião cristã — que não é senão a conclusão e a perfeição de toda a verdadeira religião que existiu antes de Cristo⁵ — também deve ter seu sacrifício, em que é imolada uma vítima que é cara ao homem e aceitável a Deus.

5 Cf. as palavras do Concílio de Trento: “Esta [a Missa] é, em suma, aquela oblação prefigurada pelos vários tipos de sacrifícios nos tempos da lei natural e da lei escrita, já que encerra todos os bens que aqueles significavam, como consumação e perfeição de todos eles” (sessão XXII, cap. I).

Capítulo IV:
O SACRIFÍCIO DA MISSA

A Missa é o sacrifício perpétuo

A religião cristã foi instituída pela autoimolação de uma vítima divina no altar da Cruz. Enquanto esta religião perfeita perdurar, deve haver um altar no qual o Todo-poderoso seja devidamente honrado. E vimos que a vítima do Calvário seria repetidamente oferecida — de maneira incruenta — até o fim dos tempos, pois somente esta vítima é uma oblação pura, sempre aceitável a Deus. Somente ela tem o poder de aplacar a majestade divina ofendida e, assim, substituir o sacrifício da Antiga Lei. Apenas ela pode ser apontada como o cumprimento da profecia de Malaquias: “Porque, do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações e em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios e oblações puras” (Ml 1, 11). Por essa razão, os cristãos de hoje devem ser capazes de dizer, assim como os cristãos do tempo de São Paulo: “Temos um altar [...]” (Hb 13, 10). Se há um altar, deve haver um sacrifício. Este sacrifício, para ser agradável a Deus, não pode ser outro senão o sacrifício do próprio

Cristo; e este sacrifício, como ensina a Igreja Católica, está presente na Missa.

A Missa é um sacrifício verdadeiro

“A Missa, segundo a doutrina católica, é uma comemoração do Sacrifício da Cruz, pois, sempre que a celebramos, lembramos ‘a morte do Senhor, até que venha’ (1Cor 11, 26). Ao mesmo tempo, não é uma simples comemoração daquele outro sacrifício, pois é, em si mesma, um verdadeiro sacrifício no sentido estrito do termo. É um verdadeiro sacrifício, porque possui todos os elementos essenciais de um sacrifício autêntico: seu sacerdote, Jesus Cristo, atuando através do ministério de um representante terreno; sua vítima, Jesus Cristo, verdadeiramente presente sob as aparências de pão e vinho; sua oferta sacrificial, o rito místico da Consagração. E é uma comemoração do Sacrifício da Cruz, porque, sendo seu sacerdote o mesmo sacerdote do Calvário, sua vítima a mesma vítima do Calvário e seu modo de oferecimento uma representação mística do derramamento de sangue no Calvário, também o objetivo para o qual é oferecida é continuar a obra do Calvário, intercedendo pelas almas dos homens para que os méritos consumados na Cruz lhes sejam aplicados.” (Cardeal Herbert Vaughan, *A Vindication of the Bull Apostolicae Curae: a Letter on Anglican Orders*, 1898).

A imolação da vítima que ocorre na Missa e é essencial para todo verdadeiro sacrifício é explicada no Capítulo V, sob o título “A imolação na Missa”.

A Missa foi instituída por Cristo

A Missa foi instituída por Cristo na Última Ceia, na primeira Quinta-feira Santa. O primeiro Santo Sacrifício da Missa foi celebrado na véspera da Paixão. É claro que Jesus não utilizou as mesmas orações e cerimônias que o sacerdote emprega hoje ao celebrar a Missa. Mas, nas partes principais, Jesus fez exatamente o que o sacerdote faz atualmente. Ele tomou pão e vinho, abençoou-os e consagrou-os.

A ação de nosso Senhor na Última Ceia foi um verdadeiro sacrifício. Ali, Ele ofereceu a Si mesmo de maneira incruenta: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós” (Lc 22, 19). “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22, 20). Nosso Senhor fala no presente, e não apenas no futuro. O “derramamento de sangue” ou “efusão de sangue” ocorreu ali mesmo, naquele momento, de maneira misteriosa. E Ele ordenou aos seus Apóstolos que fizessem o que Ele havia feito: “Fazei isto” — ou seja, a mesma coisa que Eu fiz: transformai também o pão e o vinho em meu Corpo e Sangue e oferecei-os ao Pai Celestial (cf. Lc 22, 19; 1Cor 11, 24). Cristo, portanto, ordenou aos seus Apóstolos que celebrassem a Missa a partir de então. Quando nosso Senhor disse: “Fazei isto em

memória de mim” (Lc 22, 19), Ele Se fez uma vítima perpétua, assim como já era sacerdote segundo a ordem de Melquisedec. São Paulo indica isso claramente ao afirmar: “Assim, todas as vezes que comeis desse pão e bebeis desse cálice lembrais a morte do Senhor, até que venha” (1Cor 11, 26).

A Missa, um memorial

O sacrifício incruento deveria, em primeiro lugar, ser um memorial do sacrifício sangrento de Cristo, assim como monumentos são erguidos para comemorar grandes eventos. Dado que o maior evento da história humana é a redenção do homem, o que poderia ser mais natural do que Cristo deixar a seus seguidores um memorial perpétuo desse prodígio? Já se passaram dois mil anos desde que nosso bendito Salvador morreu na Cruz por nós. Nosso Senhor sabia bem que os homens tendem a esquecer favores, especialmente os do passado distante. Que contraste entre o “Hosana ao Filho de Davi” e o “fora com este homem. Crucifica-O!”. Que contraste entre estender mantos pelo caminho diante d’Ele e despojá-l’O de suas vestes, lançando sorte sobre elas e vestindo-O com o manto escarlate da zombaria! Que contraste entre espalhar ramos de palmeira por onde Ele passava e entrelaçar uma coroa de espinhos para sua cabeça! Que contraste entre o “Rei de Israel” e o “não temos outro rei senão César!”. Nosso Senhor conhecia essa inconstância da mente e do coração humanos. E, para que não nos esquecêssemos, Ele

disse: “Fazei isto em memória de mim”. Assim, sempre que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos a morte do Senhor. Por isso, Santo Tomás afirma: “Neste sacrifício incruento temos um compêndio de todas as suas maravilhas e um monumento permanente de todos os seus prodígios”.

Um canal de graça

A Missa não é apenas um memorial do sacrifício sangrento no Calvário; ela é, em segundo lugar, um canal de graça. Cristo mereceu todas as graças e bênçãos para nós por sua morte na Cruz. Esses méritos constituem uma fonte inesgotável, cujas águas puras e espirituais nutrem a vida sobrenatural das almas — e somente daquelas almas — às quais tais méritos são aplicados. Por essa razão, Jesus não apenas mereceu todas as graças para nós, mas também instituiu certos canais pelos quais essas graças nos são comunicadas. Esses canais são os sacramentos e o Sacrifício da Missa.

Mas São Paulo nos diz enfaticamente que Cristo, na Cruz, redimiu todas as pessoas de todos os tempos: “Sem levar consigo o sangue de carneiros ou novilhos, mas com seu próprio sangue, entrou de uma vez por todas no santuário, adquirindo-nos uma redenção eterna” (Hb 9, 12). De fato, São Paulo falou assim. Mas isso não significa que o homem seja, subitamente e sem a cooperação de sua própria vontade, reconduzido ao estado de inocência desfrutado por nossos primeiros pais antes da queda.

Não significa que o homem esteja dispensado da necessidade de trabalhar para receber, ele mesmo, os frutos da redenção. Caso contrário, as crianças não precisariam do Batismo; não haveria necessidade de uma Igreja. A plenitude mencionada por São Paulo pode, portanto, referir-se apenas ao aspecto objetivo da redenção, que não dispensa, mas, ao contrário, exige as devidas disposições subjetivas. O sacrifício oferecido uma vez na Cruz encheu os reservatórios infinitos até o transbordamento com águas curativas; mas aqueles que têm sede de justiça⁶ devem vir e retirar aquilo de que precisam para saciar sua sede.

Reconhecemos que todos os méritos da redenção da humanidade derivam da morte do Filho de Deus. Portanto, quando, na celebração dos mistérios divinos, dizemos: “Oferecemos a Vós esta santa vítima”, não pretendemos, com esta oblação, apresentar a Deus um novo pagamento do preço de nossa salvação, mas oferecer-Lhe, em nosso favor, os méritos de Jesus presente e aquele preço infinito que Ele uma vez pagou por nós na Cruz.

Quão injusta, então, é a censura de que a Missa obscurece o Sacrifício da Cruz! Não seria absurdo dizer que desejar o Batismo seria colocar a confiança na água em vez de no sangue do Redentor e, assim, menosprezar os méritos de Cristo?

⁶ Justiça significa retidão, santidade. Tal estado é infundido na alma pela Graça Santificante, que é a própria vida sobrenatural de Deus no homem.

É igualmente absurdo afirmar que os católicos, pelo Sacrifício da Missa diário, obscurecem a glória do Sacrifício da Cruz e diminuem sua dignidade; pois é precisamente por esse meio que participamos do Sacrifício da Cruz. Longe de diminuir o Sacrifício do Calvário, a Missa apenas o torna mais próximo de nós, renovando e estendendo seus efeitos em nós de uma maneira admirável.

O Sacrifício da Cruz é o único sol que dá vida, luz e calor a tudo; os sacramentos e a Missa são apenas os planetas que giram ao redor desse corpo central. Retire o sol, e tanto a Missa quanto os sacramentos são aniquilados. Por outro lado, sem a Missa e os sacramentos, o Sacrifício da Cruz reinaria de maneira tão independente quanto, hipoteticamente, o sol sem os planetas. Estamos, portanto, muito longe de acreditar que algo falte ao Sacrifício da Cruz. Consideramos este sacrifício tão plenamente suficiente que tudo o que foi posteriormente acrescentado foi instituído para celebrar sua memória e aplicar seus méritos e dons. É ensinamento expresso da Igreja (cf. Concílio de Trento, sessão XXII, cap. I) que a Missa é, em sua própria natureza, uma “comemoração” e uma “aplicação” do Sacrifício da Cruz. A obra de santificação, iniciada no Calvário, é assim continuada e completada no altar cristão. No Calvário foi realizada a redenção do homem caído; em nossos altares, promove-se a santificação pessoal dos já redimidos. No Calvário foram merecidas as graças que tornam a salvação possível; em nossos altares, essas graças são oferecidas à alma fiel.

Capítulo V:

A RELAÇÃO ENTRE O SACRIFÍCIO DA MISSA E O SACRIFÍCIO DA CRUZ

O Sacrifício da Missa é o mesmo que o Sacrifício da Cruz

São Paulo afirma que Cristo Se ofereceu apenas uma vez (cf. Hb 7, 27). O Cristianismo tem apenas um sacrifício, que é o sacrifício redentor realizado uma vez por todas na Cruz. Se a Missa é um verdadeiro sacrifício, então deve ser o mesmo que o Sacrifício da Cruz. E é o mesmo, porque há uma identidade numérica no sacerdote que oferece os dois sacrifícios e na vítima divina que é oferecida; assim, em tudo que é indispensável ao sacrifício — um sacerdote e uma vítima — os dois sacrifícios são essencialmente um e o mesmo. É o mesmo aquele que oferece o sacrifício — Jesus Cristo. Ele oferece o mesmo dom — seu Corpo e seu Sangue. Ele o oferece ao mesmo destinatário — seu Pai Celestial. Ele o oferece para os mesmos fins — honrar e aplacar a Deus, bem como nos conceder graças. Ele faz isso não para nos redimir novamente nem para adquirir novas graças para nós — isso Ele realizou na Cruz —, mas para

que o Pai, por causa de sua morte, nos conceda as graças que Ele mereceu.

O Sacrifício da Missa, portanto, é essencialmente o mesmo que o Sacrifício da Cruz. Aquilo que propriamente pertence a um sacrifício é o mesmo em ambos. Temos o mesmo sacerdote em ambos — Jesus Cristo. Temos a mesma vítima em ambos — Jesus Cristo. O que difere é a maneira de oferecimento, ou seja, o modo como Jesus Se oferece.

“No Divino Sacrifício da Missa”, afirma o Concílio de Trento, “o mesmo Cristo está contido, e é imolado de maneira incruenta aquele que, no altar da Cruz, ofereceu-Se uma vez de maneira cruenta. É uma e a mesma vítima, o mesmo Cristo oferecendo-Se por meio do ministério do sacerdote, aquele que então Se ofereceu na Cruz, sendo diferente apenas o modo de oferecimento” (sessão XXII, cap. II).

Cristo é o sacerdote

A Missa é o mesmo que o Sacrifício da Cruz, porque o sacerdote é o mesmo em ambos. Segundo a crença universal, um sacerdote é aquele que é designado para estar entre Deus e o povo. Ele deve cumprir dois tipos de dever — um em relação a Deus e outro em relação aos homens. Ele é designado para oferecer aquele supremo ato de culto público e externo que é devido somente a Deus e consiste no sacrifício. Ele tem deveres positivos em relação aos homens. Está obrigado

a ensiná-los e instruí-los em tudo que diz respeito à salvação de suas almas.

Nosso Senhor é um sacerdote no sentido pleno e literal do termo. A descrição do sacerdócio dada por São Paulo verifica-se estritamente em Jesus Cristo: “Em verdade, todo pontífice é escolhido entre os homens e constituído a favor dos homens como mediador nas coisas que dizem respeito a Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados” (Hb 5, 1). Por quem Ele foi ordenado para estar como sacerdote entre Deus e os homens? Nenhuma mão humana jamais foi imposta sobre sua cabeça, nenhuma unção terrena jamais foi derramada sobre Ele. Tampouco Ele “assumiu para si a honra”, pois “[...] Cristo não se atribuiu a si mesmo a glória de ser pontífice. Esta lhe foi dada por aquele que lhe disse: *Tu és meu Filho, eu hoje te gerei* (Sl 2, 7), como também diz em outra passagem: *Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec* (Sl 109, 4)” (Hb 5, 5s).

Durante os trinta e três anos de vida de nosso Senhor, o Altar da Crucificação nunca esteve fora de sua visão, nem por um instante. Ele ansiava pela realização do sacrifício. Na véspera de sua morte, como legislador e sacerdote, Ele instituiu para sempre e ofereceu pela primeira vez o sacrifício incruento, o Sacrifício da Missa; em seguida, saiu imediatamente para oferecer o mesmo sacrifício de Si mesmo de maneira cruenta na Cruz.

Cristo, o único sacerdote

Agora existe apenas um sacerdote, uma vítima, um sacrifício, um altar. Não existem, então, sacerdotes hoje? Cristo não possui uma sucessão de sacerdotes que ofereçam, em nome próprio, seus próprios sacrifícios, como no Antigo Testamento. Mas aqueles que são devidamente ordenados participam do sacerdócio de Cristo, recebendo aquela certa, porém limitada, comunicação de seu poder que Ele Se digna de conceder. Não é o sacerdócio deles, mas o de Cristo que recebem e exercem. Por isso, são chamados ministros de Cristo, significando que, quando ensinam, absolvem e oferecem sacrifícios, estão cumprindo o sagrado ofício⁷ sacerdotal de Cristo.

Cristo, sacerdote eternamente

Sendo “[...] sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (Sl 109, 4), nosso Senhor deve, de alguma forma, oferecer durante todo o tempo o sacrifício do qual o de Melquisedec era figura. Ora, Melquisedec ofereceu um sacrifício de pão e vinho. Cristo, portanto, deve oferecer durante todo o tempo um sacrifício sob as aparências de pão e vinho. É isso que Ele realiza efetivamente na Missa.

7 O sacerdote católico é chamado *alter Christus*, outro Cristo.

Ele é o Sumo Sacerdote e ofertante da Missa, não apenas porque instituiu o Sacrifício da Missa, nem somente porque seu valor e suas graças derivam d'Ele e dependem exclusivamente d'Ele, mas porque somente Ele é perfeita e absolutamente competente para oferecê-lo. Duas coisas são necessárias para o perfeito exercício do ofício sacrificial: 1) que o ato de imolação esteja sob o poder do sacerdote e dependa de sua vontade; 2) que ele próprio, tendo sido devidamente designado para fazê-lo, ofereça o sacrifício a Deus.

Na Missa, o ato de imolação ou Consagração exige o exercício do poder divino. Trata-se de um milagre que transcende todo poder humano e criado. Deus dignou-Se dispor da sagrada humanidade do Filho Eterno como seu instrumento para a realização desse milagre extraordinário, fazendo de Jesus Cristo, em sua sagrada humanidade, um sacerdote sacrificador até o fim dos tempos.

Cristo, portanto, é o Sumo Sacerdote, embora tenha Se dignado de associar a Si mesmo, como sacerdotes ou agentes secundários, os Apóstolos e seus sucessores. Ele fez isso para que seu sacrifício fosse sempre visível; “o próprio Cristo”, como declara o Concílio de Trento, “agora oferecendo pelo ministério dos sacerdotes” (sessão XXII, cap. II).

Por isso as palavras da Consagração são corretamente pronunciadas em nome de Cristo, sendo Ele o ofertante principal, e não em nome do ofertante secundário, que age como

seu agente oficial. “Que os homens nos considerem, pois, como simples operários de Cristo e administradores dos mistérios de Deus” (1Cor 4, 1). Assumindo a pessoa de Cristo na Consagração, o ministro não diz: “Este é o Corpo de Cristo”, mas: “Este é o meu Corpo”.

O erudito Santo Alcuíno de Iorque, no século VIII, expressou precisamente a fé de toda a cristandade ao escrever estas palavras em sua profissão de fé católica: “Embora, com os olhos do corpo, eu veja o sacerdote no altar de Deus oferecendo pão e vinho, pelo fundamento da fé e na luz pura da alma, vejo distintamente aquele grande Sumo Sacerdote, o Senhor Jesus Cristo, oferecendo-Se a Si mesmo”.

Cristo é a vítima

O Sacrifício da Missa é o mesmo que o Sacrifício da Cruz, porque a vítima é a mesma em ambos. A vítima é aquilo que é oferecido. A vítima oferecida no Calvário foi Jesus Cristo. A vítima no Sacrifício da Missa é o mesmo Jesus Cristo. “Quem é sacerdote”, diz Santo Agostinho, “senão o único sacerdote que penetrou no Santo dos Santos? Quem é este sacerdote, senão aquele que simultaneamente foi vítima e sacerdote? Senão aquele que, nada encontrando no mundo de puro para oferecer, ofereceu-Se a Si mesmo?” (de *Enarrationes in psalmos* — comentário ao Sl 132). Porque não havia nada na criação capaz de oferecer à majestade

divina um ato adequado de adoração, nada capaz de satisfazer a Justiça Infinita pelos nossos pecados, nenhuma vítima capaz de pagar o preço de nossa redenção, o Filho de Deus assumiu uma natureza humana e assim ofereceu-Se a Si mesmo. “[...] *Não quiseste sacrifício nem oblação* [de vítimas terrenas], *mas me formaste um corpo. Então, eu disse: Eis que venho* [...]” (Hb 10, 5.7).

Para compreender como Cristo é a vítima no Sacrifício da Missa, será necessário saber como Ele Se torna presente no altar. A Igreja ensina que Ele Se torna presente por meio da transubstanciação. Transubstanciação é a conversão de toda a substância do pão no Corpo de Cristo e de toda a substância do vinho no Sangue de Cristo.

Em todos os objetos, distinguimos a substância e seus “acidentes”, isto é, aparências (qualidades e quantidades). A diferença entre substância e acidentes é facilmente perceptível na água. Um copo de água diante de nossos olhos pode assumir várias aparências perceptíveis aos sentidos. A água pode estar em estado líquido; pode tornar-se gelo; pode ser reduzida a vapor por meio do calor. Assim, observamos muitas mudanças na aparência da água, mas sua substância — aquilo que permanece (do lat. *stare*) ou está sob (do lat. *sub*) essas várias aparências — permanece a mesma.

Podemos falar de três tipos diferentes de conversões ou mudanças:

1) Uma conversão ou mudança accidental, que afeta apenas os acidentes de um corpo, por exemplo, a Transfiguração de Cristo no Monte Tabor.

2) Uma conversão ou mudança substancial, que afeta tanto a substância quanto os acidentes, por exemplo, a transformação de alimento em sangue.

3) Uma mudança ou conversão transsubstancial, pela qual apenas a substância é convertida em outra, permanecendo os acidentes os mesmos. Tal mudança ocorreria se madeira fosse milagrosamente convertida em ferro, com a substância do ferro permanecendo oculta sob a aparência externa de madeira.

Tal mudança, a fé nos diz, ocorre na Consagração da Missa. É chamada de mudança transsubstancial porque vai além, é mais do que uma mudança substancial. A palavra latina para “além” é *trans*. Cristo realizou tal mudança na Última Ceia. Ele segurou o pão em suas mãos e disse: “Isto é o meu Corpo”. Segundo a palavra de Cristo, temos aqui a conversão da substância do pão na substância do seu Corpo, permanecendo, contudo, os acidentes ou a aparência do pão. Cristo, sendo Deus, podia operar tal mudança. Tendo Ele mesmo esse poder, podia concedê-lo a outros. Foi o que fez ao dizer: “Fazei isto em memória de mim”. Esse poder, que os Apóstolos receberam diretamente de Cristo, é transmitido através do sacramento da Ordem.

Os dois modos de existência de Cristo

Quando meditamos sobre a presença de Cristo na Eucaristia, surge em nossas mentes a pergunta: Como Cristo pode estar presente no céu e em milhares de altares ao redor do mundo?

Cristo possui seu modo natural de existência no céu. Nele, todas as características e faculdades de seu Corpo e Alma sagrados são manifestamente glorificadas à vista dos anjos e santos. Tamanha é a indescritível luz da glória que emana da sagrada humanidade de Cristo que a Cidade Celeste não necessita do sol para iluminá-la, pois o Cordeiro é a sua lâmpada (cf. Ap 21). Contemplá-l'O em sua glória, falar com Ele, estar unido a Ele é ser bem-aventurado:

“Ó júbilo! Ó inefável felicidade!
De paz ó vida inteira e de ternura!
Riqueza certa, isenta de ansiedade!”⁸

Mas, além desse modo natural de existência, nosso Senhor possui outro, criado pelos inesgotáveis recursos de seu amor na Última Ceia. É o seu modo sacramental de existência. Na Última Ceia, os Apóstolos contemplaram Cristo tanto em seu modo natural quanto em seu modo sacramental de existência.

8 Versos 7 a 9 do canto XXVII d'*A Divina Comédia, Paraíso* de Dante Alighieri, na tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. [N. do T.]

Em seu modo sacramental de existência, Cristo Se digna de habitar em nosso meio, não na forma de homem, mas sob as humildes aparências de pão e vinho.

Cristo não multiplica seu Corpo proporcionalmente à quantidade de sagradas Hóstias (do lat. *hostia, ae*, “vítima expiatória”). Cristo não é multiplicado, mas sim sua presença, ou seja, sua relação com as várias Hóstias e suas partículas.

Na natureza, encontramos certos objetos que nos surpreendem ao transgredir quase todos os limites do espaço. Tome, por exemplo, a luz. Os cientistas nos dizem que a luz se move a uma velocidade de quase 300.000 quilômetros por segundo. Em um único segundo, portanto, a luz percorre uma distância superior a seis vezes a circunferência do globo. Pense no telégrafo e reflita que, em um único segundo, a corrente elétrica percorre quase 500.000 quilômetros de espaço, dez vezes a volta ao mundo. Se, nas forças da natureza inanimada, contemplamos fenômenos tão notáveis, o que não podemos esperar como possível em relação ao glorioso Corpo de Cristo? Não há absolutamente nenhum limite de espaço ou distância para o Corpo de nosso Senhor. Ele está presente onde quer que a Vontade Divina determine.

A presença do glorioso Corpo de Cristo em tantas Hóstias não é distinta daquela de um pensamento ou conceito, que, assim que é expresso pela boca de um falante, é transmitido instantaneamente às mentes dos ouvintes.

Portanto, sustentamos: é o próprio sacratíssimo Corpo de nosso Senhor — único, indiviso e não multiplicado — que está presente sob todas aquelas formas de pão (isto é, aquelas muitas Hóstias) às quais Ele foi chamado pelas palavras onipotentes da Consagração. E, enquanto a aparência do pão permanece, Cristo permanece presente.

Este modo sacramental de existência lembra-nos forçosamente da Encarnação. Por ela, “sendo ele [o Filho] de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2, 6ss). E o fez sem abdicar de sua Divindade ou sofrer qualquer perda ou diminuição de sua glória celestial. E diariamente na Missa, analogamente, embora estando na condição de verdadeiro Deus e verdadeiro homem e vivendo para sempre na infinita bem-aventurança do Céu, sem perda ou diminuição de sua glória ou felicidade tanto em sua natureza divina quanto na humana, Ele aniquila-Se a Si mesmo sob as aparências do pão e do vinho e humilha-Se como vítima em uma morte mística no altar. Não existe milagre mais fantástico do que esse no mundo — e quem poderia crer nele, senão aqueles que creem na Encarnação?

A diferença entre o Sacrifício da Cruz e o Sacrifício da Missa

O Sacrifício da Missa é, sob um duplo aspecto, idêntico ao Sacrifício da Cruz. Em ambos, a mesma vítima — o próprio Cristo — é sacrificada. Em ambos, o mesmo sacerdote sacrifica. Pois é Cristo, o Sumo Sacerdote do Sacrifício da Cruz, que, igualmente, oferece o Sacrifício da Missa por meio do sacerdote, seu representante. O Sacrifício da Missa difere do Sacrifício da Cruz no modo de oferecimento.

Na Cruz, o Sangue de Cristo foi realmente derramado, Ele realmente morreu; enquanto que, na Missa, não há real derramamento de sangue, não há real morte, mas apenas um derramamento místico de sangue e uma morte mística.

Se Jesus tivesse de morrer novamente na Missa, o Sacrifício da Cruz e o Sacrifício da Missa não seriam um só sacrifício, mas dois, e vimos que não há senão um único sacrifício na Nova Lei. Além disso, Jesus não pode morrer novamente. Seu Sangue foi derramado na Cruz; foi então realmente separado de seu Corpo. Uma real separação entre o preciosíssimo Sangue e o sacratíssimo Corpo de Cristo já não é mais possível, mas, sacramentalmente, isso também ocorre no altar.

Na Missa, Jesus está presente sob as aparências separadas de pão e vinho. É verdade que Jesus está inteiro — Corpo e Sangue, Alma e Divindade — tanto na Hóstia quanto no Cálice, mas a aparência do pão, que é sólida, representa o

Corpo; e a aparência do vinho, que é líquida, representa não o Corpo, mas o Sangue de Cristo. A Hóstia, portanto, representa para nós o Corpo de Cristo, e o Cálice com o “vinho” consagrado representa seu Sangue — consequentemente, sangue separado do corpo. Mas onde corpo e sangue foram separados? Na morte cruenta de Cristo na Cruz. Assim, as aparências separadas representam o Corpo e o Sangue de Jesus tal como estavam na Cruz, quando Ele sofreu a morte cruenta. Cristo está, então, presente no altar com o mesmo Corpo que morreu na Cruz, com o mesmo Sangue que foi derramado na Cruz. Ele está presente sob os símbolos da morte cruenta, ou seja, representado como estava quando morreu na Cruz, quando seu Sangue foi separado de seu Corpo. A Missa é, portanto, realmente o que Cristo a destinou a ser: uma comemoração d’Ele (cf. Lc 22, 19), a demonstração da morte do Senhor (cf. 1Cor 11, 26).

Estando presente no altar da maneira descrita acima, Cristo real e verdadeiramente Se oferece ao seu Pai Celestial.

Pois, na Missa, Ele está presente da mesma forma que na Última Ceia, sob as aparências de pão e vinho. E ali Cristo ofereceu-Se em sacrifício, como aprendemos pelas palavras: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós” (Lc 22, 19);

“Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós...” (Lc 22, 20). Na linguagem das Sagradas Escrituras, as palavras “dado por vós” e “derramado por vós” são equivalentes a “oferecido em sacrifício por vós”.

A imolação na Missa

A Missa é, portanto, não apenas uma comemoração, mas também uma imolação real. Como essa imolação é realizada? Pelas palavras da Consagração: “Isto é o meu Corpo” e “este é o cálice do meu Sangue...”. As pessoas percebem que, pelo “golpe de espada” das palavras da Consagração, que são perceptíveis aos sentidos, Cristo é “reduzido” de sua forma humana gloriosa à condição de matéria inanimada. Há uma enorme diferença entre a aparência de Cristo presente em sua forma natural e a presente sob a forma de pão e vinho. São João Apóstolo descreve uma visão de Cristo em sua glória: “[...] vi sete candelabros de ouro e, no meio dos candelabros, alguém semelhante ao Filho do Homem, vestindo longa túnica até os pés, cingido o peito por um cinto de ouro. Tinha ele cabeça e cabelos brancos como lã cor de neve. Seus olhos eram como chamas de fogo. Seus pés se pareciam ao bronze fino incandescente na fornalha. Sua voz era como o ruído de muitas águas” (Ap 1, 12-15). Com essa visão em mente, os fiéis, ao ouvirem as palavras da Consagração, “isto é o meu Corpo”, olham para o altar, mas essa visão não está lá; eles contemplam Cristo despojado de toda beleza e formosura, de toda a aparência de um ser humano, reduzido às aparências de pão e vinho.

Essa mudança exterior no modo de existência de Cristo expressa a significação de um verdadeiro sacrifício, a saber, que o governo de Deus sobre a raça humana é tão absoluto que Ele

merece, para satisfazer Sua justiça pelos pecados dos homens, que não apenas toda a raça humana deva morrer, mas até mesmo o substituto divino de dignidade infinita seja reduzido a matéria inanimada.

A Missa é oferecida desde os dias dos Apóstolos

A Missa deve sua origem a Cristo. A Bíblia nos diz que, na Última Ceia, Jesus transformou pão e vinho em seu Corpo e Sangue. Sua intenção de oferecer um sacrifício real nessa ocasião é expressa pelas palavras: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós [...]” (Lc 22, 19); “este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós...” (Lc 22, 20). Aqui encontramos o cumprimento da profecia de Malaquias, que predisse a “oblação pura” a ser oferecida “em todo lugar” (Ml 1,10s); aqui temos a verificação da predição do Salmista: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec” (Sl 109, 4).

Prova nas Sagradas Escrituras

Quando nosso Senhor Se ofereceu em sacrifício sob as aparências de pão e vinho, Ele ordenou aos Apóstolos que fizessem o mesmo: “[...] fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19). Os Apóstolos, imediatamente após a descida do Espírito Santo, começaram a celebrar este sagrado rito da Missa: “Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração” (At 2, 46). São Lucas alude novamente à Missa ao nos

dizer que os cristãos de Antioquia “[...] celebravam o culto do Senhor [...]” (At 13, 2). O verbo “celebrar” aqui usado sempre se refere a sacrifício. São Paulo, em sua carta aos Hebreus, escreve: “Temos [os cristãos] um altar do qual não têm direito de comer os que se empregam no serviço do tabernáculo (moisaico)” (Hb 13, 10) — isto é, os judeus. Um altar pressupõe um sacrifício. O Apóstolo se refere, talvez, à Cruz? Não, pois como podemos comer da Cruz? Ele se refere a um altar para oferendas, sobre o qual se oferece alimento que os cristãos, e somente os cristãos, podem comer. Portanto, os cristãos, no tempo dos Apóstolos, tinham um sacrifício, uma santa oblação, da qual apenas eles podiam participar. Este só pode ser o sacrifício do Corpo e do Sangue de Cristo sob as formas de pão e vinho, o Sacrifício da Missa.

Prova na Tradição

A Tradição, com suas centenas de vozes, proclama a oblação perpétua do Sacrifício da Missa desde o tempo dos Apóstolos até os nossos dias.

No manuscrito da *Didaqué*, ou “Ensino dos Doze Apóstolos”, escrito antes do ano 100, lemos: “Reuni-vos no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que o vosso sacrifício seja puro. Aquele que está brigado com seu companheiro não poderá juntar-se a vós antes de se ter reconciliado, para que o sacrifício que ofereceis

não seja profanado. Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: ‘Em todo lugar e em todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro, porque eu sou um grande rei, diz o Senhor, e o meu nome é admirável entre as nações’” (cap. 14).

São Justino, que morreu por volta do ano 166, dirigindo-se ao sábio judeu Trifão e referindo-se aos judeus, escreve: “[...] quanto aos sacrifícios que vós antes oferecíeis, como já mostrei, diz Deus pela boca de Malaquias, um dos doze profetas: ‘Minha vontade não está convosco — diz o Senhor — e não quero receber sacrifícios de vossas mãos. De fato, desde onde o sol nasce até onde ele se põe, meu nome é glorificado entre as nações e em todo lugar se oferece ao meu nome incenso e sacrifício puro. Grande é o meu nome entre as nações — diz o Senhor — e vós o profanais’. Assim, antecipadamente fala dos sacrifícios que nós, as nações, lhe oferecemos em todo lugar, isto é, o pão da Eucaristia e o cálice da própria Eucaristia, e, ao mesmo tempo, diz que nós glorificamos o seu nome e vós o profanais” (*Trifona loudaion dialogos*, “Diálogos com Trifão”, cap. 41).

Santo Irineu, cujo mestre, São Policarpo, foi discípulo de São João Evangelista, afirma: “Aconselhando também os seus discípulos a oferecerem a Deus as primícias das suas criaturas, não porque precisasse, mas para que não se mostrassem inoperantes e ingratos, tomou o pão, que deriva da criação, e deu graças, dizendo: ‘Isto é o meu corpo’; do mesmo modo, tomou

o cálice, que provém, como nós, da criação, declarou-o seu sangue e estabeleceu a nova oblação do Novo Testamento. É esta mesma oblação que a Igreja recebeu dos Apóstolos e que, no mundo inteiro, oferece a Deus, que nos dá o alimento, como primícias dos Seus dons na Nova Aliança. Malaquias, um dos doze profetas, profetizou-a dizendo: ‘Não tenho prazer em vós, diz o Senhor onipotente, e não me agrada o sacrifício de vossas mãos; porque do levante ao poente meu nome é glorificado entre as nações e em todo lugar se oferece incenso ao meu nome e sacrifício puro; porque o meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor onipotente’. Com estas palavras afirma de forma claríssima que o primeiro povo cessaria de oferecer [sacrifícios] a Deus, que em todo lugar lhe seria oferecido sacrifício puro e que o seu nome seria glorificado entre as nações” (*Adversus haereses*, “Contra as Heresias”, livro IV, cap. 17).

Se consultarmos os Padres da Igreja, que permaneceram como sentinelas fiéis nas torres de vigia de Israel, guardando o depósito da fé, e que foram testemunhas fiéis de seu próprio tempo e cronistas do passado, dir-nos-ão, com uma só voz, que o Sacrifício da Missa é o centro de sua religião e a reconhecida instituição de Jesus Cristo. Certamente, São Paulo, São Lucas, o autor da *Didaquê*, São Justino e Santo Irineu estavam mais familiarizados com as práticas e crenças prevalentes de sua época do que os supostos reformadores do século XVI e, por isso, podem oferecer-nos um testemunho mais confiável.

Prova na História

Que nos primeiros tempos do Cristianismo o Sacrifício da Missa constituiu uma parte essencial do culto divino é evidente pelo fato de que todas as diversas igrejas que caíram em heresia e se separaram de Roma, durante os cinco primeiros séculos, conservaram o sacrifício eucarístico. Os nestorianos e eutíquianos, que se separaram da Igreja Católica no século V e que ainda existem na Pérsia (Irã) e em outros lugares do Oriente, mantêm até hoje a oblação da Missa em seu serviço diário. O mesmo ocorre com os cismáticos gregos, que romperam sua conexão com a Igreja no século IX. No que se refere à doutrina, alguns dos primeiros hereges negavam que houvesse apenas uma pessoa em Cristo; outros, que Ele possuísse duas naturezas; e outros ainda, o primado do Bispo de Roma; contudo, todos estavam unidos na crença de que, na Missa, era oferecido a Deus um verdadeiro sacrifício. Essa doutrina havia sido ensinada de forma tão explícita desde o princípio que sua negação era considerada um repúdio ao Cristianismo.

Foi somente quando os supostos reformadores lançaram suas mãos sobre a obra de Deus que o altar cristão foi derrubado e a santíssima Eucaristia foi declarada como sendo meramente pão e vinho comemorativos. Somente então se viu, pela primeira vez, a anomalia de uma religião sem sacrifício, uma religião sem sacerdócio — uma religião feita pelo homem e

totalmente inadequada para prestar a devida adoração a Deus ou para satisfazer as necessidades da natureza humana.

Diante disso, não é de todo surpreendente que um erudito tão eminente como Harnack, o célebre teólogo protestante da Universidade de Berlim, tenha se manifestado em favor da forma de culto católica. Por ocasião do aniversário do imperador, ele proferiu um discurso na universidade, no qual afirmou: “O protestantismo tem todas as razões para se perguntar se a nova forma de culto que teve de criar para si no século XVI em oposição ao catolicismo é realmente suficiente e satisfatória. Não há, na Missa católica, um elemento e uma forma de adoração aos quais o culto protestante não se eleva? Não reprimimos em excesso a ideia de sacrifício?”.

PARTE II

O NOME E A LINGUAGEM DA MISSA E OS OBJETOS NECESSÁRIOS À SUA CELEBRAÇÃO

Capítulo I:

O NOME DO SERVIÇO EUCARÍSTICO

Como o grande serviço na Igreja Católica recebeu o nome de Missa? O nome “Missa” não aparece na Bíblia. Isso, no entanto, não prova que os Apóstolos não celebravam o rito sagrado ao qual damos esse nome. Esse nome é menos antigo do que o rito que ele designa. Os Apóstolos, imediatamente após a descida do Espírito Santo, começaram a celebrar esse rito sagrado que chamamos de Missa: “Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração” (At 2, 46). São Paulo fala de um altar cristão: “Temos um altar [...]” (Hb 13, 10). E um altar é um lugar de sacrifício.

A passagem supracitada da *Didaqué* nos mostra que os Apóstolos foram obedientes ao seu Mestre, o qual, na Última Ceia, ordenou-lhes que fizessem o mesmo que Ele havia feito, ou seja, transformar pão e vinho em seu Corpo e Sangue e oferecê-los a Deus em sacrifício. Eles tinham um altar e perseveravam diariamente na fração do pão.

Enquanto o grego ainda era a língua popular em Roma, a palavra “eucaristia” (do gr. *ευχαριστία, ας*) era usada para nomear o serviço que chamamos de Missa. Esse nome deriva de

duas palavras gregas: *ευ*, que significa “bom”, e *χαρις*, que significa “graça” ou “dom”. E, certamente, não poderia haver nome melhor para o sacramento no qual Cristo Se dá a nós.

Quando o latim se tornou a língua universal do Império Romano, a palavra latina *missa*, usada inicialmente em um sentido mais vago, tornou-se o nome exclusivo do serviço eucarístico. A palavra latina *missa* ou *missio* significa “despedida” ou “envio”.

Nos primeiros séculos do Cristianismo, a parte do serviço eucarístico ou Missa que precedia o Ofertório era chamada de “Missa dos Catecúmenos”. As pessoas que estavam sendo instruídas na verdade cristã antes de receberem o Batismo eram chamadas de “catecúmenos”. A palavra grega para “instruído” é *κατηχούμενος*. Dessa palavra grega também derivamos os termos “catequizar” e “catecismo”. Os catecúmenos não podiam estar presentes no Ofertório, na Consagração e na Comunhão. Eles eram despedidos antes do Ofertório, e o momento da despedida era anunciado por um dos eclesiásticos com as palavras: *Ite, missa est* — “Ide, é a despedida”.

Poder-se-ia perguntar: por que a permanência dos catecúmenos durante todo o serviço não era permitida? A ocultação de certas doutrinas e práticas aos não cristãos era chamada de “Disciplina do Arcano”. Ela se baseava na advertência de Cristo (Mt 7, 6) e tornava-se necessária devido às perseguições e calúnias contra a Igreja.

A parte do serviço eucarístico que se seguia à despedida dos catecúmenos era chamada de “Missa dos Fiéis” (o Ofertório, a Consagração e a Comunhão). Assim como havia uma despedida dos catecúmenos ao final da primeira parte do serviço, também havia uma despedida dos fiéis após a Comunhão. Essa despedida era igualmente anunciada com as palavras: *Ite, missa est*.

Esse detalhe acidental acabou dando nome a todo o serviço. Não é difícil entender como a palavra gradualmente mudou seu significado de despedida para significar o serviço completo. Permanecer até a *missa* ou despedida dos catecúmenos facilmente se transformou em permanecer para ou durante a *missa* dos catecúmenos. Quando a disciplina dos catecúmenos foi abolida e restou apenas um único serviço contínuo, este passou a ser chamado pelo nome já familiar havia muito tempo: Missa (ou *Mass*, em inglês). Essa expressão permaneceu indelével na língua inglesa desde a origem do idioma, sendo incorporada em palavras como *Candlemas* e *Christmas*.

Capítulo II:

A LINGUAGEM DA MISSA

A Missa é uma ação

Muitas pessoas que não estão familiarizadas com o serviço católico ficam perplexas ao assistir à Missa, porque ela é celebrada em latim. Ora, não há uma razão de peso para que a Missa seja celebrada em vernáculo, mas há muitas razões para que seja celebrada em latim.

Por que a Missa deveria ser celebrada em vernáculo? O leitor talvez diga: “Para que o povo possa entender o que o sacerdote está dizendo”. Mas a Missa não é apenas uma oração, é uma ação. O sacerdote não está apenas rezando no altar; está realizando uma obra que é maior do que a oração. O povo se une a ele não pelas palavras que ele pronuncia, mas pela obra que realiza. Essa obra é a oferta do sacrifício a Deus. Que importância tem o fato de não se conseguir acompanhar as palavras que o sacerdote diz? Sabe-se o que ele está fazendo. A quem desejar, é possível dispor de um Missal e segui-lo palavra por palavra ao longo da celebração, mas isso não é necessário.

A linguagem é de pouca importância

Na Antiga Lei, o povo era obrigado a estar presente nos sacrifícios. Eles se uniam ao sacerdote hebreu em sua grande obra de sacrifício. Às vezes, não podiam ver o que ele estava fazendo, muito menos ouvir qualquer coisa que dissesse. No entanto, sabiam o que estava realizando e participavam desse ato. Quando o Sumo Sacerdote entrava uma vez por ano no Santo dos Santos levando o sangue do sacrifício, ele ia sozinho, e o povo permanecia do lado de fora, sem sequer ver sua atividade, certamente sem participar de nenhuma palavra — mas sabendo qual era a sua atividade, sabendo que ela estava sendo realizada e participando dela: cada um oferecendo o sangue da vítima com o sacerdote, cada um com suas próprias orações, cada um por suas próprias necessidades.

Assim é ainda com a Missa, o mais sublime ato realizado aqui na terra. O povo que assiste à Missa une-se no único e grande ato, oferecendo ao Altíssimo a vítima salvadora. Mas cada um a oferece em suas próprias orações e por suas próprias necessidades, pois a necessidade de cada homem é diferente, e ninguém carrega a mesma cruz.

O maior ato de adoração já realizado foi oferecido no Calvário pelo grande Sumo Sacerdote. Mas foi realizado em silêncio. Maria, João e Madalena estavam presentes e compreendiam o que acontecia. Apenas sete vezes, em meio à densa escuridão, ressoou a voz do Sumo Sacerdote — e mesmo

assim, nem sempre em oração. Nem mesmo todos os três que estavam ao pé da Cruz rezaram a mesma oração. Uma foi a oração de Madalena, que via diante de seus olhos a terrível obra de seus próprios pecados e que se prostrava aos pés de seu Senhor para que aqueles pecados escarlates, à medida que o sangue era derramado, se tornassem brancos como a lã. Outra foi a oração daquele que era inocente, o virginal amigo do Coração Virgem, que, por direito de sua pureza, havia penetrado toda a ternura desse Coração e compreendia a profundidade de seu amor. E outra ainda foi a oração da Mãe, que extraía daquele sangue que escorria lentamente uma salvação mais sublime do que todos nós extraímos. Ela estava de pé sob a Cruz, oferecendo o sangue que Lhe havia dado. Cada um com sua própria oração, cada um com seus próprios pensamentos enquanto estavam sob a Cruz, mas todos participantes do único sacrifício; e foi esse único e grandioso ato que deu valor a todas as suas orações e pensamentos.

Assim é hoje. Não importa qual seja a língua que o sacerdote use no altar; o que o povo acompanha é o grande ato de adoração — não uma mera forma de oração —, assim como Maria, João e Madalena o fizeram aos pés do Cordeiro, que entregava silenciosamente sua vida naquele ato de grandiosa e reverente adoração. Os elementos externos — orações, paramentos, velas e cerimônias — são apenas o digno ornamento e revestimento, secundários e de pouca importância em

comparação com os sagrados mistérios aos quais pertencem. Eles não constituem a substância e a alma da Missa, assim como o traje de corte e o cerimonial não constituem a majestade da vida e pessoa do rei.

Mas por que em latim?

Se não há uma razão de peso para celebrar a Missa em vernáculo, quais são então as razões para o uso do latim?

O latim é particularmente adequado para o serviço da Igreja porque:

É uma linguagem venerável

Ele é venerável por sua origem e antiguidade. É a língua na qual os louvores a Deus ressoaram dos lábios dos cristãos durante os primeiros séculos. É sublime e impressionante saber que o Santo Sacrifício ainda hoje é oferecido na mesma língua — aliás, com as mesmas palavras — com que era oferecido há tanto tempo, na obscuridade das catacumbas.

É uma linguagem misteriosa

Por ser uma língua morta, não compreendida pelos fiéis, há um elemento de mistério na língua latina. O uso de uma língua desconhecida transmite à mente dos fiéis que algo que ultrapassa sua compreensão está acontecendo no altar, que um mistério está sendo realizado. Os judeus, em seu culto,

utilizavam o hebraico antigo, a língua dos Patriarcas. Tanto os gregos católicos quanto os cismáticos empregam a forma antiga do grego para o serviço religioso.

É curioso notar que as três principais línguas mortas — hebraico, grego e latim — foram usadas na crucificação para a inscrição fixada acima da cabeça coroada de espinhos: “Jesus de Nazaré, o rei dos judeus” (cf. Jo 19, 19s). Essas foram as línguas escolhidas para proclamar a grande verdade ao mundo inteiro. Assim, hoje, na comemoração do Sacrifício da Cruz, na Missa, essas três línguas ainda são empregadas. A maior parte da Missa é rezada em latim; o *Kyrie Eleison* (Κύριε ἐλέησον), em grego. Vestígios do hebraico encontram-se nas palavras “Aleluia” (להלוי), “Amém” (אמן), “Hosana” (הוֹשַׁעֲנוּת) e “Sabaoth” (אֲבָצִית).

Promove a unidade na Igreja

O uso do latim é um meio de manter a unidade na Igreja, bem como a uniformidade em seus serviços, pois utilizar uma única e mesma língua em todas as igrejas católicas ao redor do mundo é um elo que as une a Roma e faz delas uma só, apesar da diversidade de línguas entre as nações. A Igreja Universal deve ter uma língua universal, assim como o comércio tentou criar para si o *Volapuk*.⁹

9 O Volapuk é uma língua elaborada no fim do séc. XIX para servir como idioma internacional.

Protege a verdade

Uma língua morta não está sujeita a mudanças. As línguas em uso diário passam por um contínuo processo de transformação. Já tentaram ler Chaucer? Encontrarão dificuldades sem notas explicativas. Encontrarão palavras que caíram em desuso e outras cujo significado mudou ou às quais as pessoas de hoje atribuem um sentido muito diferente do que tinham séculos atrás. No entanto, o significado das palavras em uma língua morta é fixo. Se uma língua viva fosse utilizada no culto divino, heresias e erros inevitavelmente se infiltrariam na Igreja, e palavras sagradas poderiam ser usadas de maneira irreverente ou zombeteira pelos incrédulos. Deve-se lembrar, contudo, que o latim não é, e nunca foi, a única língua oficial da Igreja. O grego, o siríaco, o armênio, o copta e o etíope são usados em certas localidades para a celebração dos sagrados mistérios.

Capítulo III:

OS OBJETOS NECESSÁRIOS À
CELEBRAÇÃO DA MISSA

O altar

O maior ato de adoração na Igreja Católica é o Sacrifício da Missa. Mas onde há sacrifício, deve haver também um altar. A peça mais proeminente do mobiliário de toda igreja católica é o altar. O católico de hoje pode dizer com São Paulo: “Temos um altar [...]” (Hb 13, 10). Temos um altar porque temos um sacrifício.

O altar (do lat. *altus, a, um*, “alto, elevado”), é geralmente erguido em um lugar elevado acima do nível do chão da igreja. Isso é feito, primeiro, para que o sacerdote possa ser facilmente visto pelos fiéis que assistem ao Santo Sacrifício; segundo, porque representa o Monte Calvário; terceiro, porque simboliza a elevação da alma frente às coisas terrenas, uma disposição necessária a todos aqueles que desejam honrar a Deus em espírito e verdade; e quarto, porque esboça a mediação, realizada no altar, entre o céu e a terra, entre Deus e os homens por meio de Cristo, que é o mediador principal, e do sacerdote, que é o

mediador secundário. Por essa razão, o sacerdote que oferece o Santo Sacrifício é colocado entre o céu e a terra.

O altar representa a mesa do Senhor, à qual Jesus Se sentou ao instituir o Sacrifício da Missa na noite que precedeu sua amarga Paixão e morte. Ele também significa a Cruz na qual Cristo ofereceu o sacrifício cruento, do qual a Missa é a renovação incruenta. O altar simboliza, sobretudo, o próprio Cristo, em quem e por meio de quem toda oblação e ato de adoração são oferecidos a Deus. Assim como o altar é o suporte do sacrifício, de onde a oblação se eleva em odor de santidade e sem o qual ela retornaria à terra, sem jamais tornar a subir, assim também Cristo é o sustentáculo e a força de todo sacrifício e ato de adoração, pois nada pode ser oferecido de modo aceitável a Deus senão por Ele e através d'Ele.

A pedra d'ara

O altar deve ser feito de pedra. Quando é feito de madeira, uma peça sólida de pedra natural — com uma área suficiente para comportar a hóstia e o cálice — é inserida ou colocada sobre a superfície da mesa do altar de madeira. Essa pedra é chamada de pedra d'ara (do lat. *ara, ae*, “altar, lar dos deuses”). Ela deve ser consagrada por um Bispo e deve conter relíquias de santos mártires.

O altar é feito de pedra, porque simboliza Cristo, que é a pedra mística, nome frequentemente aplicado a Ele nas Sagradas

Escrituras. Ele é chamado de pedra fundamental, pedra angular, rocha do deserto: “[...] e essa pedra era Cristo” (1Cor 10, 4). A pedra que, sendo ferida não pelo cajado de Moisés, mas pelo da Paixão, derrama copiosamente as águas da graça divina. O altar é feito de pedra, porque a pedra é símbolo de solidez e demonstra como o culto divino está firmemente estabelecido em Cristo.

A pedra d’ara é ungida com óleo para simbolizar Cristo, que é ungido com a divindade, ungido com o sacerdócio, ungido com a plenitude e a abundância do Espírito Santo, que opera para a santificação de todos os cristãos.

A pedra d’ara consagrada contém relíquias de santos mártires. As relíquias são inseridas na pedra d’ara para nos lembrar da antiga prática de celebrar os sagrados mistérios sobre os túmulos dos mártires nas catacumbas. Esse costume também manifesta a íntima união de Cristo com os fiéis no mesmo sacrifício. Os mártires entregaram suas vidas em união com o Sacrifício de Cristo na Cruz e em virtude dele. É por essa razão que encontramos muitos altares feitos na forma de um túmulo.

O tabernáculo

Originalmente, o altar era feito na forma de uma mesa comum. Gradativamente foi introduzido, na parte de trás do altar, um degrau, levemente elevado, para suportar castiçais, flores, relicários e outros ornamentos. Esse degrau foi chamado de prateleira do altar. Mais tarde, o tabernáculo foi

acrescentado como um anexo fixo do altar, e outros degraus foram adicionados atrás dele e nas suas laterais.

O nome “tabernáculo” (do lat. *tabernaculum*, *i*, “tenda”) é dado à habitação eucarística de nosso Senhor em referência à tenda sagrada dos israelitas (cf. Ex 26), que serviu como santuário antes da construção do Templo de Salomão. Por “tabernáculo”, entendemos o receptáculo ou compartimento colocado sobre a mesa do altar ou incorporado a ele, onde são guardados os vasos contendo o Santíssimo Sacramento. Ele ocupa o centro do altar. O tabernáculo é sacratíssimo para todo coração católico, pois, por trás de sua porta, habita o “Prisioneiro do Amor”. “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens. Habitará com eles e serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles” (Ap 21, 3).

Os ornamentos do altar

O crucifixo

O crucifixo (do lat. *crucifixus*, *a*, *um*, “crucificado”) é o principal ornamento do altar. A imagem do Crucificado, erguida sobre o altar, indica que o altar eucarístico é um verdadeiro Calvário, no qual o sacrifício cruento de Cristo é renovado de maneira incruenta. Ele deve ser grande o suficiente para ser visto com clareza tanto pelo celebrante quanto pelos fiéis, de modo a atrair os olhos e os corações de todos para si: “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens

a mim” (Jo 12, 32). A Cruz é o emblema do triunfo de nosso Senhor, que, ao expirar sobre ela, conquistou o mundo.

As velas

Os castiçais e as velas coroam o altar. Antes do século X, as velas não eram colocadas sobre o altar, mas eram seguradas pelos acólitos ou colocadas no chão, próximo do altar. Esse costume ainda é observado na Igreja Oriental. As velas usadas na Missa devem ser feitas de cera de abelha (pelo menos 51%). A cera pura, produzida pelas abelhas a partir das flores, simboliza a carne imaculada de Cristo, recebida de sua Virgem Mãe. O pavio representa a alma de Cristo, e a chama, sua divindade. As luzes sobre o altar durante a Missa representam, igualmente, os corações dos fiéis, que, iluminados pela luz de Cristo e inflamados pelo fogo de seu amor, consomem-se continuamente para a honra de Deus. As velas do altar também nos recordam a fé dos primeiros cristãos, que ofereciam os sagrados mistérios à luz das velas nas sombras das catacumbas. Em uma Missa Solene, são necessárias pelo menos quatro velas, embora geralmente se utilizem seis. Em uma Missa Rezada, prescrevem-se duas velas.

As toalhas do altar

A mesa do altar, geralmente chamada de *mensa*, que é a palavra latina para “mesa”, é coberta por três toalhas de linho.

Essas toalhas são usadas para absorver o preciosíssimo Sangue em caso de derramamento accidental. O linho branco simboliza a pureza e a higiene devidas ao material sobre o qual são colocados os dons sagrados a serem oferecidos ao Deus todo-poderoso. Não apenas o dom oferecido deve ser puro, mas também é importante que seja apresentado de maneira pura. Assim, o linho branco nos lembra da pureza de coração com a qual devemos sempre assistir ao Santo Sacrifício. O linho é considerado um emblema de pureza: “Pois o linho são as boas obras dos santos” (Ap 19, 8). Essa virtude só é alcançada com dificuldade, por meio da vigilância e da abnegação. O linho puro era antigamente preparado com trabalho árduo e custoso. As toalhas do altar também nos recordam os lençóis mortuários nos quais o Corpo de nosso Salvador foi envolto antes do sepultamento.

As sacras do altar

Para auxiliar a memória do sacerdote na Missa com as orações que ele deve saber de cor, são colocados no altar cartões, isto é, sacras, contendo essas orações, um no centro e um em cada extremidade. A sacra no lado do Evangelho (o lado esquerdo para quem está de frente para o altar) contém o início do Evangelho de São João, que geralmente é recitado ao final da Missa. A sacra no lado da Epístola (o lado direito para quem está de frente para o altar) contém a oração que o celebrante

diz ao abençoar a galheta de água, e o salmo *Lavabo*, recitado na lavagem das mãos. A sacra no centro é maior do que as outras duas porque contém mais orações.

O Missal

Quando o altar é preparado para a celebração da Missa, o suporte do Missal é colocado no lado da Epístola. Sobre ele repousa o Missal do Altar ou livro da Missa. Esse livro contém as orações e as passagens das Sagradas Escrituras que são recitadas durante a Missa. As orações contidas no Missal são de grande beleza e foram reunidas pela Igreja ao longo dos séculos. A maioria dessas orações foi extraída das Sagradas Escrituras. Muitas das orações da Missa variam de acordo com o dia, conforme a festa celebrada e comemorada na liturgia. No entanto, as orações que o sacerdote recita após o *Sanctus* quase nunca variam e mudam muito pouco. Essas orações são chamadas de “orações do Cânon”. A palavra “Cânon” (do gr. *κανών, νόμος*) significa “régua de medição, regra”, e é usada para essa parte da Missa porque as orações nela recitadas são raramente alteradas.

As orações que o sacerdote recita na Missa são impressas em caracteres pretos. Os caracteres ou letras vermelhas que se encontram no Missal são regras que orientam o sacerdote na celebração da Missa. Essas regras, impressas em vermelho, são chamadas de “rubricas”, nome derivado da palavra latina *ruber*, que significa “vermelho”.

Esses são os mais importantes ornamentos do altar para a celebração da Missa. Nos dias festivos, o altar é adornado com flores, que são emblemas de alegria e júbilo.

Os vasos do altar

O cálice

Tendo tratado do altar e de seus ornamentos, passaremos agora a considerar os vasos e os panos sagrados do altar.

O mais importante dos vasos sagrados é o cálice (do lat. *calix*, “taça, copo”). Ele nos recorda o copo que nosso bendito Salvador usou na Última Ceia ao instituir a sagrada Eucaristia. Esse cálice é conhecido na tradição lendária como o “Santo Graal” e foi imortalizado por Tennyson em *The Idylls of the King* (“Os Idílios do Rei”) e por Richard Wagner em sua famosa ópera *Parsifal*. O cálice é o mais sagrado dos vasos do altar porque, após a Consagração, contém o preciosíssimo Sangue de nosso Senhor. Como entra em contato com o Sangue de Cristo, deve ser feito do material mais nobre. Geralmente, o cálice é feito de ouro ou prata, devendo, no mínimo, ser dourado em seu interior. Antes de ser utilizado no Santo Sacrifício, o cálice deve ser consagrado por um Bispo com o santo óleo do crisma.

A patena

Ao cálice pertence a patena (do lat. *patena, ae*, “travessa rasa e larga, panela”). O vaso eucarístico conhecido como

patena é um pequeno prato raso ou disco de metal precioso sobre o qual o pão é oferecido a Deus no Ofertório da Missa e a Hóstia é novamente colocada após a fração. A palavra “patena” era usada para designar um recipiente plano e aberto, semelhante a um prato ou travessa. Nos primeiros séculos da Igreja, esses vasos eram utilizados para recolher as ofertas de pão feitas pelos fiéis e também para distribuir, após o pão consagrado ser partido pelo celebrante, os fragmentos consagrados que eram levados aos comungantes, os quais recebiam, cada um, da patena uma porção em suas próprias mãos. Por volta do final do século IX, quando — pelo recebimento frequente — o zelo dos fiéis com relação à santa Comunhão diminuiu, o costume de consagrar o pão oferecido pelos fiéis e de distribuir a Comunhão a partir da patena parece ter sido gradualmente modificado, deixando de se usar a patena grande. Provavelmente foi nessa época que surgiu o costume de o próprio sacerdote utilizar uma patena no altar para segurar a Hóstia e, assim, evitar o perigo de dispersar as suas partículas após a fração.

A patena, assim como o cálice, deve ser feita de material precioso e não pode ser usada antes de ser consagrada com o santo crisma por um Bispo. Esses vasos sagrados devem ser confeccionados com material nobre e consagrados por meio de orações especiais e unções, em razão do grande respeito devido aos santíssimos Corpo e Sangue de nosso Senhor.

O cibório

O cibório é o vaso sagrado no qual as pequenas hóstias, ou pães do altar, são consagradas para a Comunhão dos fiéis. Nele as Hóstias consagradas são reservadas. O nome “cibório” deriva da palavra latina *cibus*, *i*, que significa “alimento”, pois é utilizado para conter o Pão Celestial. Em sua forma, o cibório assemelha-se a um cálice, mas sua taça é arredondada em vez de alongada e possui uma tampa cônica encimada por uma cruz. Quando o cibório contém as sagradas espécies,¹⁰ deve ser coberto com um véu de seda branca.

Durante os três primeiros séculos, a santíssima Eucaristia não era geralmente guardada nas igrejas, devido ao perigo de profanação e às perseguições. Os fiéis, às vezes, guardavam as sagradas espécies em caixas de prata em suas casas, para poderem receber a santa Comunhão na hora da morte. Essa informação é extraída dos escritos de São Jerônimo e Tertuliano. Quando as perseguições cessaram, a prática de guardar a santíssima Eucaristia nas igrejas tornou-se comum. O vaso no qual as sagradas espécies eram guardadas passou a ser chamado então como o é atualmente. O cibório era mantido em uma câmara na sacristia, em um nicho na parede ou em uma

10 Espécies ou sagradas espécies (do lat. *species*, *ei*, “aspecto, aparência”): as duas aparências — a aparência do pão e a do vinho — sob as quais o Corpo e o Sangue de Cristo estão presentes depois da Consagração.

coluna. Hoje, o cibório com as sagradas espécies é conservado no tabernáculo.

O ostensório (ou custódia)

Ao falar dos vasos sagrados do altar, devem-se mencionar o ostensório (do lat. *ostensor*, *oris*, “que mostra, exhibe”) e a luna ou luneta (do lat. *luna*, *ae* e *lunula*, *ae*, “lua” e “luazi-nha”, respectivamente), embora esses vasos não sejam usados no Sacrifício da Missa. O ostensório é um vaso ou relicário utilizado para expor o Santíssimo Sacramento à adoração dos fiéis. Ele é formado por uma base, uma haste pela qual pode ser carregado e um receptáculo circular de vidro ou cristal cercado por raios, como um sol irradiando sua luz. O receptáculo tem tamanho suficiente para acomodar facilmente uma Hóstia grande. A luna ou luneta é um receptáculo em formato circular ou de crescente articulado ao receptáculo do ostensório, que segura a Hóstia em posição vertical.

Algumas pessoas mundanas tendem a perguntar, como fez Judas quando Madalena ungiu os pés de nosso Senhor: “Para que este desperdício?”, ao verem o cuidado e os recursos que os católicos empregam nos vasos sagrados. No entanto, deveriam considerar o quanto a beleza da casa de Deus impressiona aqueles que a contemplam e inspira a devoção. É adequado e justo oferecer o que há de mais precioso e belo para o serviço de Deus.

Os panos do altar

Por que é prescrito o linho

Os panos sagrados usados no Sacrifício da Missa são o corporal, a pala e o purificador ou sanguíneo. Está estritamente prescrito que somente linho deve ser utilizado no altar. Isso está em conformidade com um antigo costume, cuja origem remonta ao fato de que o Corpo morto de Cristo foi envolto em linho antes de ser depositado no sepulcro. Além disso, o linho é um símbolo de sinceridade e pureza de coração: “Pois o linho são as boas obras dos santos” (Ap 19, 8).

Como esses panos entram em contato com as sagradas espécies durante o Sacrifício da Missa, os leigos não têm permissão para tocá-los após o uso no Santo Sacrifício. Um sacerdote, ou uma pessoa com permissão do Bispo, deve lavá-los em três águas distintas, que depois são despejadas no *sacrarium* (uma pia especial que drena diretamente para a terra e não para o esgoto). Somente após serem lavados dessa maneira, esses panos podem ser entregues a um leigo para serem passados ou remendados.

O corporal

O corporal (do lat. *corpus, oris*, “corpo, substância”) é um pequeno tecido quadrangular de linho, medindo aproximadamente trinta e oito por trinta e oito centímetros. Esse nome lhe é dado porque o Corpo de Cristo, sob a espécie do pão, repousa sobre ele durante o Santo Sacrifício. As bordas

do corporal são, por vezes, ornamentadas com rendas finas, e uma cruz vermelha é bordada no centro da parte dianteira. No início da Missa, ele é completamente estendido no centro do altar, sobre as suas toalhas. Deve ser grande o suficiente para conter o cálice, as grandes hóstias (pães do altar) e também o cibório com as pequenas hóstias destinadas à Comunhão dos leigos. Originalmente, era mais comprido e mais largo do que o utilizado atualmente, cobrindo toda a mesa do altar, sendo considerado uma quarta toalha do altar. Por razões de conveniência e reverência, o corporal dobrado é transportado do e para o altar em um receptáculo quadrado em forma de bolsa chamado “bolsa de corporal”. Quando o cálice é levado do e para o altar, a bolsa de corporal é colocada sobre o cálice, por cima do véu, que é um pano quadrado que recobre os vasos sagrados até o Ofertório e depois das Abluções. Assim como o véu do cálice, a bolsa de corporal é confeccionada com o mesmo material e cor dos paramentos litúrgicos utilizados.

A pala

Originalmente, a pala (do lat. *pallium*, i, “cobertura”) não era distinta do corporal, pois este era tão grande que eliminava a necessidade de uma cobertura separada, e sua parte posterior era disposta de modo que pudesse ser facilmente puxada sobre a hóstia e o cálice. Quando o corporal foi reduzido ao tamanho atual, a pala tornou-se uma cobertura distinta para o cálice.

A pala, como é utilizada na Missa, é um pequeno pano de linho, medindo cerca de quarenta centímetros quadrados. Pode ser uma única peça de linho ou consistir em duas camadas de linho entre as quais é inserido um pedaço de papelão para dar-lhe rigidez. O lado superior costuma ser ornamentado. Ela é utilizada para evitar que algo caia dentro do cálice. Deve ser grande o suficiente para cobrir a patena. Assim como o corporal, a pala deve ser abençoada antes de ser usada na Missa.

O purificador

O purificador é um pano de linho branco puro que o sacerdote usa para enxugar o cálice, assim como seus lábios e dedos durante as abluções após a Comunhão. Ele é chamado “purificador” porque é utilizado para limpar ou purificar o cálice. Geralmente mede entre trinta e quarenta e seis centímetros de comprimento e entre vinte e três e vinte e cinco centímetros e meio de largura. É dobrado em três camadas para que, quando colocado sobre o cálice, abaixo da patena, sua largura fique em torno de sete centímetros e meio.

Pelo grande cuidado que a Igreja tem de envolver os sagrados mistérios com tudo o que é puro e limpo, somos lembrados da pureza e santidade que devem sempre adornar a alma de quem deseja aproximar-se de Deus, presente sob as espécies sacramentais. Foi Ele quem disse: “Bem-aventurados os puros de coração”.

Capítulo IV:

OS ELEMENTOS EUCARÍSTICOS

O pão do altar (hóstia)

Há dois elementos eucarísticos: o pão e o vinho. O pão utilizado como matéria do Santo Sacrifício da Missa deve ser preparado exclusivamente com farinha de trigo, sendo proibido o uso de qualquer outro tipo de farinha, como, por exemplo, a de centeio, cevada ou milho. A razão pela qual a Igreja prescreve o pão de trigo é que a Bíblia nos diz que, na Última Ceia, “Jesus tomou o pão [...]”. Nas Sagradas Escrituras, a palavra “pão”, sem qualquer qualificação adicional, sempre se refere ao pão de trigo. Ao comer a Páscoa, os judeus usavam apenas pão de trigo. Sem dúvida, Cristo aderiu a esse costume judaico de usar exclusivamente pão de trigo na Ceia Pascal e, com as palavras: “Fazei isto em memória de Mim”, ordenou seu uso para todos os tempos.

O pão usado na Missa deve ser ázimo ou não levedado. Por pão levedado entende-se o pão de trigo que requer fermento ou levedura em sua preparação ou cozimento. O pão ázimo é feito a partir de uma mistura de farinha de trigo e água, que

é sovada até formar uma massa e depois assada. A Igreja prescreve o uso do pão ázimo porque as Sagradas Escrituras nos informam que a Última Ceia foi celebrada “no primeiro dia dos ázimos” (a Igreja Grega, no entanto, usa pão levedado para a Eucaristia). O pão ázimo simboliza a pureza de alma que todos devem adquirir e que só pode ser obtida por meio de Cristo. O fermento representa o vício e o princípio de toda corrupção. “Não é nada belo o motivo da vossa jactância! Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Purificai-vos do velho fermento, para que sejais massa nova, porque sois pães ázimos [...]” (1Cor 5, 6s).

O pão do altar tem formato circular. Imagens nas catacumbas mostram que os primeiros cristãos usavam pães de altar redondos. O círculo é a mais perfeita das figuras e simboliza a eternidade e o infinito. Por essa razão, é a forma mais apropriada para representar a presença daquele que não tem princípio nem fim (cf. Hb 7, 3). O pão do altar, ou hóstia, que o sacerdote usa na Missa, é maior do que as hóstias utilizadas para a Comunhão dos fiéis. Deve ter um tamanho suficiente para que possa ser visto pelo povo quando erguido na Elevação. O pão do altar é colocado sobre a patena quando o cálice é preparado na sacristia.

Nos primeiros séculos da Igreja, o pão e o vinho a serem usados no sacrifício eucarístico eram trazidos pelos fiéis. Essas oferendas de pão e vinho eram recolhidas antes do Ofertório, e

apenas a quantidade necessária para a Comunhão do celebrante e dos fiéis era consagrada.

O vinho do altar

O segundo elemento eucarístico necessário para o Santo Sacrifício da Missa é o vinho de uva. A Igreja prescreve o vinho de uva por causa do exemplo e do mandamento de Cristo, que, na Última Ceia, certamente converteu o vinho natural de uva em seu Sangue. O rito da Páscoa judaica exigia que o chefe da família passasse o “cálice da bênção” contendo vinho de uva. Além disso, na Última Ceia, Cristo declarou expressamente que, dali em diante, não beberia mais “[...] do fruto da videira [...]” (Lc 22, 18). Como, na primeira Consagração realizada neste mundo, os elementos do pão e do vinho foram escolhidos para representar a imolação do Corpo e do Sangue de Cristo, a Igreja sempre permaneceu fiel ao mandamento do Mestre: “Fazei isto em memória de Mim”. O vinho que será usado na Missa é colocado em uma galheta, que fica sobre uma bandeja especial, junto com a galheta da água, numa mesa chamada credência¹¹ — posicionada à esquerda do altar, do lado da Epístola.

11 Pequena mesa localizada no lado da Epístola, na qual as galhetas, o prato, o manustérgio — toalha usada pelo celebrante no Lavabo (do lat. *manus*, “mão” + *tergere*, “enxugar”) — e a sineta são guardados para uso na Missa. [N.do T.]

Por que pão e vinho?

Cristo poderia ter escolhido outros elementos para representar seu sacrifício cruento. Mas Ele quis que o pão e o vinho fossem a matéria do sacrifício, porque são encontrados em toda parte. O pão e o vinho constituem o sustento mais natural e fortalecedor do homem. Por isso, o Salmista canta a respeito da bênção do Senhor sobre a terra: “Fazeis brotar a relva para o gado, e plantas úteis ao homem, para que da terra possa extrair o pão e o vinho que alegra o coração do homem, o óleo que lhe faz brilhar o rosto e o pão que lhe sustenta as forças” (Sl 103, 14s).

O uso do pão e do vinho também nos revela vários mistérios da fé. Em primeiro lugar, o pão e o vinho, que constituem o alimento do homem, significam que Cristo Senhor Nosso é a nutrição salutar de nossas almas. Em segundo lugar, simbolizam a união dos fiéis entre si e com Cristo, pois, assim como o pão é feito de inúmeros grãos, e o vinho de muitas uvas, o único Corpo Místico de Cristo é formado pela multidão dos fiéis. Em terceiro lugar, recordam-nos a mortificação que cada um deve suportar para se unir a Cristo, pois, assim como o trigo deve ser moído para se tornar pão, e as uvas devem ser prensadas para produzir o vinho, da mesma forma a alma fiel deve morrer para si mesma a fim de unir-se intimamente a Cristo e viver de Seu Espírito.

A Igreja eleva e santifica a natureza ao usar objetos sensíveis em seu culto. Ela consagra e diviniza o trigo e a uva, tornando-os instrumentos do mais alto ato de adoração.

“Doce Jesus, tudo o que vejo na terra
Vive, floresce e trabalha por Ti;
O trigo dourado cresce, e a videira
Para formar o doce alimento divino da alma.”¹²

Por que o trigo e a uva deveriam crescer, se o Santo Sacrifício da Missa cessasse? Por que a oliveira deveria crescer, se já não pudesse mais alimentar a chama do amor diante do tabernáculo? Por que a árvore deveria oferecer seu incenso, se o fogo do santuário se extinguisse? Por que a abelha virgem deveria formar sua célula de cera, se o círio já não ardesse mais no altar? Por que as flores deveriam crescer e exalar seu perfume, se a presença de Jesus fosse esquecida? Por que a terra deveria existir, se Jesus já não habitasse nela em seu sacramento de amor?

12 No original: “Sweet Jesus, all on earth I see / Live, bloom, and labor but for Thee; / The golden wheat grows, and the vine / To form the soul’s sweet food divine.” (O Autor não citou a fonte.) [N. do T.]

Capítulo V:

OS PARAMENTOS USADOS NA MISSA

Por que vestes especiais são prescritas

A Missa, na medida em que é uma vívida representação do Sacrifício de Cristo no Calvário, pode ser considerada um drama: o altar é seu palco, cujo ator é o sacerdote representando a pessoa de Cristo e onde ação se desenrola por meio de uma série de cerimônias.

Ao representar o grande drama no altar, o sacerdote veste certos trajes cerimoniais prescritos pela Igreja. O uso de trajes especiais para os que exercem funções públicas está de acordo com a própria natureza humana e é comum tanto entre povos mais primitivos quanto nações mais civilizadas. O próprio Deus deu instruções sobre as vestimentas que deveriam ser usadas pelos sacerdotes no Antigo Testamento (cf. Ex 28, 4). Na dispensação cristã, a Igreja fez o mesmo.

Ao prescrever certas vestimentas para o sacerdote no altar, a Igreja deseja lembrar-nos de que ele não age em nome próprio, mas como representante de Cristo. Quando um oficial aparece publicamente em nome de seu soberano, usa um uniforme

distintivo. Ora, o sacerdote vai ao altar a serviço e em nome do Senhor supremo; portanto, é adequado que se apresente devidamente trajado. Além disso, pareceria impróprio que o sacerdote realizasse a mais sagrada das funções com seu vestuário comum.

Origem dos paramentos

As vestimentas que o sacerdote usa na Missa não foram prescritas por Cristo, mas estabelecidas pela Igreja ao longo do tempo. Nos primeiros séculos, as vestes do dia a dia eram usadas nos serviços litúrgicos. Em condições normais, trajes mais dignos eram reservados para as funções sagradas. As vestimentas cristãs não foram modeladas segundo as vestes sacerdotais do Antigo Testamento, mas desenvolveram-se a partir do vestuário secular do mundo greco-romano. Ao longo dos séculos, os paramentos passaram por diversas mudanças.

Antes de vestir-se com os trajes litúrgicos, o sacerdote traja sua batina e lava as mãos. Foi costume, em todas as épocas e entre todas as nações, que os ministros do altar lavassem as mãos antes de oferecer o sacrifício. O Antigo Testamento ordenava expressamente essa prática (cf. Ex 30, 19s). Esse ato lembra ao sacerdote a pureza que deve adornar sua alma ao ministrar o Santo Sacrifício diante do Altíssimo. Enquanto realiza essa cerimônia na sacristia, o sacerdote reza: “Concedei, Senhor, às minhas mãos a virtude de apagar toda mácula, para que eu possa Vos servir com mente e corpo puros”.

O amito

O sacerdote então prossegue com a paramentação. Primeiramente, coloca o amito (do lat. *amicio, ire*, “pôr em torno de si uma roupa, vestir, cobrir-se com uma veste exterior”), um pano de linho que é posto ao redor do pescoço, com as dobras caindo sobre os ombros. O amito foi introduzido para encobrir o pescoço e proteger os demais paramentos de serem manchados pelo suor.

O amito representa o pano com o qual os soldados venderam nosso Senhor ao golpeá-l’O. Ao colocá-lo, o sacerdote reza: “Colocai, Senhor, na minha cabeça, o elmo da salvação, para que possa repelir os golpes de Satanás”.

A alva

A seguir, o sacerdote veste a alva (do lat. *albus, a, um*, “branco”). Trata-se de uma túnica branca de linho, com mangas justas, que se estende quase até o chão e é presa à cintura com um cordão. A túnica branca de linho era peça comum no vestuário dos romanos, especialmente em ocasiões festivas. Essa veste simboliza a castidade que convém ao sacerdote. Ela também nos recorda a túnica branca com a qual Herodes revestiu nosso Senhor em sinal de escárnio. O sacerdote recita esta oração ao vestir a alva: “Revesti-me, Senhor, com a túnica da pureza e limpai o meu coração, para que, banhado no Sangue do Cordeiro, mereça gozar das alegrias eternas”.

O cingulo

O cingulo (do lat. *cingo, ere*, “cingir, rodear com um cinto”) é um cordão usado para ajustar a alva solta, impedindo que atrapalhe os movimentos do sacerdote. O uso do cingulo recorda as cordas com as quais o sagrado Corpo de nosso Senhor foi amarrado. Além disso, simboliza a mortificação da carne e de seus vícios. Por isso, ao colocá-lo, o sacerdote assim reza: “Cingi-me, Senhor, com o cingulo da pureza e extingui nos meus rins o fogo da paixão, para que resida em mim a virtude da continência e da castidade”.

O manípulo

O manípulo é um paramento ornamental em forma de faixa, medindo pouco menos de um metro de comprimento e cerca de dez centímetros de largura. Ele é usado no braço esquerdo, de modo que caia em comprimentos iguais de ambos os lados do braço. O manípulo é feito de seda e utilizado somente durante a Missa. Para o subdiácono, o manípulo é o sinal litúrgico de seu grau. Originalmente, o manípulo era um lenço ornamental, raramente utilizado de fato, mas em geral carregado na mão como enfeite. Lenços ou panos ornamentais desse tipo eram usados na vida cotidiana por pessoas de alta posição. A *mappa* (do lat. *mappa, ae*, “guardanapo”), com a qual o cônsul ou pretor dava o sinal para o início dos jogos, era um pano semelhante.

A palavra latina *manipulus*, *i* significa “punhado” ou, em sentido especial, “punhado de hastes que o ceifeiro apanha com a mão esquerda para cortá-las com a direita”. Esse nome foi dado a esse pano porque era dobrado e carregado na mão esquerda. O manípulo nos recorda as correntes com as quais nosso Senhor foi amarrado durante sua Paixão. Como “manípulo” também significa “feixe”, ele lembra ao sacerdote que não deve comparecer de mãos vazias diante de Deus, mas sim apresentar os frutos da virtude e das boas obras. Ao colocar o manípulo, o sacerdote reza: “Fazei, Senhor, que mereça trazer o manípulo do pranto e da dor, para que receba, com alegria, a recompensa do meu trabalho”. O Salmista diz: “Na ida, caminham chorando os que levam a semente a aspergir. Na volta, virão com alegria, quando trouxerem os seus feixes” (Sl 125, 6).

A estola

A estola é um paramento em forma de longa faixa, colocada sobre os ombros e cruzada sobre o peito. É feita de seda e ricamente ornamentada. Antigamente, a estola era uma veste branca de linho. O nome “estola” deriva do latim *stola, ae*, que era a vestimenta distintiva da nobreza, decorada na parte frontal com uma magnífica bordadura. Foi essa bordadura que a Igreja preservou e à qual deu o nome de estola.

A estola simboliza o jugo do Senhor, que consiste nos encargos do ministério sagrado. Na cerimônia de ordenação, o

Bispo impõe a estola sobre o candidato ao sacerdócio e diz: “Recebe o jugo do Senhor, pois seu jugo é suave, e seu peso, leve”. A estola também representa a veste nupcial da graça. Ao colocá-la, o sacerdote reza: “Restituí-me, Senhor, a estola da imortalidade, que perdi na prevaricação do primeiro pai, e, ainda que não seja digno de me abeirar dos vossos sagrados mistérios, fazei que mereça alcançar as alegrias eternas”.

A casula

A casula é o último e o mais ricamente adornado dos paramentos sagrados. É vestida por cima de todos os demais. Deve-se lembrar que os paramentos da Missa são adaptações do vestuário secular comumente usado no Império Romano nos primeiros séculos do Cristianismo. O sacerdote, ao exercer suas funções sagradas no altar, vestia-se como na vida civil. Com o tempo, surgiu o costume de reservar, para esse propósito, vestes mais novas e limpas do que as utilizadas em suas ocupações diárias. A casula, em particular, parece ter sido idêntica à vestimenta externa comum das classes mais humildes. Consistia em um pedaço de tecido quadrado ou circular, no centro do qual se fazia uma abertura para a passagem da cabeça. Com os braços pendendo para baixo, essa veste cobria toda a figura, assemelhando-se a uma pequena casa. A palavra latina para “pequena casa” é *casula, ae*, e daí deriva a denominação do paramento. Pode-se perceber facilmente que a casula

primitiva era muito incômoda para o sacerdote, pois era impossível movimentar os braços ou as mãos sem levantar toda a parte frontal da vestimenta. Para solucionar esse problema, as laterais foram gradualmente cortadas até que a casula adquirisse sua forma atual. Na parte traseira da casula geralmente há uma grande cruz bordada.

A casula nos lembra da veste púrpura que Cristo usou no tribunal de Pilatos. A cruz bordada na casula recorda a que Cristo carregou até o Calvário. Quando o Bispo reveste o sacerdote recém-ordenado com a casula, diz: “Recebe esta veste sacerdotal, pela qual se simboliza a caridade”. Ao colocar a casula antes da Missa, o sacerdote reza: “Senhor, que dissestes: ‘O meu jugo é suave e o meu peso é leve’, fazei que o suporte de maneira a alcançar a vossa graça. Amém”.

A cor dos paramentos

As vestes interiores do sacerdote são sempre brancas e destinam-se a representar a pureza interior e a inocência de coração, que nunca devem ser abandonadas, mas preservadas sob o manto da caridade.

A casula, ou veste exterior, admite uma variedade de cores. Ela simboliza a caridade, que é a raiz e a mãe de todas as demais virtudes. Além disso, a caridade, por sua própria natureza, abrange e manifesta todas as virtudes, assim como a luz resplandecente do sol difunde raios de todas as cores.

A Igreja usa cinco cores litúrgicas diferentes: branco, vermelho, verde, roxo e preto. O branco simboliza a inocência e a alegria espiritual, sendo utilizado nas festas de nosso Senhor e dos santos que não foram mártires. O vermelho representa tanto o fogo da caridade, que o Espírito Santo acende e difunde em nós, quanto o sangue dos mártires, a mais excelente expressão da caridade. É usado no Tempo de Pentecostes e nas festas dos mártires. O verde é símbolo da esperança e do anseio cristão pelo céu, sendo utilizado nos domingos depois da Epifania e de Pentecostes. O roxo significa humildade e penitência e, por isso, é usado durante a Quaresma e o Advento. O preto é a cor do luto e da dor, sendo utilizado na Sexta-feira Santa e nas Missas pelos mortos (Missas de Réquiem). Vestes rosadas podem ser usadas na Missa do terceiro domingo do Advento, chamado “Domingo *Gaudete*”, e no quarto domingo da Quaresma, conhecido como “Domingo *Laetare*”. Esses são dias de alegria moderada, e a cor rosa simboliza a alegria misturada com a dor, pois toda rosa tem seus espinhos. Paramentos de tecido dourado podem ser usados em substituição aos paramentos brancos, vermelhos ou verdes.

Assim como a face da natureza muda com as estações do ano, as diferentes emoções evocadas pelos diversos tempos do ano eclesiástico encontram sua expressão no uso das cores litúrgicas.

Capítulo VI:

UMA PALAVRA SOBRE AS CERIMÔNIAS

Uma cerimônia (do lat. *caerimonia, ae*, “culto, prática religiosa, rito sagrado”) é um ato prescrito por lei. Na Liturgia, chama-se cerimônia o ato externo, gesto ou movimento que acompanha as orações e o exercício público do culto divino.

A cerimônia é a consequência necessária da natureza espiritual e material do homem. Por isso, o homem deve prestar a Deus uma adoração dupla: uma espiritual, que consiste na devoção interior da alma, e outra material, que se manifesta na forma exterior do culto. Não há sentimento ou emoção interior que o homem não esteja acostumado a expressar exteriormente mediante um gesto ou ato apropriado.

As cerimônias são realizadas para embelezar e adornar as funções sagradas, despertar nos fiéis sentimentos de respeito e devoção, transmitir o conhecimento dos mistérios da religião e elevar nossa mente, por meio desses sinais visíveis, à contemplação das coisas divinas.

As cerimônias têm fundamento nas Sagradas Escrituras. Cristo, na esmagadora maioria das vezes em que realizou um milagre, fê-lo mediante alguma cerimônia, como quando

abençoou os pães e os peixes (cf. Mt 15, 36), quando espalhou barro sobre os olhos de um cego (cf. Jo 9, 6), quando orou de joelhos (cf. Lc 22, 41), quando soprou sobre seus discípulos (cf. Jo 20, 22) e, finalmente, quando os abençoou com as mãos erguidas antes de ascender ao céu (cf. Lc 24, 50).

As cerimônias da Missa foram instituídas pela Igreja não apenas “para manifestar a majestade deste augusto sacrifício, mas também para excitar o ânimo dos fiéis, por estes sinais visíveis de religiosidade e piedade, à contemplação dos altíssimos mistérios ocultos no sacrifício eucarístico” (Concílio de Trento, sessão XXII, cap. V).

Portanto, o propósito da Igreja ao usar de cerimônias é duplo: o primeiro é manifestar o respeito e a reverência devidos ao divino Sacrifício da Missa; o segundo é indicar, por meio dos seus sinais, os profundos mistérios que aí se encontram ocultos.

Capítulo VII:
REGRAS DE POSTURA PARA
ASSISTIR À MISSA

Estas regras indicam a atitude ou postura que a Igreja considera mais apropriada para cada parte da Missa. Elas não limitam de forma tão rígida a ponto de tornar-se pecado se alguém não as seguir. Como os costumes não são sempre os mesmos em todos os lugares, o fiel deve sempre conformar-se ao costume local.

Missa Rezada

1. O sacerdote adentra o presbitério (de pé).
2. Orações ao pé do altar (de joelhos).
3. Introito (de joelhos).
4. Glória (de joelhos).
5. Epístola (de joelhos).
6. Evangelho (de pé).
7. Credo (de pé, de joelhos no artigo *ET INCARNATUS EST [...]* *ET HOMO FACTUS EST*).
8. Ofertório (sentados, depois que o sacerdote diz *Oremus*).
9. Sanctus (de joelhos).

10. Último Evangelho (de pé, genuflexão simples em *ET VERBUM CARO FACTUM EST*).
11. Orações no fim da Missa Rezada (de joelhos).
12. Até o sacerdote deixar o presbitério (de pé).

Missa Cantada

1. O sacerdote adentra o presbitério (de pé).
2. Orações ao pé do altar (de joelhos).
3. Introito (de joelhos).
4. Glória (de pé).
5. O sacerdote senta-se enquanto o Glória está sendo cantado (sentados).
6. O sacerdote levanta-se para retornar ao altar (de pé).
7. Epístola (sentados).
8. Evangelho (de pé).
9. Credo (sentado quando o sacerdote se senta enquanto o credo é cantado, e de joelhos no artigo *ET INCARNATUS EST* [...] *ET HOMO FACTUS EST*). E de pé quando o sacerdote se levanta para retornar ao altar.
10. Ofertório (sentados, depois que o sacerdote diz *Oremus*).
11. A partir de *Per omnia saecula saeculorum* (ao final da Secreta) e durante o Prefácio (de pé).
12. Sanctus (de joelhos).
13. A partir de *Per omnia saecula saeculorum* e durante o *Pater Noster* (de pé).

14. Ao fim do *Pater Noster* — *Et ne nos inducas in tentationem. Amen* (de joelhos).
15. Pós-Comunhão (de pé, o sacerdote diz *Oremus*).
16. Bênção Final (de joelhos).
17. Último Evangelho (de pé; genuflexão simples em *ET VERBUM CARO FACTUM EST*).
18. Até o sacerdote deixar o presbitério (de pé).

Capítulo VIII:

O ASPERGES

O celebrante asperge os fiéis antes da Missa enquanto se canta a seguinte antífona¹³:

“Aspergir-me-eis, Senhor, com o hissope e serei limpo. Lavar-me-eis e ficarei mais alvo que a neve.”

Sl 50, 3: “Tende compaixão de mim, Senhor, segundo a vossa grande misericórdia.”

Ÿ. Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo.

Ŗ. Assim como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

Ant.: “Aspergir-me-eis...” (como acima)

13 Doravante serão encontrados no texto os seguintes sinais: Ÿ, Ŗ e ✠. A letra “v” estilizada significa “versículo”, e a letra “r” estilizada, resposta. Juntas em pares, elas formam um tipo de oração chamado “responsório”, geralmente retirado dos Salmos; cada par de “Ÿ” e “Ŗ” é dito “prece”. O versículo é dito pelo próprio sacerdote celebrante —, ao qual a assembleia responde (representada pelo acólito); uma pequena cruz no texto de uma oração indica que o sacerdote deve fazer o sinal da cruz neste ponto. Em certas partes importantes da Missa, o acólito toca uma sineta, que será indicada por pequenas figuras de sino. [N. do T.]

Retornando ao altar, o celebrante diz:

℣. Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia.

℟. E dai-nos a vossa Salvação.

℣. Senhor, escutai a minha oração.

℟. E fazei que suba até Vós o meu clamor.

℣. O Senhor seja convosco.

℟. E com o vosso espírito.

℣. Oremos: Ouvi-nos, Senhor, Pai santo, onipotente e eterno, e dignai-Vos enviar do céu vosso santo Anjo, que guarde, proteja, visite e defenda todos os que se encontram nesta morada. Por Cristo Nosso Senhor.

℟. Amém.

Uma cerimônia peculiar ao serviço católico do domingo é o Asperges. O Asperges ocorre antes da Missa Solene, que é o principal serviço da Igreja aos domingos. Os não católicos frequentemente observam essa cerimônia com surpresa, perguntando-se qual seria o significado desse rito especial.

O Asperges é o rito da aspersão da assembleia com água benta. A cerimônia recebe esse nome pelas palavras entoadas no início do rito. “Asperges” é uma palavra latina derivada de *aspergere*, que significa “lavar” ou “aspergir”.

A cerimônia é realizada pelo celebrante, o sacerdote que está prestes a celebrar a Missa. Ele entra no presbitério vestindo os paramentos da cor litúrgica do dia. Em vez da casula, ele

usa a capa pluvial. Após fazer uma genuflexão diante do altar, ajoelha-se e, com o aspersório, asperge o altar, a si mesmo e os acólitos com água benta, entoando as primeiras palavras do nono versículo do salmo 50: *Asperges me* — “Aspergir-me-eis”. Depois de fazer uma genuflexão diante do altar, o celebrante asperge a assembleia, geralmente caminhando pelo corredor central da igreja e retornando, embora não seja obrigatório que vá além do portão do presbitério.

Depois que o sacerdote entoa o *Asperges me*, e enquanto asperge a assembleia, o coro continua a antífona, cantando:

“[...] Senhor, com o hissopo e serei limpo. Lavar-me-eis e ficarei mais alvo que a neve”. Em seguida, é entoado o terceiro versículo do salmo 50: “Tende compaixão de mim, Senhor, segundo a vossa grande misericórdia”. A essa súplica acrescenta-se a doxologia menor: “Glória ao Pai...”. Após a doxologia, repete-se o nono versículo do salmo.

O emprego dessas palavras do salmo 50 é extremamente apropriado. O povo está prestes a assistir ao grande Sacrifício da Nova Lei. Eles reconhecem que uma alma mergulhada no pecado é uma abominação aos olhos de Deus. Por isso, conscientes de seus muitos pecados, clamam por misericórdia, assim como Davi após ter pecado com Betsabeia. É o *Miserere* da alma que, consciente de sua culpa, anseia por reconciliar-se com seu Criador.

As palavras do texto são claras, com exceção do termo “hissopo”. O hissopo (do lat. *hyssopum*, *i*, “planta medicinal: *Hyssopus*

officinalis”) é uma planta aromática mencionada em várias passagens das Sagradas Escrituras. No livro do Êxodo (Ex 12, 22), Moisés ordena aos anciãos de Israel que tomem um ramo de hissopo e, com ele, aspirjam o sangue do cordeiro pascal sobre o batente e os umbrais das portas de suas casas. Ainda no Êxodo (Ex 24, 8), há outra referência ao hissopo: nesse trecho, o grande legislador de Israel asperge os hebreus com hissopo mergulhado no sangue das vítimas ao selar a antiga aliança entre Iahweh e seu povo. O hissopo também era usado em algumas purificações dos judeus, sendo o instrumento para aspergir a água lustral na purificação daqueles que haviam tocado um corpo morto (cf. Nm 19, 8). Assim, não é surpreendente que essa íntima relação com a Lei tenha levado o Salmista a considerar como símbolo de uma purificação profunda do coração a aspersão com hissopo. E essa visão foi adotada pela Igreja Católica na cerimônia do Asperges. Quando, portanto, na linguagem do Salmista, pedimos no Asperges que Deus nos aspirja com hissopo, estamos suplicando que Ele purifique nossas almas do pecado para que possamos assistir dignamente ao Sacrifício da Missa.

Normalmente a água é usada para fins de purificação. Ao utilizá-la nesta cerimônia, a Igreja deseja lembrar aos fiéis que estão prestes a assistir à Missa e que devem primeiro purificar suas almas do pecado por meio de um sincero arrependimento. A água usada nessa cerimônia é previamente abençoada, por isso a chamamos de “água benta”. “Pois tudo o que Deus

criou [...]”, diz São Paulo, “[...] se torna santificado pela Palavra de Deus e pela oração” (1Tm 4, 4s). Quando a Igreja abençoa a água, pede ao Deus todo-poderoso que proteja e abençoe todos aqueles que a utilizam com reverência e devoção.

O Vidi Aquam

Do Domingo de Páscoa até Pentecostes, em vez do *Asperges me*, canta-se o *Vidi Aquam*: “Vi sair água do lado direito do Templo, aleluia, e vi que todos aqueles a quem esta água chegou se salvaram e diziam: aleluia, aleluia”. Em seguida, entoia-se um versículo do salmo 117: “Louvai o Senhor, porque Ele é bom, e é eterna a sua misericórdia”. As demais orações e respostas permanecem as mesmas dos outros domingos. As palavras da antífona *Vidi Aquam* — “Vi sair água...” — são extraídas do capítulo 47 do profeta Ezequiel. Essas águas das quais o profeta fala não devem ser entendidas literalmente, mas de forma mística, referindo-se às águas do Batismo ou à água que jorrou do lado de Cristo, pelos méritos de cuja Paixão todos podem ser salvos. É oportuno cantar essas virtudes redentoras das águas do Batismo ou da Paixão de Cristo durante o Tempo Pascal,¹⁴ pois é nesse período que a Igreja celebra o triunfo do Redentor.

14 O Tempo Pascal é o período litúrgico que se estende desde o Domingo de Páscoa (na prática, a partir da Vigília Pascal no Sábado Santo) até o Domingo da Santíssima Trindade.

PARTE III

AS ORAÇÕES E CERIMÔNIAS DA MISSA

Capítulo I:

A PARTE PREPARATÓRIA DA MISSA

“A Missa dos Catecúmenos”

A parte da Missa que se estende desde as Orações ao pé do altar até o Ofertório pode ser chamada de “Parte Preparatória da Missa”. Essa parte preparatória consiste principalmente de: 1) o Confiteor ao pé do altar; 2) o Introito; 3) o Kyrie; 4) o Glória; 5) a Coleta; 6) a Epístola; 7) o Evangelho; 8) o Credo. Essa seção da Missa também é chamada, por vezes, de “Missa dos Catecúmenos”. Nos primeiros séculos do Cristianismo, aqueles que desejavam tornar-se cristãos e receber o Batismo eram obrigados a passar por um período de instrução. Como já foi dito acima (cap. I da parte II), eram chamados “catecúmenos”, um termo grego que significa “aqueles que estão sendo instruídos”. Esses indivíduos que ainda não haviam sido plenamente iniciados nos ensinamentos e práticas do Cristianismo eram despedidos antes do Ofertório.

A procissão de entrada

O celebrante, acompanhado de seus acólitos, parte da sacristia para o presbitério.

Revestido com seus paramentos sagrados e acompanhado pelos acólitos ou coroinhas, o sacerdote dirige-se para o altar.

Em sua mão esquerda, carrega o cálice coberto com o véu; sua mão direita repousa sobre a bolsa de corporal, que cobre a parte superior do cálice. Ao chegar ao pé do altar, o sacerdote descobre a cabeça, retirando o barrete e entregando-o a um dos acólitos. O barrete, símbolo da dignidade e autoridade sacerdotal, substitui o amito, que antigamente servia como cobertura para a cabeça do celebrante. Se a Santíssima Eucaristia estiver reservada no tabernáculo do altar onde será celebrado o Santo Sacrifício, o sacerdote faz uma genuflexão, dobrando o joelho diante do altar. A genuflexão é um ato externo de adoração prestado à Majestade Divina. Como esse gesto é um ato de adoração, não dobramos o joelho diante das imagens dos santos, pois adoramos somente a Deus. A genuflexão também expressa a humildade que todo homem deve sentir na presença do Altíssimo.

Tendo adorado a Deus, o sacerdote sobe os degraus do altar e aproxima-se dele. O cálice é depositado sobre o altar, ligeiramente à esquerda. A bolsa de corporal é retirada do topo do cálice e, após tirar dela o corporal, o sacerdote o coloca contra a prateleira do altar, à sua esquerda. Em seguida, o corporal

é estendido no centro do altar, e o cálice, ainda velado, é colocado sobre ele. Após organizar o cálice, o celebrante dirige-se para o lado da Epístola no altar, abre o Missal e ajusta os marcadores para que as orações próprias da festa do dia possam ser facilmente encontradas. Deve-se lembrar que muitas das orações recitadas na Missa variam de acordo com a festa ou mistério celebrado.¹⁵ Depois de ajustar os marcadores no Missal, o sacerdote retorna ao centro do altar, inclina a cabeça diante do crucifixo e desce novamente ao pé do altar.

Orações ao pé do altar¹⁶

Ao chegar ao pé do altar, o celebrante inclina-se e faz o sinal da cruz:

“Em nome do Pai, ✠ e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.”

Com as mãos postas, ele começa a antífona:

Ÿ. Subirei ao altar de Deus.

℞. Do Deus que alegra a minha juventude.

15 As orações e leituras bíblicas que variam conforme o dia ou a celebração são denominadas, em conjunto, *Próprio da Missa*; já as orações que permanecem constantes em toda Missa são chamadas *Ordinário da Missa*.

16 A expressão das orações da Missa em vernáculo pode variar de Missal para Missal. Os textos oficiais são aqueles em latim; o latim é o mesmo em todos os Missais, mas não existe tradução vernacular oficial do texto latino da Missa Tradicional.

O Judica Me (Salmo 42)

℣. Fazei-me justiça, ó Deus, e tomai a defesa da minha causa contra gente desapiedada; do homem iníquo e fraudulento livrai-me, Senhor.

℞. Pois Vós, ó Deus, sois a minha fortaleza, por que então me haveis repellido? Por que ando eu assim triste, oprimido pelo inimigo?

℣. Enviai-me a vossa luz e a vossa verdade; que me guiem e me conduzam até à vossa montanha santa, até à vossa morada.

℞. E eu vou-me aproximar do altar de Deus, do Deus que é a alegria da minha juventude.

℣. Eu Vos louvarei ao som da cítara, Senhor, meu Deus. E tu, minha alma, por que hás de estar triste e por que alvoroçar-te dentro de mim?

℞. Espera em Deus, que uma vez mais O quero enaltecer, a Ele, salvação minha e meu Deus.

℣. Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo.

℞. Assim como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

O celebrante repete a antífona:

℣. Subirei ao altar de Deus.

℞. Do Deus que alegra a minha juventude.

Ele acrescenta, fazendo o sinal da cruz:

Ÿ. O nosso auxílio ✠ está no nome do Senhor.

℞. Que fez o céu e a terra.

O Confiteor

Com as mãos postas e profundamente inclinado, o celebrante confessa:

Ÿ. Eu, pecador, confesso-me a Deus todo-poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos Apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos e a vós, irmãos, porque pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras (*bate-se três vezes no peito*), por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Portanto, rogo à bem-aventurada Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos Apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos e a vós, irmãos, que rogueis a Deus Nosso Senhor por mim.

℞. Que Deus onipotente se compadeça de ti, que te perdoe os pecados e te conduza à vida eterna.

Ÿ. Amém.

Agora os acólitos inclinam-se e rezam:

℞. Eu, pecador, confesso-me a Deus todo-poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos Apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos e

a a vós, padre, porque pequei muitas vezes, por pensamentos, palavras e obras (*bate-se três vezes no peito*), por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa. Portanto, rogo à bem-aventurada Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos santos Apóstolos São Pedro e São Paulo, a todos os santos e a vós, padre, que rogueis a Deus Nosso Senhor por mim.

O celebrante então diz:

℣. Que Deus onipotente se compadeça de vós, que vos perdoe os pecados e vos conduza à vida eterna.

℟. Amém.

Fazendo o sinal da cruz, ele pronuncia a absolvição:

℣. Indulgência, ✠ absolvição e remissão dos nossos pecados, conceda-nos o Senhor onipotente e misericordioso.

℟. Amém.

Inclinando-se, o celebrante diz:

℣. Se Vos tornardes para nós, Senhor, dar-nos-eis a vida.

℟. E o vosso povo alegrar-se-á em Vós.

℣. Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia.

℟. E dai-nos a vossa salvação.

℣. Senhor, ouvi a minha oração.

℟. E fazei subir até Vós o meu clamor.

℣. O Senhor seja convosco.

℟. E com o vosso espírito.

Tudo está agora preparado para o grande drama. Chegado ao pé do altar, o sacerdote se encontra, por assim dizer, no limiar do Altíssimo. Que pensamentos inundam sua mente neste momento solene! Com Jacó, ele pode exclamar: “Quão terrível é este lugar! É nada menos que a casa de Deus; é, aqui, a porta do céu” (Gn 28, 17). De dentro, parece ouvir uma voz que diz: “Não te aproximes daqui. [...], porque o lugar em que te encontras é uma terra santa” (Ex 3, 5). Tomado de reverência, ele se inclina humildemente em adoração. Mas Deus exige o sacrifício. E a assembleia tem necessidade de que essa suprema forma de culto seja prestada ao Altíssimo. Assim, o sacerdote se ergue, faz o sinal da cruz e inicia o grande ato: “Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém”.

Sabendo que a mais elevada forma de adoração que pode ser oferecida a Deus é o sacrifício e compreendendo o significado das palavras do Mestre: “Fazei isto em memória de Mim”, o sacerdote, embora indigno, decide agora dar início. Ele diz: *Introibo ad altare Dei* — “Subirei ao altar de Deus”. O acólito, em nome de todos os fiéis, responde:

Ad Deum qui laetificat juventutem meam — “Do Deus que alegra a minha juventude” (Sl 42, 4). Convém notar que os acólitos ou coroinhas de hoje desempenham funções que, antigamente, eram exercidas por homens que tinham recebido as Ordens Menores. O acólito age e responde em nome

dos fiéis. Servir à Missa é a aproximação mais íntima que alguém que não é sacerdote pode ter da celebração do Santo Sacrifício.

O Judica Me (Salmo 42)

O sacerdote, prestes a celebrar os divinos mistérios, tomado de reverência diante da majestade de Deus e da sublimidade do ato que vai realizar, permanece ao pé do altar e, por meio da oração humilde e da confissão dos pecados, em união com a assembleia representada pelo acólito, prepara-se para subir ao altar de Deus.

Tendo feito o sinal da cruz, o sacerdote recita alternadamente com o acólito o salmo de Davi que começa com as palavras: “Fazei-me justiça, ó Deus” (Sl 42). Este salmo foi composto por Davi quando era perseguido por Saul e mantido longe do Templo de Deus. Ele expressa seu ardente desejo de aproximar-se do Tabernáculo para oferecer oração e sacrifício a Deus. A principal razão para a introdução deste salmo na liturgia encontra-se no versículo: “E subirei ao altar de Deus, do Deus que é a alegria da minha juventude”.

Davi, e depois a Igreja seguindo seu exemplo, pede neste salmo que seja libertado dos ataques do inimigo, isto é, do pecado e da tentação, a fim de oferecer piedosamente o sacrifício em louvor à Majestade Divina. No sentido espiritual, este salmo aplica-se ao homem justo que, nas provações da vida

presente, anseia por deixar este mundo e alcançar sua pátria celeste. Uma paráfrase deste salmo poderia ser feita da seguinte maneira:

1. Ó Deus, atendei à causa de minha alma contra meus inimigos espirituais e livrai-me de toda impureza.
2. Ó Deus, Vós não sois tanto meu juiz, mas sim minha força e auxílio. Por que, então, devo estar triste, como alguém privado de vossa graça e vencido por seus inimigos?
3. Enviai, suplico-Vos, a luz de vossa divina graça, para que eu possa gozar de vossas promessas. Elas me tirarão da tristeza e me conduzirão seguramente ao vosso tabernáculo celestial.
4. Com esse desejo, aproximar-me-ei do altar divino e do meu Deus, que restaurará em mim a alegria que encheu minha juventude. Ali cantarei os louvores divinos.
5. Por que, ó minha alma, estando segura dessa esperança, te entristeces? Confia em teu Deus, pois espero um dia ir bendizê-l'O e agradecer-Lhe eternamente no céu, dizendo-Lhe: Vós sois meu Deus e o encanto de meus olhos, pois ali O verei face a face, e vê-l'O será minha bem-aventurança.

O salmo é concluído com a doxologia: “Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo. Assim como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém”. Totalmente decidido a aproximar-se do altar, o sacerdote

repete o versículo: “Subirei ao altar de Deus. Do Deus que alegra a minha juventude”. Em seguida, o celebrante faz o sinal da cruz, dizendo: “O nosso auxílio está no nome do Senhor”. Ao que o acólito responde: “Que fez o céu e a terra”.

O Confiteor

Ao recitar as orações ao pé do altar, o sacerdote, em primeiro lugar, expressa o desejo de aproximar-se do altar. No entanto, ao considerar sua grande indignidade, sente-se perturbado e humilhado. Logo depois, contemplando o Senhor, seu Deus, enche-se de esperança e implora sua assistência e misericórdia. Para obter mais eficazmente essas graças, humildemente confessa seus pecados. Curvando-se profundamente, o sacerdote recita o Confiteor, ou confissão geral.

Nessa oração, reconhece seus pecados diante de Deus, dos santos no céu e dos fiéis ali presentes, suplicando suas orações em seu favor. Ao final do Confiteor, o acólito, em nome do povo, diz: “Que Deus onipotente se compadeça de ti, que te perdoe os pecados e te conduza à vida eterna”. Ao que o sacerdote responde: “Amém”, ou seja, “que tua oração seja atendida”.

Em seguida, o acólito repete o Confiteor em nome do povo. O objetivo de recitar o Confiteor no início da Missa é preparar tanto o sacerdote quanto os fiéis para o grande Sacrifício, por meio do sincero arrependimento dos pecados.

Alguém pode perguntar: “Por que confessam seus pecados aos santos e uns aos outros? Não basta confessá-los a Deus?”. Essa prática fundamenta-se nas Sagradas Escrituras. São Tiago nos diz: “Confessai os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para serdes curados. A oração do justo tem grande eficácia” (Tg 5, 16). Falando das orações ao pé do altar, Chateaubriand, no seu *O Gênio do Cristianismo*, observa que, se esse diálogo ocorresse numa tragédia grega, o filósofo admiraria a beleza idílica com que se inicia o sacrifício cristão: o sacerdote, curvado pelo peso dos anos e da experiência, geme sobre a miséria do homem pecador, enquanto o acólito, cheio de juventude e esperança, o encoraja a subir ao altar.

O Confiteor, assim chamado por sua primeira palavra, *Confiteor* — “Eu confesso” —, é uma confissão geral dos pecados. Ao recitá-lo, o celebrante e os acólitos inclinam a cabeça em sinal de vergonha e humildade. Nas palavras *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa* — “por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa” —, o orante golpeia o peito três vezes. Esse gesto simboliza a dor pelo pecado e imita o publicano mencionado no Evangelho, que “[...] batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador!” (Lc 18, 13).

Tanto na Antiga quanto na Nova Lei, a confissão dos pecados sempre precedeu o sacrifício. No Antigo Testamento, antes que o Sumo Sacerdote oferecesse o bode emissário, ele era instruído a confessar “[...] todas as iniquidades dos

israelitas, todas as suas desobediências, todos os seus pecados [...]” (Lv 16, 21). A recitação do Confiteor nos lembra que Cristo dignou-se tomar sobre Si os nossos pecados.

Após o humilde reconhecimento de indignidade por parte do celebrante e da assembleia, expresso nas palavras do Confiteor, o sacerdote ergue a cabeça e faz sobre si mesmo o sinal da cruz, dizendo: “Indulgência, absolvição e remissão dos nossos pecados, conceda-nos o Senhor onipotente e misericordioso”. O acólito responde: “Amém”. Ao pedir perdão, o sacerdote apela tanto à onipotência quanto à misericórdia de Deus. Na onipotência divina encontra-se o segredo de sua misericórdia. Que comovente e cheia de confiança é a oração seguinte do sacerdote: “Se Vos tornardes para nós, Senhor, dar-nos-eis a vida”. E a resposta da assembleia, por meio do acólito: “E o vosso povo alegrar-se-á em Vós”. A súplica do pecador arrependido ao Deus misericordioso continua: “Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia”. O desejo ardente da alma por sua união com Deus se expressa na resposta do acólito: “E dai-nos a vossa salvação”. E mais um apelo ainda se eleva do coração do sacerdote ao coração de Deus: “Senhor, ouvi a minha oração”. E, em nome do povo, o acólito responde: “E fazei subir até Vós o meu clamor”.

Belas e comoventes são essas orações recitadas pelo sacerdote e pelo acólito ao pé do altar, profundamente capazes de encher o coração com sentimentos de verdadeiro arrependimento

e filial confiança. Para participar do drama que se desenrola no altar, os fiéis, representados pelo acólito, devem interiormente dar expressão a esses mesmos sentimentos.

Subindo ao altar

Estendendo e juntando as mãos, o celebrante diz:

“Oremos”

Subindo ao altar, o celebrante diz em voz baixa:

“Lavai-nos, Senhor, de todo o pecado, a fim de merecermos penetrar de coração puro no Santo dos Santos. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.”

Na saudação trocada entre o sacerdote e o povo, invoca-se a assistência divina para uma oração devota, à qual todos são convidados pela palavra *Oremus* — “Oremos” —, pronunciada pelo celebrante em voz alta. O convite é enfatizado pelo gesto do sacerdote de estender as mãos, como se chamasse todos a se unirem à súplica. Neste momento, o celebrante permanece ereto, pronto para subir ao altar, esse místico Calvário, onde, como Moisés no Monte Sinai, tem o privilégio de estar mais próximo de Deus do que a assembleia reunida. Consciente dessa realidade, ele sobe ao altar e, avançando cheio de santo temor, diz em tom baixo: “Lavai-nos, Senhor, de todo o pecado...”. Assim como a descida do sacerdote do altar nos lembra da queda do homem e da perda da amizade com Deus pelo

pecado, sua ascensão ao altar nos recorda nossa reconciliação com Deus por meio da Paixão de Cristo.

Beijando o altar

Colocando as mãos sobre o altar, o celebrante se curva e diz:

“Nós Vos suplicamos, Senhor, pelos méritos de vossos santos (*beijando o centro do altar*), cujas relíquias aqui se encontram, e de todos os demais santos, Vos digneis perdoar todos os nossos pecados. Amém.”

Ao chegar ao altar, o sacerdote inclina-se e beija-o. Esse gesto é realizado: 1) por respeito ao altar, que foi consagrado pelo Bispo por meio da oração e da palavra de Deus; 2) por reverência ao Corpo e Sangue de Cristo, que repousam no tabernáculo sobre o altar; 3) em honra aos santos cujas relíquias são preservadas na pedra d’ara; 4) por respeito a Cristo, que é simbolizado pelo altar. Essa cerimônia nos recorda que, para assistir dignamente a este Sacrifício, devemos abandonar toda malícia e ódio e estar unidos pelo vínculo da caridade cristã.

A Missa é a renovação incruenta do Sacrifício cruento da Cruz. O Sangue de Cristo foi derramado para a remissão dos pecados, mas os méritos desse preciosíssimo derramamento devem ser aplicados a cada alma individualmente. Isso explica o constante clamor por misericórdia expresso nesta e em tantas outras orações da Missa.

O Introito

O celebrante, no lado direito do altar (lado da Epístola), faz o sinal da cruz ao iniciar a antífona do Introito.

Ant.: “Bendita seja a Santíssima Trindade e indivisível Unidade. Louvemo-l’A porque fez conosco sua misericórdia.”

Sl. “Senhor, Senhor Nosso, como é admirável o vosso nome por toda a terra!”

Ÿ. Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.

Ant.: “Bendita seja...” (como acima).

(Introito do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

O Introito é a primeira oração que o sacerdote lê no Missal, no lado direito do altar, conhecido como lado da Epístola.

O Introito (do lat. *introitus, us*, “ação de entrar, entrada”) é assim denominado porque antigamente era costume cantar essa oração enquanto o sacerdote avançava em direção ao altar ou enquanto o povo entrava na igreja. O Introito consiste em um texto extraído das Sagradas Escrituras e termina com a doxologia: “Glória ao Pai...”. Ele varia diariamente de acordo com a festa que está sendo celebrada.

A recitação do Introito deve ser considerada o verdadeiro início da Missa, pois o que o precede tem mais o caráter de preparação do celebrante. Por essa razão, o sacerdote faz o sinal da cruz ao pronunciar as primeiras palavras, seguindo a regra geral de iniciar todas as funções solenes com esse sinal. Nas Missas de Réquiem — Missas pelos mortos —, ele não faz o sinal da cruz sobre si mesmo, mas sobre o Missal, dirigindo assim a bênção às almas do Purgatório. A recitação do Introito recorda os suspiros do mundo antigo pelo Redentor e a súplica a Deus para que apressasse sua vinda. Deve despertar em nós grande estima por esse mesmo Redentor, que felizmente já possuímos e cujos benefícios desfrutamos neste Santo Sacrifício. O sacerdote repete o Introito para simbolizar a santa impaciência dos Patriarcas e as frequentes orações que fizeram a Deus pedindo a vinda do Redentor.

O Kyrie

Retornando ao centro do altar, o celebrante reza alternadamente com o acólito:

✠. Senhor, tende piedade de nós (Kyrie, eleison).

✠. Senhor, tende piedade de nós (Kyrie, eleison).

✠. Senhor, tende piedade de nós (Kyrie, eleison).

✠. Jesus Cristo, tende piedade de nós (Christe, eleison).

✠. Jesus Cristo, tende piedade de nós (Christe, eleison).

✠. Jesus Cristo, tende piedade de nós (Christe, eleison).

Ÿ. Senhor, tende piedade de nós (Kyrie, eleison).

Ŗ. Senhor, tende piedade de nós (Kyrie, eleison).

Ÿ. Senhor, tende piedade de nós (Kyrie, eleison).

Após ler o *Introito*, o sacerdote retorna ao centro do altar para recitar o *Kyrie* diante do crucifixo. Trata-se de um clamor por misericórdia. *Kyrie, eleison* é dirigido três vezes a Deus Pai. Em seguida, *Christe, eleison* é recitado três vezes em honra a Deus Filho. Finalmente, *Kyrie, eleison* é repetido três vezes, agora invocando Deus Espírito Santo.

Nesta oração, ao mesmo tempo tão simples e bela, imploramos às três Pessoas da Santíssima Trindade que nos concedam misericórdia e perdão. Tal súplica é particularmente apropriada no início deste tremendo Sacrifício.

Ao Pai e ao Espírito Santo dizemos *Kyrie, eleison*, e ao Filho, *Christe, eleison*. O Papa Inocêncio III explica essa prática da seguinte maneira: “O Pai e o Espírito Santo possuem apenas a natureza divina. Mas no Filho há uma dupla natureza: a divina e a humana. Para destacar a natureza humana do Filho, dirigimo-nos a Ele como *Christe*, isto é, ‘Ungido’. Na segunda Pessoa da Santíssima Trindade, a natureza humana foi ungida, unida à natureza divina” (*De Myst. Miss.*, lib. II, cap. 19).

Kyrie, eleison são duas palavras gregas que significam “Senhor, tende misericórdia!”. Essa é a única oração da Missa recitada em grego. Foi introduzida na Igreja Ocidental a partir do Oriente e, devido ao seu frequente uso nos diversos ofícios

religiosos, tornou-se muito popular. Por seu peculiar destaque e venerável antiguidade, não foi traduzida para o latim. Com isso, a Igreja Latina também manifesta sua catolicidade e a comunhão de todas as assembleias dos fiéis ao redor do mundo, e como toda língua confessa Nosso Senhor Jesus Cristo. Além dessa oração em grego, a Igreja conservou na liturgia expressões hebraicas como “Amém”, “Aleluia”, “Sabaoth” e “Hosana”, empregando assim, no altar do Sacrifício incruento, as três línguas usadas na inscrição fixada na Cruz, onde Cristo ofereceu seu Sacrifício cruento.

O Glória

De pé, ao centro do altar, o celebrante estende, eleva e junta as mãos, inclinando-se levemente, e diz o Glória:

“Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade. Nós Vos louvamos, Vos bendizemos, Vos adoramos e Vos glorificamos. Nós Vos damos graças, por causa da vossa grande glória, ó Senhor Deus, Rei do céu, Deus Pai onipotente. Ó Senhor, Filho Unigênito de Deus, Jesus Cristo. Senhor Deus, Cordeiro de Deus e Filho do Pai. Vós que tirais os pecados do mundo, tende compaixão de nós. Vós que tirais os pecados do mundo, ouvi a nossa prece. Vós que estais sentado à direita do Pai, tende compaixão de nós. Porque só Vós, Jesus Cristo, sois Santo, só Vós sois o Senhor, só Vós sois o Altíssimo. Com o Espírito Santo, ✠ na glória de Deus Pai. Amém.”

Logo após o Kyrie vem o Glória. Essa magnífica oração não é tanto uma súplica, mas uma exultação de louvor. É chamada de “Hino Angélico”, porque se inicia com as palavras entoadas pelas vozes celestiais no nascimento do nosso Redentor. Esse nascimento foi anunciado aos pastores por um anjo, acompanhado por “[...] uma multidão do exército celeste, que louvava a Deus e dizia: ‘Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens, objetos da benevolência (divina)’” (Lc 2, 13s). Esse cântico é composto pelo louvor entoado pela multidão dos exércitos celestes e por piedosas aclamações acrescentadas pela Igreja. Também é chamado de “Grande Doxologia” ou “Hino de Louvor”.

Ao iniciar este hino, o sacerdote estende e eleva as mãos, voltando os olhos para o céu. É natural que uma sensibilidade piedosa adote tais gestos. Eles expressam de maneira sensível as profundas emoções interiores e a elevação religiosa da alma vivenciadas pelo cristão fervoroso, e testemunham que, enquanto seus lábios produzem aquelas notas angélicas de louvor — “Glória a Deus nas alturas” —, ecoam o anseio de um coração que suspira por receber e reter eternamente as alegrias do céu.

Ao inclinarmos a cabeça ao nome de Deus manifestamos adoração àquele que Se fez homem para nossa redenção.

Ao concluir o Glória, o sacerdote faz o sinal da cruz, seguindo o costume dos primeiros cristãos, que santificavam todas as suas principais ações recordando o Sacrifício de Cristo

na Cruz. Sendo um cântico de júbilo, o Glória é omitido nas Missas celebradas de preto pelos mortos e também durante os tempos penitenciais do Advento e da Quaresma, a menos que a Missa seja celebrada em honra de algum santo.

O Dominus vobiscum

O celebrante então beija o altar e, voltando-se para o povo, diz:

✠. O Senhor seja convosco.

✠. E com o vosso espírito.

Ao final do Glória, o sacerdote inclina-se, beija o altar e volta-se para o povo, dizendo: “O Senhor seja convosco”. O acólito responde: “E com o vosso espírito”. O sacerdote inclina-se diante do altar porque aquele que deseja comunicar uma bênção aos outros deve, antes de tudo, por sua humildade, atrair do céu a bênção que deseja conceder. Ele beija o altar porque este é o trono de Jesus. Volta-se para a assembleia porque, com as palavras *Dominus vobiscum*, saúda o povo.

Estende os braços para indicar, por essa expressão natural de sincero e caloroso afeto, que age em nome de Jesus, o Pastor amoroso do rebanho, que morreu na Cruz de braços abertos, como demonstração de sua disposição para acolher todos os pecadores verdadeiramente arrependidos. À saudação do sacerdote, o acólito, em nome do povo, responde novamente: “E com o vosso espírito”. A Igreja pretende, com essa frequente troca de saudações sagradas entre o sacerdote e o povo,

despertar a devoção e ensinar-nos a desejar, acima de tudo, permanecer sempre na paz de Deus.

Dominus vobiscum — “O Senhor seja convosco” — é uma saudação frequentemente repetida nos serviços litúrgicos católicos. É um cumprimento que encerra em si todo o bem que a Igreja pode desejar a seus filhos, pois “se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8, 31). Essa saudação também é encontrada nas Sagradas Escrituras (cf. Rt 2, 4; Lc 1, 28; 1Cor 16, 24). O povo acaba de expressar seu desejo sincero de que sua oração por misericórdia e perdão seja aceita por Deus. O sacerdote, atuando como mediador, manifesta então seu anseio de que essa oração encontre favor junto a Deus, dizendo: “O Senhor seja convosco”. Seria apropriado responder: “Que o Senhor seja também convosco”. O povo, entretanto, não responde desta maneira, mas diz: *Et cum spiritu tuo* — “E com o vosso espírito” — (cf. Fl 4, 23), ou seja, “Que o Senhor esteja com vossa alma, em vossa mente e em vosso coração”. Como essa obra divina é essencialmente espiritual e diz respeito à alma, pede-se, portanto, que o Senhor a encha com suas graças abundantes.

A Coleta

O celebrante retorna ao Missal e lê a Coleta:

Ÿ. Oremos: Ó Deus eterno e onipotente, que fizestes que os vossos servos, iluminados com a luz fé, conhecessem a glória da Trindade eterna e adorassem a Unidade no poder da

majestade, fazei que, pela firmeza da mesma fé, sejamos protegidos de toda adversidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

℟. Amém.

(Coleta do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

Tendo saudado o povo, o sacerdote retorna ao lado da Epístola no altar e, com os braços estendidos, lê no Missal a Coleta ou oração do dia. Ele inicia essa oração com o convite *Oremus* — “Oremos” —, pedindo assim que os fiéis se unam a ele em sua prece.

O sacerdote ora com os braços estendidos em imitação a Moisés, que rezava assim no monte enquanto os filhos de Israel combatiam os amalecitas na planície. Nada pode ser mais impressionante do que esse costume bíblico de orar com os braços erguidos. O salmista faz menção frequente a isso. Ele diz: “Ouvi a voz de minha súplica quando clamo, quando levanto as mãos para o vosso templo santo” (Sl 27, 2).

Nos primeiros tempos do Cristianismo, a palavra “coleta” (do lat. *colligere*, “recolher, juntar, reunir”) era usada para designar uma reunião dos fiéis para a oração. Era costume que o povo se reunisse em uma determinada igreja nos dias de jejum, especialmente em tempos de calamidade pública, e de lá seguissem em procissão habitual até outra igreja previamente designada. Quando o clero e os fiéis se encontravam no local

estabelecido, o bispo ou o sacerdote que ali celebraria recitava, diante da multidão reunida, uma breve oração, que, por essa razão, passou a ser chamada de “coleta”, ou oração da reunião. Antes de iniciar a oração propriamente dita, o celebrante exortava o povo — como ainda faz hoje — a elevar suas súplicas a Deus, dizendo: *Oremus*. Em seguida, o diácono proclamava em voz alta: *Flectamus genua* — “Dobremos os joelhos”; após um breve momento, durante o qual todos os presentes rezavam silenciosamente, ele clamava novamente: *Levate* — “Levantai-vos” —, e então o sacerdote, erguendo-se, recitava a oração em voz alta.

Essas orações são apropriadamente chamadas de “Coletas” também porque resumem e concentram todas as graças pedidas pelo sacerdote para si e para o povo. Geralmente são dirigidas ao Pai, a quem é oferecido o Sacrifício do Filho, e terminam com as palavras *Per Dominum nostrum Jesum Christum* — “Por nosso Senhor Jesus Cristo”. Essas palavras declaram que Cristo é o único mediador, por cujos méritos divinos e misericórdia temos a esperança de que todas as nossas súplicas sejam atendidas. Ao pronunciar essas palavras, o sacerdote inclina-se diante do crucifixo do altar, em sinal de reverência a Jesus Cristo, que é representado e lembrado pelo crucifixo.

O acólito responde “Amém” ao final da Coleta, expressando assim aprovação e ratificando o que o sacerdote acaba de dizer. “Amém” é uma palavra hebraica utilizada para confirmar

o que foi proclamado. Pode significar “isto é verdade”, “assim seja” ou “concordo com isso”.

O número de Coletas não é o mesmo em todas as Missas. Quando há mais de uma, a segunda Coleta também começa com *Oremus*, e todas as subsequentes são recitadas em sequência, sem conclusão intermediária ou nova introdução com *Oremus*. A fórmula final — *Per Dominum nostrum Jesum Christum* — é acrescentada apenas à última Coleta. Dessa forma, a Coleta do dia se distingue das demais e recebe uma dignidade especial. O número total de Coletas deve ser sempre ímpar e nunca exceder sete. Um simboliza a Unidade de Deus; três, a Santíssima Trindade; cinco, as Chagas de Cristo; e sete, os dons do Espírito Santo.

A Epístola

O celebrante lê a Epístola, com suas mãos repousando sobre o suporte do Missal.

Ÿ. Leitura da Epístola de São Paulo aos Romanos. Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos! Quem pode compreender o pensamento do Senhor?

Quem jamais foi o seu conselheiro? Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído? Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória por toda a eternidade! Amém.

(De Rm 11, 33-36 — Epístola do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

℟. Graças a Deus.

Após as Coletas, o sacerdote lê a Epístola (do lat. *epistula* (*epistola*), *ae* e do gr. ἐπιστολή, ἡς, “remessa de carta, carta”).

Não é apenas pela oração, mas também pela leitura piedosa que os fiéis são preparados para o Santo Sacrifício. Os judeus iniciavam o serviço público do sábado com a leitura dos livros de Moisés e dos profetas. Os primeiros cristãos seguiram esse exemplo. Antes de celebrar os sagrados mistérios aos domingos, liam trechos do Antigo ou do Novo Testamento. Como esses trechos eram geralmente extraídos das cartas de São Paulo, essa leitura das Sagradas Escrituras passou a ser chamada popularmente de “Epístola”. Nossas Epístolas dominicais são retiradas principalmente das cartas de São Paulo ou de outros Apóstolos. A Epístola é lida antes do Evangelho porque contém as palavras dos Apóstolos, enquanto o Evangelho traz a própria palavra de Cristo. É conveniente, portanto, que, por meio da voz de seus ministros, nos preparemos para ouvir o próprio Mestre. Além disso, por essa disposição, a Igreja parece seguir o exemplo de Cristo, que enviava alguns de seus discípulos à frente para preparar os lugares que Ele próprio viria a visitar.

Quando a Epístola termina, o acólito responde: *Deo gratias*, ou seja, “Graças a Deus”, em ação de graças pelo ensinamento contido na leitura.

A Epístola nos lembra da vida e da doutrina de Cristo, transmitidas a nós pelos Apóstolos e profetas.

O Gradual e o Aleluia (ou Trato), e as Sequências

Durante a Quaresma, quando é omitido o Aleluia, ele é substituído pelo Trato, geralmente uma breve passagem dos Salmos. O celebrante lê o Gradual:

℣. Bendito sois, Senhor, que sondais os abismos e Vos assentais acima dos Querubins. Bendito sois Vós, Senhor, no firmamento do céu e digno de louvor por todos os séculos. Aleluia.

(De Dn 3, 54.56 — Gradual do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

Aleluia, aleluia.

℣. Bendito sois, Senhor, Deus de nossos pais, e digno de louvor por todos os séculos. Aleluia.

(Aleluia do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

Após a Epístola, para unir a oração à instrução, recita-se todo ou parte de um salmo. Essa oração é chamada de “Gradual” (do lat. *gradus, us*, “passo, modo de andar, marcha, degrau”), devido ao antigo costume de cantar essas orações nos degraus do ambão,¹⁷ de onde a Epístola era lida. Os

17 espécie de púlpito instalado no presbitério, de onde se liam as Sagradas Escrituras ou se fazia a homília, hoje pouco usado no rito tradicional. [N. do T.]

salmos ou trechos de salmos recitados nessa parte da Missa são um legado do serviço da Sinagoga. Seguindo essa tradição, leituras alternadas e salmos preenchiam grande parte da primeira metade do serviço sagrado que hoje chamamos de Missa. Santo Agostinho menciona essa prática: “Primeiro ouvimos a lição do Apóstolo [Epístola]. Depois cantamos um salmo [Gradual]. Em seguida, ouvimos a leitura do Evangelho” (*Serm.* 176).

Os versículos que compõem o Gradual às vezes eram cantados por um único corista, sem pausas, e outras vezes alternadamente por várias vozes. Quando o canto era realizado por uma só pessoa e sem interrupção, era chamado de “Trato” (do lat. *tractim*, “arrastando-se lentamente, sem interrupção, prolongadamente”). Como há um tom de lamento nas melodias longamente entoadas por uma única voz, o Trato é recitado durante os tempos penitenciais.

Durante o Tempo Pascal, a repetição do Aleluia substitui o Gradual. Aleluia é um termo hebraico que significa “Louvai ao Senhor”. Como expressa uma exaltação jubilosa que nenhuma palavra em latim poderia traduzir plenamente, foi mantido em sua forma original. O Aleluia é o cântico da Sião celeste, que São João ouviu ser entoado no céu: “Depois disso, ouvi no céu como que um imenso coro que cantava: ‘Aleluia! A nosso Deus a salvação, a glória e o poder’” (Ap 19, 1).

Em certos dias, após a leitura do Gradual, o sacerdote recita um poema litúrgico. Esses poemas são chamados de “Sequências” (do lat. *sequens, entis*, “que segue, seguinte”), porque são lidos em seguida ao Gradual. O Missal contém cinco Sequências: a primeira é *Victimae Paschali* — “À Vítima Pascal” —, cantada na Páscoa e atribuída a Roberto, Rei dos Francos, no século XI. A segunda é *Veni, Sancte Spiritus* — “Vinde, Espírito Santo” —, usada no Pentecostes, que se acredita ter sido composta no século XI pelo Beato Hermano de Reichenau, monge beneditino. A terceira é *Lauda Sion* — “Louvai, ó Sião” —, para a Festa de Corpus Christi, atribuída a Santo Tomás de Aquino. A quarta é *Dies Irae* — “Dia de Ira” —, recitada nas Missas de Réquiem, geralmente atribuída ao Beato Tomás de Celano, monge franciscano, que faleceu por volta de 1260. A quinta é *Stabat Mater* — “A Mãe Dolorosa” —, atribuída ao Papa Inocêncio III, recitada na Festa das Sete Dores de Nossa Senhora.

Após a leitura do Gradual ou do Trato, o acólito leva o Missal para o lado esquerdo do altar, conhecido como o lado do Evangelho. Segundo um antigo costume, a igreja e o altar deveriam ser orientados de forma que o sacerdote ficasse voltado para o Oriente (*ad orientem*) ao oferecer a Missa. Se esse costume for seguido, o sacerdote estará voltado para o Norte ao proclamar o Evangelho. Assim como o Sul, com sua vegetação exuberante, era considerado símbolo do reino

da graça, o frio Norte, com suas vastas terras áridas, passou a ser visto como símbolo do reino do mal. Antes que as boas-novas fossem anunciadas naquela primeira noite de Natal, o mundo estava imerso em um materialismo frio. Mas, quando o Evangelho de Cristo foi pregado, a face da terra foi renovada, e o amor a Deus e à virtude reacendeu-se nos corações dos homens.

Os judeus, a quem o “Evangelho do Reino” foi pregado primeiro, o rejeitaram. Então, ele foi levado aos gentios. Isso é simbolizado pela transferência do Missal para o outro lado do altar. Essa transferência do Missal de um lado do altar para o outro também nos recorda como nosso Senhor foi conduzido de um juiz iníquo a outro durante sua Paixão.

O Munda Cor Meum

Profundamente inclinado ao meio do altar, o sacerdote diz em voz baixa:

“Senhor onipotente, purificai o meu coração e os meus lábios, Vós que purificastes os lábios do Profeta Isaías com um carvão em brasa. E dignai-Vos por tal modo purificar-me com a vossa misericórdia para que possa dignamente anunciar o vosso Santo Evangelho. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.”

(Enquanto reza esta oração, o Missal é levado para o lado do Evangelho.)

“Senhor, abençoi-me. Que o Senhor resida no meu coração e nos meus lábios, para que anuncie digna e convenientemente o seu Evangelho. Amém.”

Enquanto o Missal é transferido, o sacerdote dirige-se ao centro do altar, onde faz uma profunda inclinação e pede a Deus que purifique seu coração e seus lábios, assim como purificou os do profeta Isaías com um carvão em brasa, para que ele possa anunciar dignamente o Evangelho ao povo. Enquanto isso, os fiéis rezam para que possam escutar a Palavra de Deus com atenção e proveito.

A alusão a Isaías nesta oração nos recorda a maravilhosa visão do profeta. Ele foi agraciado com uma visão das glórias do céu e, tomado de profunda humildade diante de sua indignidade, exclamou: “‘Ai de mim’ – gritava eu. – ‘Estou perdido porque sou um homem de lábios impuros, e habito com um povo (também) de lábios impuros e, entretanto, meus olhos viram o rei, o Senhor dos exércitos!’” (Is 6, 5). Em resposta à sua súplica, foi purificado pela graça de Deus: “Porém, um dos serafins voou em minha direção; trazia na mão uma brasa viva, que tinha tomado do altar com uma tenaz. Aplicou-a na minha boca e disse: ‘Tendo esta brasa tocado teus lábios, teu pecado foi tirado, e tua falta, apagada’” (Is 6, 6s).

Quando o sacerdote se dirige ao Missal para proclamar o Evangelho, o povo se levanta. Com isso, manifesta sua

prontidão para sustentar e defender os ensinamentos de Cristo. Essa prática também recorda aos fiéis que, pelo Evangelho de Cristo, o homem é elevado do pecado para uma nova vida.

O Evangelho

Voltando-se para o Missal com as mãos postas, o sacerdote diz:

℣. O Senhor seja convosco.

℟. E com o vosso espírito.

Com o polegar, o sacerdote faz o sinal da cruz sobre o Evangelho a ser lido e depois em sua testa, lábios e peito, dizendo:

℣. ✠ Sequência do santo Evangelho segundo São Mateus.

℟. Glória a Vós, Senhor.

℣. Mas Jesus, aproximando-se, lhes disse: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”.

(De Mt 28, 18ss — Evangelho do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

℟. Louvor a Vós, Senhor.

Então o sacerdote, beijando o Missal, diz:

“Por estas palavras do Evangelho, perdoados sejam os nossos pecados.”

O sacerdote agora profere o seu Sermão ou Homilia.

Tendo concluído a oração no centro do altar, o sacerdote dirige-se ao Missal, agora colocado no lado esquerdo do altar, para proclamar o Evangelho. “Evangelho” vem do vocábulo grego εὐαγγέλιον, ου — “boa-nova” —, formado por dois vocábulos: εὖ — “bem, bom” — e ἄγγελος — “mensageiro, anúncio” —, que deu origem ao vocábulo latino *evangelium*, *ii*. O Evangelho é um trecho selecionado de um dos quatro Evangelistas — Mateus, Marcos, Lucas e João — e varia conforme a festa do dia. Durante a leitura do Evangelho, os fiéis permanecem de pé em sinal de reverência à palavra de Deus e disposição para segui-la.

Antes de proclamar o Evangelho, o sacerdote novamente diz: *Dominus vobiscum*. Após a resposta do acólito, ele anuncia de qual Evangelista o Evangelho do dia foi retirado, dizendo: *Sequentia sancti Evangelii secundum*

Matthaeum (ou *Lucam, Marcum, Joannem*, conforme o caso), ou seja, “Sequência do santo Evangelho segundo São Mateus”. O acólito então responde: *Gloria tibi, Domine* — “Glória a Vós, Senhor”. Ao dizer essa frase, o sacerdote

faz o sinal da cruz com o polegar sobre o Missal, significando que o Evangelho que está prestes a proclamar é a palavra de Cristo crucificado, que morreu pela verdade de sua doutrina. Nas palavras *Gloria tibi, Domine*, ele também faz o sinal da cruz com o polegar na testa, nos lábios e no peito. Os fiéis

imitam esse gesto. Ao traçar esse tríplice sinal da cruz, pedimos a Deus a graça de conhecer seus ensinamentos com a mente, professá-los com os lábios e amá-los e segui-los com todo o coração.

Ao final do Evangelho, o sacerdote beija o livro em sinal de reverência à palavra de Deus e para expressar que tudo o que procede de tão sagrada fonte é doce e venerável. Ao beijar o texto sagrado, ele diz: *Per evangelica dicta deleantur nostra delicta* — “Por estas palavras do Evangelho, perdoados sejam os nossos pecados”. O acólito, em nome do povo, responde: *Laus tibi, Christe* — “Louvor a Vós, Senhor”. Com essa aclamação, os fiéis expressam sua devoção a Cristo, inspirados pela leitura de sua palavra.

Nos domingos e dias santos de preceito, costuma-se pregar um sermão para explicar o Evangelho. (O sermão, contudo, não faz parte propriamente da Missa.)

O Credo

O celebrante retorna ao centro do altar e entoia o Credo:

“Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do Céu e da Terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por meio de quem foram feitas todas

as coisas. Que por causa de nós, homens, e por causa de nossa salvação desceu dos Céus. (*Ajoelham-se todos durante o seguinte artigo:*) E SE ENCARNOU POR OBRA DO ESPÍRITO SANTO, EM MARIA VIRGEM, E FEZ-SE HOMEM. Também por amor de nós foi crucificado, sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras. Subiu aos Céus, onde está sentado à direita do Pai. Donde virá de novo, em sua glória, para julgar os vivos e os mortos e cujo reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho. Que com o Pai e com o Filho é igualmente adorado e glorificado: Ele que falou pelos profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para a remissão dos pecados. Espero a ressurreição dos mortos e a vida ✠ do século futuro. Amém.”

Após o Evangelho, segue-se a profissão de fé. O sacerdote retorna ao centro do altar, estende e eleva as mãos, volta os olhos para o céu e inicia a oração com a palavra *Credo* — “Creio”. Esta é a resposta da Igreja ao ensinamento do Evangelho: ela proclama que crê em tudo o que Cristo ensinou. O Credo é um resumo da doutrina cristã e é frequentemente chamado de “Símbolo”. O vocábulo “símbolo” significa “um sinal usado para distinguir uma coisa de outra”. Para os primeiros cristãos, o Símbolo ou Credo era como a senha de um exército em campanha, um sinal pelo qual um amigo

podia ser distinguido de um inimigo. Como o Credo era o meio pelo qual o verdadeiro fiel era reconhecido entre os descrentes, tornou-se costume dizer: *Da Symbolum* — “Dá o Símbolo”.

A fórmula usada na Missa é conhecida como “Credo Niceno-Constantinopolitano”. Trata-se da profissão de fé proclamada pela Igreja universal reunida no Concílio de Niceia, no ano 325, e ampliada no Concílio de Constantinopla, em 381. Além dessa fórmula, há outras três frequentemente utilizadas pela Igreja em diversas funções litúrgicas: o Credo dos Apóstolos, considerado uma formulação originada pelos próprios Apóstolos; o Credo Atanasiano, atribuído a Santo Atanásio, que expõe principalmente a doutrina da Santíssima Trindade; e o Credo Tridentino, ou Credo de Pio IV, que contém os ensinamentos do Concílio de Trento e foi promulgado em 1564.

Ao recitar o Credo, o sacerdote inclina a cabeça ao pronunciar o nome de Deus, em sinal de respeito. Nas palavras *ET INCARNATUS EST DE SPIRITU SANCTO EX MARIA VIRGINE: ET HOMO FACTUS EST* — “E SE ENCARNOU POR OBRA DO ESPÍRITO SANTO, EM MARIA VIRGEM, E FEZ-SE HOMEM ” —, o sacerdote e o povo se ajoelham em reverência ao mistério da Encarnação e para adorar Deus feito homem, que, mesmo sendo “[...] de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus,

mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos” (Fl 2, 6-10). Ao nos ajoelharmos em gratidão ao Filho de Deus por Se ter feito homem por nós e nos erguermos novamente, expressamos nossa esperança na rejubilante ressurreição.

Nos dias da semana em que não há festa, ou quando a festa é de um mártir, confessor, virgem ou viúva, o Credo não é recitado; também não é dito nas Missas de Réquiem.

Antigamente, assim que o Credo era concluído, todos que não haviam sido batizados, que estavam sob penitência ou que ainda não haviam sido admitidos à Comunhão eram ordenados a sair da igreja. Esse momento marcava o fim da “Missa dos Catecúmenos”. O que se seguia — “A Missa dos Fiéis” — era considerado demasiado sagrado para a presença de pecadores notórios e demasiado misterioso para ser presenciado por aqueles que ainda não estavam plenamente instruídos. A Igreja, porém, modificou sua disciplina a esse respeito e agora permite que todos permaneçam durante todo o rito sagrado.

Capítulo II:
O OFERTÓRIO, A PRIMEIRA DAS TRÊS
PARTES PRINCIPAIS DA MISSA

A preparação do Sacrifício

Nesta parte da Missa, faz-se a preparação para o Sacrifício. As oferendas do pão e do vinho são abençoadas e dedicadas para que, na Consagração, se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo. O Papa Inocência III ensina: “Depois de ouvirmos o Evangelho, deve seguir-se não apenas a fé no coração (evidenciada ao recitarmos o Credo), mas, acima de tudo, o fruto dessa fé em obras, manifestado por nossas ofertas”.

O sacerdote beija o altar, vira-se para o povo e diz:

Ÿ. O Senhor seja convosco.

℞. E com o vosso espírito.

A antífona do Ofertório

O sacerdote lê a antífona do Ofertório:

“Oremos: Bendito seja Deus, o Pai, e o Filho Unigênito de Deus, e também o Espírito Santo, pois foi misericordioso para conosco.”

(Antífona do Ofertório do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

O Ofertório

O sacerdote remove o véu e a pala do cálice e, erguendo a patena com a hóstia, oferece-a a Deus dizendo:

“Recebei, santo Pai, onipotente e eterno Deus, esta hóstia imaculada, que eu, vosso indigno servo, vos ofereço, ó meu Deus, vivo e verdadeiro, por meus inumeráveis pecados, ofensas e negligências, por todos os que circundam este altar, e por todos os fiéis vivos e falecidos, a fim de que, a mim e a eles, este sacrifício seja de proveito para a salvação na vida eterna. Amém.”

O sacerdote faz o sinal da cruz com a patena, e depois a inclina para que a hóstia deslize para o corporal.

O sacerdote agora derrama vinho e água no cálice, abençoando a água antes de misturá-la, dizendo:

“Ó Deus, ✠ que maravilhosamente criastes em sua dignidade a natureza humana e mais prodigiosamente ainda a restaurastes, concedei-nos, pelo mistério desta água e deste vinho, sermos participantes da divindade daquele que Se dignou revestir-se de nossa humanidade, Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor Nosso, que, sendo Deus, convosco vive e reina em união com o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.”

O sacerdote oferece agora o cálice, dizendo:

“Nós Vos oferecemos, Senhor, o cálice da salvação, suplicando a vossa clemência. Que ele suba qual suave incenso à presença de vossa divina Majestade, para salvação nossa e de todo o mundo. Amém.”

Ele então faz o sinal da cruz com o cálice, coloca-o sobre o corporal e cobre-o com a pala.

Inclinando-se, com as mãos unidas sobre o altar, o sacerdote diz:

“Em espírito de humildade e coração contrito, sejamos por Vós acolhidos, Senhor. E assim se faça hoje este nosso sacrifício em vossa presença, de modo que vos seja agradável, ó Senhor Nosso Deus.”

De pé, ele estende e depois junta as mãos, elevando os olhos ao céu. E fazendo o sinal da cruz sobre a hóstia e o cálice, ele invoca o Espírito Santo:

“Vinde, ó Santificador, onipotente e eterno Deus, e abençoai ✠ este sacrifício preparado para glorificar o vosso santo nome.”

A antífona do Ofertório

Após a recitação do Credo, o sacerdote beija novamente o altar, volta-se para a assembleia e diz: *Dominus vobiscum* — “O Senhor seja convosco”. O acólito responde: *Et cum spiritu*

*tu*o — “E com o vosso espírito”. Com essa saudação, sacerdote e fiéis expressam o desejo de que Deus os assista na oferta de um sacrifício digno.

Voltando-se para o altar e estendendo as mãos, o sacerdote convida o povo à oração, dizendo: *Oremus* — “Oremos”.

Em seguida, recita-se a antífona do Ofertório (também chamada “verso do Ofertório” ou simplesmente “Ofertório”).

Trata-se de uma oração dita em preparação para a oblação. A antífona do Ofertório recebe esse nome porque, antigamente, enquanto o povo apresentava o pão e o vinho para o sacrifício, era costume entoar essa oração. Além do pão e do vinho, os fiéis também ofereciam frutos da terra, óleo, cera e, posteriormente, dinheiro para o sustento do clero e manutenção dos serviços religiosos. A antífona do Ofertório varia conforme o dia litúrgico.

*A oblação do pão*¹⁸

Tendo recitado a antífona do Ofertório, o sacerdote descobre o cálice e o retira do centro do altar, colocando-o à sua direita. Quando o véu do cálice é removido, o acólito toca a

18 Oblação — ato pelo qual a vítima de um sacrifício é oferecida a Deus. A oblação do pão e do vinho no Ofertório antecipa a oblação da *Vítima Divina*, na qual o pão e o vinho se transformarão na Consagração. A hóstia, posta na patena, e o vinho, no cálice, são chamados, antes da consagração, “oblatus”, do latim *oblatus*, *a, um*, particípio passado do verbo *offero*, que significa “levar à frente, apresentar, oferecer, expor”.

sineta, sinalizando à assembleia para se unir ao sacerdote na oferta dos dons — oblatas — de pão e vinho a Deus. A pala é retirada do cálice e colocada contra a borda do altar. Em seguida, o sacerdote toma a hóstia e, elevando-a sobre a patena ou prato dourado, oferece-a ao Deus todo-poderoso, dizendo a oração: *Suscipe, sancte Pater...* — “Recebei, santo Pai...”. Sobre o corporal, ele faz o sinal da cruz com a patena, na qual repousa a hóstia. No início da Missa, o corporal foi estendido no centro do altar; agora, o sacerdote deposita a hóstia sobre ele e coloca a patena ligeiramente à direita.

A oblação do cálice

Tomando o cálice, o celebrante dirige-se para o lado da Epístola no altar, derrama no cálice o vinho que será consagrado e mistura-lhe algumas gotas d’água. Antes de tomar a galleta contendo a água, o sacerdote faz sobre ela o sinal da cruz. Deve-se lembrar que o sinal da cruz é feito com frequência durante a celebração da Missa e ao abençoar qualquer coisa dedicada ao serviço de Deus todo-poderoso, a fim de indicar que todas as bênçãos suplicadas são fundamentadas unicamente nos méritos da Paixão e morte de Cristo na Cruz. Aqui, apenas a água é abençoada, e não o vinho, pelo seguinte motivo: o vinho simboliza Cristo, que não necessita de bênção. A água, porém, representa a natureza humana, que, com todas as suas fraquezas, tem grande necessidade da bênção divina.

Uma pequena porção de água é colocada no vinho conforme a tradição da Igreja, que nos ensina que a água foi misturada ao vinho na Última Ceia. Esse rito nos recorda que o Filho de Deus assumiu a nossa natureza humana e nos torna participantes de sua natureza divina por meio da graça santificante. Além disso, remete ao fato de que sangue e água jorraram do lado do nosso Salvador quando Ele foi transpassado pela lança.

Retornando ao centro do altar com o cálice, o sacerdote o eleva ao céu e oferece a Deus o vinho, que em breve será transformado no preciosíssimo Sangue de nosso Senhor, dizendo: “Nós Vos oferecemos, Senhor, o cálice da salvação, suplicando a vossa clemência. Que ele suba qual suave incenso à presença de vossa divina Majestade, para salvação nossa e de todo o mundo. Amém.” Antes de colocar o cálice sobre o corporal, o sacerdote faz com ele o sinal da cruz e, em seguida, o cobre com a pala.

Inclinando-se profundamente diante do altar, o sacerdote faz agora a seguinte oração por si e pelo povo: “Em espírito de humildade e coração contrito, sejamos por Vós acolhidos, Senhor. E assim se faça hoje este nosso sacrifício em vossa presença, de modo que vos seja agradável, ó Senhor Nosso Deus.” Tudo está agora pronto para o sacrifício. Primeiro o pão, depois o vinho e, por fim, os corações do povo foram oferecidos separadamente a Deus. Então, como nada na ordem da graça

se realiza sem o auxílio do Espírito Santo, o sacerdote ora enquanto estende os braços e faz o sinal da cruz sobre o pão e o vinho: “Vinde, ó Santificador, onipotente e eterno Deus, e abençoai ✠ este sacrifício preparado para glorificar o vosso santo nome.” O Lavabo

O celebrante agora purifica os dedos:

“Lavo as minhas mãos entre os inocentes, e me aproximo do vosso altar, ó Senhor, para ouvir o cântico dos vossos louvores, e proclamar todas as vossas maravilhas. Eu amo, Senhor, a beleza da vossa casa, e o lugar onde reside a vossa glória. Não me deixeis, ó Deus, perder a minha alma com os ímpios, nem a minha vida com os sanguinários. Em suas mãos se encontram iniquidades, sua direita está cheia de dádivas. Eu, porém, tenho andado na inocência. Livrai-me, pois, e tende piedade de mim. Meus pés estão firmes no caminho reto. Eu vos bendigo, Senhor, nas assembleias dos justos. Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.”

Inclinando-se ao centro do altar e colocando suas mãos unidas sobre ele, o celebrante diz:

“Recebei, ó Trindade Santa, esta oblação, que Vos oferecemos em memória da Paixão, Ressurreição e Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e em honra da bem-aventurada e sempre Virgem Maria, de São João Batista, dos santos Apóstolos Pedro

e Paulo, destes¹⁹ (*cujas relíquias estão no altar*) e de todos os santos; para que a eles sirva de honra e a nós de salvação; e eles se dignem interceder no céu por nós, que, na terra, celebramos sua memória. Pelo mesmo Cristo Senhor Nosso. Amém.”

Tendo feito a oblação do pão e do vinho, o sacerdote retira-se para o lado da Epístola no altar e ali lava os dedos.

Enquanto realiza esse ato, recita o salmo 25, começando pelo sexto versículo com as palavras: “Lavo as minhas mãos entre os inocentes”. Esta cerimônia é chamada “Lavabo” porque esta é a palavra latina para “lavarei”. Esse rito, a lavagem das mãos, é frequentemente mencionado nas Sagradas Escrituras como símbolo de pureza. É com grande propriedade, portanto, que a Igreja incorporou ao seu culto uma cerimônia tão expressiva da inocência e da pureza com que devemos nos aproximar do grande Sacrifício da Nova Lei.

Como o sacerdote já lavou as mãos na sacristia antes de se paramentar para a Missa, pode-se perguntar: “Por que essa segunda lavagem após o Ofertório?”. A razão para essa segunda lavagem realizada durante a Missa deve ser buscada nos primeiros séculos da Igreja. Era costume que o celebrante e os diáconos recebessem do povo os pães e os vasos de vinho no momento do Ofertório. Daí a necessidade especial

19 Os santos cujas relíquias estão na pedra d'ara.

dessa função, a lavagem das mãos, após essa longa cerimônia na Igreja primitiva.

No final do salmo recitado no Lavabo, o sacerdote acrescenta: “Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre, e por todos os séculos dos séculos. Amém.”. Como se trata de um hino de júbilo, é devidamente omitido nas Missas pelos mortos e no tempo em que se comemora a Paixão e morte de Cristo (ou seja, durante a Semana da Paixão e a Semana Santa).

Tendo realizado essa ablução ou lavagem, o sacerdote retorna ao centro do altar e, inclinando a cabeça, reza em silêncio por um breve momento. Esta oração é dirigida à Santíssima Trindade: “Recebei, ó Trindade Santa, esta oblação, que Vos oferecemos...”.

O Orate Fratres

O celebrante beija o altar e, voltando-se para o povo, estende as mãos e diz em voz alta:

Ÿ. Orai, irmãos, para que este sacrifício, meu e vosso, seja aceito e agradável a Deus Pai Onipotente.

Ř. Receba o Senhor, de tuas mãos, este sacrifício, para louvor e glória de Seu nome, para nosso bem e de toda a Sua santa Igreja.

Ÿ. Amém.

Pela oração precedente, o celebrante mais uma vez recomenda o sacrifício a Deus, explicando o fim para o qual é oferecido. Em seguida, beija o altar, volta-se para o povo e, com os braços estendidos, solicita suas orações, dizendo em voz alta: *Orate, fratres* — “Orai, irmãos” —, e, voltando-se novamente para o altar, continua: “Para que este sacrifício, meu e vosso, seja aceito e agradável a Deus Pai Onipotente.” A este convite do celebrante para que todos rezem, o acólito, em nome de todo o povo, responde: “Receba o Senhor, de tuas mãos, este sacrifício, para louvor e glória de Seu nome, para nosso bem e de toda a Sua santa Igreja.” No *Orate Fratres*, o sacerdote se volta para o povo pela última vez até que o sacrifício seja consumado e a Comunhão recebida. A razão para isso é que ele agora entra na parte mais solene da Missa, que inclui tanto a Consagração quanto a Comunhão, e que, portanto, exige sua máxima atenção. Pode-se considerar que nesse instante o sacerdote se despede e entra, como o Sumo Sacerdote da Antiga Lei, no Santo dos Santos. Até este momento, ele tem rezado como um dos membros da assembleia, permanecendo no meio do povo, falando em voz alta para que todos pudessem se unir a ele. Mas agora, como Moisés, deixa o povo ao pé do monte enquanto sobe ao cume para conversar a sós com Deus. Chamado a exercer um ministério tão elevado e acima da natureza humana, e ao mesmo tempo ciente de sua total indignidade, que mais poderia fazer senão voltar-se para o povo

e, com voz suplicante, dizer: *Orate, fratres* — “Orai, irmãos”? Que os fiéis considerem o sacerdote como alguém oprimido pela consciência de sua indignidade, buscando o auxílio de suas orações para sustentá-lo durante o tremendo sacrifício que está prestes a realizar.

A Secreta

Então, com as mãos estendidas, o celebrante reza silenciosamente a Secreta:

“Nós Vos rogamos, Senhor, nosso Deus, santificai pela invocação de vosso santo nome esta hóstia que Vos oferecemos e fazei que por ela sejamos nós mesmos para Vós uma oblação para a eternidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, Deus...”

(Secreta do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

Ao terminar a oração, o sacerdote reza o final em voz alta:

Ÿ. [...] por todos os séculos dos séculos.

℟. Amém.

Ele então prossegue imediatamente com o responsório do Prefácio.

O celebrante, tendo respondido “Amém” à oração *Suscipiat Dominus sacrificium...* — “Receba o Senhor, de tuas mãos, este sacrifício...” —, recitada pelo acólito, diz em voz

baixa a Secreta²⁰ ou Secretas na mesma ordem em que disse as Coletas. A Secreta é agora dita em voz baixa simplesmente porque, nesse momento, o coro está cantando a antífona do Ofertório. As Secretas sempre correspondem às Coletas. Elas são em igual número e sempre remetem ao mesmo assunto, ou seja, comemoram a mesma solenidade ou pedem a intercessão dos santos mencionados na Coleta. O sacerdote encerra a primeira e a última Secreta com as palavras *Per Dominum nostrum...* — “Por nosso Senhor...”.

A conclusão da última Secreta, *Per omnia saecula saeculorum* — “por todos os séculos dos séculos” —, é dita ou cantada em voz alta, formando a introdução do Prefácio. Se não for lembrado que estas palavras encerram a última oração Secreta, parecerão ininteligíveis. O povo manifesta sua aprovação aos sentimentos expressos pelo sacerdote nas orações Secretas respondendo com um “Amém” em voz alta, por meio do acólito. Essas palavras são ditas em voz alta para alertar os fiéis a se unirem interiormente às respostas do Prefácio.

O Prefácio

O Prefácio é recitado em voz alta ou cantado:

20 Do latim *secernere*, “pôr à parte, separar”. A Secreta é essencialmente uma oração “sobre as oferendas postas à parte para o Sacrifício” (*St. Andrew Daily Missal*).

℣. O Senhor seja convosco.

℟. E com o vosso espírito.

℣. Corações para o alto.

℟. Temo-los para o Senhor.

℣. Demos graças ao Senhor, nosso Deus.

℟. É digno e justo.

O celebrante estende as mãos e as mantém nessa posição até o final do Prefácio.

“É verdadeiramente digno, justo, necessário e salutar que sempre e em toda a parte Vos rendamos graças, Senhor Santo, Pai onipotente e Deus eterno; que sois, com o Vosso Filho Unigênito e com o Espírito Santo, um só Deus e um só Senhor, não na singularidade duma só pessoa, mas na Trindade duma só substância. Porque tudo aquilo que nos revelastes e cremos da Vossa glória, isso mesmo sentimos, sem diferença nem distinção, do Vosso Filho e do Espírito Santo, de maneira que, confessando a verdadeira e eterna Divindade, adoramos a propriedade nas Pessoas, a unidade na Essência e a igualdade na Majestade, a qual louvam os Anjos e os Arcanjos, os Querubins e os Serafins, que não cessam de cantar dizendo a uma só voz:”

(Santo, santo, santo...)

A palavra “prefácio” deriva dos termos latinos *prae* (“antes”) e *facere* (“fazer”). Assim, literalmente, o “Prefácio” é aquilo que é feito antes. Essa parte da cerimônia é assim chamada porque serve de introdução à segunda parte principal da

Missa, a Consagração ou Cânon. O Prefácio é um hino solene de louvor e ação de graças, recitado em imitação de nosso Senhor, que deu graças antes de consagrar o pão e o vinho.

O Prefácio começa com um breve diálogo. Primeiro, recita-se ou canta-se *Dominus vobiscum* juntamente com sua resposta. O sacerdote então convida o povo a afastar todos os pensamentos terrenos e voltar-se totalmente para Deus, dizendo: *Sursum corda* — “Corações para o alto” [para Deus]. Ao dizer essas palavras, ergue as mãos para enfatizar, por meio desse gesto exterior, que é necessário elevar os corações a Deus. A assembleia, em resposta a esse convite, responde por meio do acólito: *Habemus ad Dominum* — “Temo-los para o Senhor”. Segue-se então o convite à ação de graças: *Gratias agamus Domino Deo nostro* — “Demos graças ao Senhor, nosso Deus”. Enquanto pronuncia essas palavras, o celebrante junta as mãos e inclina a cabeça para expressar, da maneira mais significativa possível, que Deus exige a adoração do espírito. O povo responde: *Dignum et justum est* — “É digno e justo” [que demos graças].

Retomando as palavras que o povo, pela boca do acólito, acaba de proferir, o sacerdote prossegue: *Vere dignum et justum est...* — “É verdadeiramente digno e justo...”.

Nota-se que o Prefácio é um cântico solene pelo qual os corações dos fiéis se elevam à contemplação das coisas celestiais e à ação de graças a Deus pelos diversos mistérios. Para fazê-lo de maneira mais digna, os fiéis são convidados a unir-se

“com uma só voz” (*una voce*) aos anjos, que honram a majestade de Deus e repetem eternamente: “Santo, santo, santo, Senhor Deus dos Exércitos!”.

O Prefácio nem sempre é o mesmo. Diferentes Prefácios, que comemoram diversos mistérios, são recitados em diferentes dias festivos. O Missal Romano contém onze Prefácios.

O Prefácio acima é o da Santíssima Trindade. Este Prefácio é designado para ser recitado ou cantado no Domingo da Santíssima Trindade e em todos os domingos que não possuem um Prefácio especial. É um magnífico hino ao mistério mais profundo e sublime de nossa fé. O mistério da Santíssima Trindade é absolutamente insondável para todas as mentes criadas. O Prefácio da Santíssima Trindade ecoa o Credo Atanasiano, que proclama: “Esta é a fé católica: que adoremos um só Deus na Trindade e a Trindade na Unidade”.

Na Missa Solene, o Prefácio é cantado pelo celebrante. O canto é solene e majestoso. Devido à grande antiguidade dos vários Prefácios, sua autoria permanece desconhecida.

O Sanctus

O celebrante junta as mãos e inclina a cabeça, dizendo:

«» «» «» “Santo, santo, santo, Senhor Deus dos Exércitos. O céu e a terra proclamam a vossa glória. Hosana nas alturas. Bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas.”

O Prefácio termina com o Sanctus. Como o Sanctus é apenas uma continuação do Prefácio, o celebrante na Missa Solene poderia muito bem cantá-lo sozinho. Mas aqui se introduziu uma das nuances dramáticas que continuamente adornam a liturgia. O povo também deseja unir-se aos anjos e dizer: “Santo, santo, santo”; assim, quando o celebrante chega a essas palavras, é o coro quem o interrompe cantando e dando continuidade à frase do celebrante, enquanto este recita o Sanctus em voz baixa.

O Sanctus é o cântico dos anjos que o profeta Isaías ouviu quando viu “[...] o Senhor sentado num trono muito elevado; as franjas de seu manto enchiam o templo. Os serafins se mantinham junto dele. [...] Suas vozes se revezavam e diziam: ‘Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos! A terra inteira proclama a sua glória!’” (Is 6, 1ss). A aclamação com que os judeus saudaram Cristo em sua entrada triunfal em Jerusalém é adicionada: “[...] Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus!” (Mt 21, 9). “Sabaoth” e “Hosana” são palavras hebraicas. “Sabaoth” significa “exércitos” e refere-se à inumerável multidão dos anjos. A palavra hebraica “Hosana” é uma exclamação de triunfo praticamente intraduzível. Literalmente, significa: “Ó, salvai-nos!”. As palavras “Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor” anunciam aquele que em breve virá sobre o altar para

ser imolado de maneira incruenta, sendo o mesmo que entrou em Jerusalém para ali derramar seu Sangue na Cruz.

Para anunciar à assembleia a aproximação da Consagração, o acólito toca a sineta no Sanctus.

Em alguns lugares, o acólito acende uma vela especial no lado da Epístola no presbitério após o Sanctus. Esta é a vela do Sanctus ou vela da Consagração. Sua finalidade é prestar uma homenagem adicional a Nosso Senhor, que, na Consagração, tornar-se-á presente no altar sob as espécies do pão e do vinho. A vela da Consagração é apagada após o fechamento da porta do tabernáculo, ao final da sagrada Comunhão.

Capítulo III:
A CONSAGRAÇÃO OU CÂNON,
A SEGUNDA DAS TRÊS PARTES
PRINCIPAIS DA MISSA

O oferecimento do Sacrifício

Esta parte da Missa é conhecida como o “Cânon”. Como já foi dito acima, “cânon” é uma palavra grega que significa “regra”. As cerimônias e orações explicadas até aqui não constituem parte essencial do Sacrifício, sendo apenas uma preparação para ele. O mesmo não se pode dizer das orações e cerimônias seguintes, pois estas constituem a própria ação do Sacrifício. Essas orações são chamadas de “Cânon” porque foram estabelecidas como uma regra ou norma que deve ser rigidamente seguida pelo sacerdote que oferece o Sacrifício.

As orações do Cânon são sempre ditas em tom baixo. O sacerdote retirou-se, por assim dizer, para o santuário interior, para conversar com Deus a sós, permanecendo em adoração silenciosa até o Pater Noster. Os fiéis sabem o que o sacerdote está fazendo — oferecendo o Sacrifício —, por isso não é necessário que ouçam cada oração.

O Te Igitur

O celebrante estende, ergue e junta as mãos, elevando os olhos ao céu. Então, profundamente inclinado, diz em voz baixa:

“A Vós, Pai clementíssimo, por Jesus Cristo vosso Filho e Senhor nosso, humildemente rogamos e pedimos (*ele beija o altar e junta as mãos*) que aceiteis e abençoeis (*faz o sinal da cruz três vezes sobre as oblatas*) estes ✠ dons, estas ✠ dádivas, estas santas ✠ oferendas ilibadas.”

Estendendo as mãos, prossegue:

“Nós Vo-los oferecemos, em primeiro lugar, pela Vossa santa Igreja católica, à qual Vos dignais conceder a paz, proteger, conservar na unidade e governar, através do mundo inteiro, e também pelo Vosso servo o nosso Papa..., pelo nosso Bispo..., e por todos [os Bispos] ortodoxos, aos quais incumbe a guarda da fé católica e apostólica.”

Tendo terminado o cântico celeste, “Sanctus, sanctus, sanctus...”, o sacerdote eleva as mãos e os olhos para o céu, faz uma profunda inclinação e recita a primeira oração do Cânon, *Te igitur...* — “A Vós, Pai...”.

O sacerdote ora com os braços estendidos, à maneira de Moisés no monte (cf. Ex 18, 9), ou melhor, como Cristo na Cruz. Durante esta oração, faz o sinal da cruz três vezes sobre as oblatas — ao pronunciar as palavras “dons”, “dádivas” e “oferendas” (sacrificiais). As coisas recebidas podem ser

consideradas: 1) em relação ao doador, e assim são chamadas “dons”; 2) em relação ao recebedor, e assim são chamadas “dádivas”; 3) em relação ao oferente, e assim são chamadas “sacrifícios”. Outros relacionam essas três palavras ao preciosíssimo Sangue: 1) é um dom, pois foi o preço da nossa redenção; 2) é uma dádiva, pois é a única oblação digna que podemos apresentar a Deus; 3) é um sacrifício, pois foi derramado por nós.

O celebrante faz o sinal da cruz três vezes sobre as oblatas para declarar que todo o mistério será realizado pelo poder maravilhoso das três Pessoas divinas.

A primeira oração do Cânon começa com a letra “T” — não por acaso, como observa o Papa Inocêncio III (*De Myst. Miss.*, lib. 3, cap. 3), mas por uma especial providência, porque essa letra se assemelha à forma da Cruz, cujo mistério o sacerdote deve ter sempre diante dos olhos, especialmente durante o Cânon. A letra “T” lembra as palavras de Ezequiel: “Percorre a cidade, o centro de Jerusalém, e marca com uma cruz na frente os que gemem e suspiram devido a tantas abominações que na cidade se cometem” (Ez 9, 4).

O Memento dos Vivos

“Lembra-Vos, Senhor, de vossos servos e servas...”

O celebrante junta as mãos e recorda aqueles pelos quais pretende rezar; então, estendendo as mãos, prossegue:

“...e de todos os que aqui estão presentes, cuja fé e devoção conheceis, e pelos quais Vos oferecemos, ou eles Vos oferecem, este sacrifício de louvor, por si e por todos os seus, pela redenção de suas almas, pela esperança de sua salvação e de sua conservação, e consagram suas dádivas a Vós, o Deus eterno, vivo e verdadeiro.”

A segunda oração do Cânon é o Memento dos Vivos. Recebe esse nome porque, nessa oração, mencionamos apenas os fiéis vivos — sendo destinada outra oração, após a Consagração, para a lembrança dos falecidos. Ao dizer as palavras: “Lembraivos, Senhor, de vossos servos e servas...”, o sacerdote junta as mãos e faz uma recordação especial daqueles fiéis que deseja encomendar a Deus por uma específica solicitação, para que participem mais abundantemente dos frutos do Sacrifício. Antigamente, os nomes dos que deviam ser lembrados eram inscritos nos dípticos. Um díptico era uma placa dobrada em duas como um livro. Os nomes das pessoas especialmente lembradas na Missa eram lidos do díptico no Memento dos Vivos. Tendo feito a recordação das várias intenções dos fiéis vivos pelos quais ele tem a particular intenção de rezar, o sacerdote continua a oração do Memento dos Vivos com os braços estendidos.

O Communicantes (ou Memória dos Santos)

O celebrante reza em voz baixa e com os braços estendidos:

“Unidos na mesma comunhão, veneramos primeiramente a memória da gloriosa e sempre Virgem Maria, Mãe de Deus

e Senhor Nosso Jesus Cristo; e também de São José, esposo da mesma Virgem, e dos vossos bem-aventurados Apóstolos e Mártires: Pedro e Paulo, André, Tiago, João e Tomé, Tiago, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Simão e Tadeu, Lino, Cleto, Clemente, Xisto, Cornélio, Cipriano, Lourenço, Crisógono, João e Paulo, Cosme e Damião, e a de todos os vossos santos.

Por seus méritos e preces, concedei-nos sejamos sempre fortalecidos com o socorro de vossa proteção. Pelo mesmo Cristo Senhor Nosso. Amém.”

Tendo concluído as nossas orações por todos os membros da Igreja que vivem na terra, buscamos naturalmente a ajuda e a intercessão daqueles membros da mesma Igreja que agora reinam com Deus no céu. O Credo dos Apóstolos ensina-nos a crer na comunhão dos santos. Assim, o sacerdote recita a terceira oração do Cânon, dizendo: *Communicantes, et memoriam venerantes, in primis...* — “Unidos na mesma comunhão, veneramos primeiramente a memória...”

O Senhor anunciou ao Rei Ezequias, pela boca do profeta Isaías, que protegeria e salvaria Jerusalém dos ataques dos assírios em benefício de seus próprios divinos desígnios e por amor a Davi, seu servo. Os israelitas frequentemente oravam a Deus para que atendesse às suas súplicas por amor a Abraão, Isaac e Jacó. Do mesmo modo, a Igreja recorre à Mãe de Deus e aos santos, para tornar Deus mais propício às suas súplicas por amor a eles.

Em primeiro lugar, invocamos a Santíssima Virgem Maria, pois, sendo a Mãe de Jesus, supera todos os outros santos em dignidade. Aos nomes dos doze Apóstolos, acrescentamos os de doze mártires que derramaram seu sangue por Cristo nos primórdios do Cristianismo. Lino, Cleto e Clemente foram colaboradores de São Pedro na pregação do Evangelho em Roma. Todos os três, em momentos distintos, tornaram-se seus sucessores como Bispos de Roma e sofreram o martírio. Xisto e Cornélio também ocuparam a Cátedra Pontifícia e receberam a coroa do martírio. Cipriano foi Bispo de Cartago e selou sua fé em Cristo com o próprio sangue. Lourenço foi diácono do Papa Sisto II e as torturas que sofreu para provar sua fidelidade a Cristo são amplamente conhecidas. Crisógono era de nobre família romana e foi martirizado em Aquileia, sob Diocleciano. João e Paulo eram irmãos que, preferindo a morte a prestar culto aos deuses de mármore e bronze, sofreram um cruel martírio sob Juliano, o Apóstata. Cosme e Damião foram médicos que, por amor a Deus e pelo bem do próximo, exerceram sua profissão gratuitamente, também selando sua fé com o martírio.

Todos esses santos, exceto São Cipriano, são santos locais romanos. Vê-se, por essa oração, que a veneração dos santos, no início, era sobretudo a veneração dos mártires.

O *Communicantes* recebe uma pequena adição nas cinco principais festas do ano: Natal, Epifania, Páscoa, Ascensão e Pentecostes, fazendo referência ao mistério celebrado.

O Hanc Igitur

🔔 *Estendendo as mãos sobre as oblatas, o sacerdote diz:*

“Por isso vos rogamos, Senhor, aceiteis favoravelmente a oblação de servidão que nós e toda a vossa Igreja vos prestamos, firmai os nossos dias em vossa paz, arrancai-nos da condenação eterna, e colocai-nos entre os vossos eleitos.”

Ele junta as mãos:

“Por Jesus Cristo, Senhor Nosso. Amém.”

Hanc igitur são as palavras latinas com as quais se inicia a quarta oração do Cânon. Durante o *Hanc Igitur*, o sacerdote, que havia juntado as mãos ao concluir a oração anterior dizendo: “Pelo mesmo Cristo Senhor Nosso. Amém”, agora as estende sobre as oblatas. A imposição das mãos foi introduzida como uma forma de praticamente tocar o sacrifício neste momento, em que é claramente nomeado na oração. Na Antiga Lei, o sacerdote impunha as mãos sobre a cabeça da vítima, consagrando-a deste modo para o altar — a vítima, carregada com os pecados do povo, era posta em lugar dos pecadores. Essa cerimônia simboliza também que Cristo, que em breve estará presente sob as espécies do pão e do vinho, é a vítima expiatória que dá satisfação pelos nossos pecados.

Nesta oração, enviamos ao céu três fervorosos pedidos: paz na terra, livramento da condenação eterna e admissão à felicidade eterna. Esses favores pedimos a Deus por meio de

Cristo, que por nós foi traído nas mãos daqueles que odiavam a paz; que por nós foi condenado à morte na Cruz; que por nós foi contado entre os ímpios.

Com as mãos estendidas sobre a oblação, o sacerdote recita o Hanc Igitur: “Por isso vos rogamos, Senhor...”. É costume tocar a sineta nesse momento para lembrar aos fiéis a proximidade da Consagração e levá-los a aguardarem a vinda do Senhor com a devida reverência e devoção.

O Quam Oblationem

O sacerdote faz o sinal da cruz cinco vezes sobre as oblatas:

“Nós Vos pedimos, ó Deus, que esta oblação seja por Vós em tudo ✠ abençoada, ✠ aprovada, ✠ ratificada, racional e aceitável a Vossos olhos, a fim de que se torne para nós o ✠ Corpo e o ✠ Sangue de Jesus Cristo, Vosso diletíssimo Filho e Senhor Nosso.”

Ao concluir a oração precedente, o sacerdote junta as mãos e então recita a oração que começa com as palavras *Quam oblationem*, isto é, “Que esta oblação”. Esta é a última oração que o sacerdote diz antes da Consagração e, à medida que se aproxima desse momento, suas palavras tornam-se ainda mais solenes. Na oração anterior, o sacerdote pediu a Deus Todo-poderoso que aceitasse a oblação. Agora, ele prossegue com as palavras: “Nós Vos pedimos, ó Deus, que esta oblação...”.

Rezamos primeiro para que esta oblação seja abençoada, ou seja, que, pela divina bênção, seja transformada em uma

substância mais nobre; em segundo lugar, para que seja aprovada, e não rejeitada, como foram (em alguns casos) os sacrifícios da Antiga Lei; em terceiro lugar, para que seja ratificada, isto é, realizada e feita uma oferta pura e imaculada; em quarto lugar, para que seja racional, ou seja, como explica Santo Agostinho, distinta de todos os sacrifícios de criaturas irracionais, como eram os da Antiga Lei; finalmente, deve ser aceitável, pois se tornará o Corpo e o Sangue de seu amado Filho pelas palavras da Consagração.

Durante a recitação desta oração, o sacerdote faz o sinal da cruz cinco vezes sobre as oblatas, em memória do fato de que o Sacrifício prestes a se consumir deriva sua eficácia unicamente do Sacrifício da Cruz. Três vezes o sinal da cruz é feito sobre ambas as espécies juntas e, em seguida, separadamente sobre o pão e o cálice. Esses sinais enfatizam as palavras da oração. Nos primeiros três sinais, recordamos a Santíssima Trindade, da qual procede a bênção da Consagração, que será derramada sobre os elementos do pão e do vinho. Fazer o sinal da cruz cinco vezes antes e depois da Consagração também nos lembra das cinco chagas tão visíveis no Corpo de Cristo.

A Consagração e Elevação da Hóstia

O celebrante toma a hóstia em suas mãos:

ELE, NA VÉSPERA DE SUA PAIXÃO, TOMOU O PÃO
EM SUAS SANTAS E VENERÁVEIS MÃOS, E ELEVANDO OS

OLHOS AO CÉU PARA VÓS, Ó DEUS, SEU PAI ONIPOTENTE, DANDO-VOS GRAÇAS, ✠ ABENÇOOU-O, PARTIU-O E DEU-O A SEUS DISCÍPULOS, DIZENDO: TOMAI E COMEI DELE TODOS. SEGURANDO A HÓSTIA COM AS DUAS MÃOS, E PROFUNDAMENTE INCLINADO, PRONUNCIA AS PALAVRAS DA CONSAGRAÇÃO SOBRE A HÓSTIA:

ISTO É O MEU CORPO.



O celebrante ajoelha-se para adorar a Hóstia consagrada, que agora é verdadeiramente o Corpo de Cristo. Ele ergue a Hóstia para que todos possam adorá-la. Colocando-a no corporal, ajoelha-se novamente.

Na Consagração, o sacerdote realiza a mesma ação que Jesus Cristo realizou na Última Ceia. Ele obedece ao mandamento de Cristo: “Fazei isto em memória de Mim”, e exerce o grande poder que lhe foi conferido pelo sacramento da Ordem. Tomado pelo profundo senso de sua completa indignidade, é com reverência e temor que o sacerdote prossegue com a ação sublime, dizendo: “Ele, na véspera de sua Paixão, tomou o pão...”.

No início dessas palavras, o celebrante limpa os polegares e os indicadores no corporal. Em seguida, toma o pão entre os polegares e indicadores de ambas as mãos. (Esses dedos não são mais separados, exceto para tocar o Santíssimo Sacramento, até que tenham sido lavados após a Comunhão. O motivo para

isso é evitar que qualquer partícula que possa ter ficado entre os dedos se perca.) Ele ergue os olhos ao dizer “e elevando os olhos ao céu” e faz o sinal da cruz sobre o pão quando diz “abençoou-o”. Depois, inclinando-se com os cotovelos sobre a borda do altar, pronuncia as palavras da Consagração: “ISTO É O MEU CORPO”. As hóstias no cibório, que serão usadas para a Comunhão dos fiéis, também são consagradas neste momento. O cibório é aberto ao dizer as palavras: “Ele, na véspera de sua Paixão...”, e as palavras da Consagração são ditas sobre todas as hóstias que devem ser consagradas.

A Elevação da Hóstia

A Igreja Católica sempre acreditou que as palavras da instituição — “ISTO É O MEU CORPO” — são as que realizam a Consagração. A transubstanciação ocorre neste momento. Imediatamente, portanto, segue-se a cerimônia da Elevação.

O sacerdote faz a genuflexão, ainda segurando o Santíssimo Sacramento, depois se levanta, eleva a Hóstia consagrada acima de sua cabeça para mostrá-la ao povo, recoloca-a sobre o corporal e faz novamente a genuflexão. Ele adora Cristo como os anjos O adoraram, como os magos, prostrando-se, O adoraram, como os Apóstolos na Galileia O adoraram ao ressuscitar dos mortos. É impossível para um leigo conceber os sentimentos que preenchem a mente e o coração do sacerdote nesse momento solene. A consciência de sua indignidade

enche seu coração de temor, mas a fé na misericórdia de Deus o enche de esperança. E assim encontramos o sacerdote no altar ministrando ao seu Senhor Eucarístico com uma singular familiaridade, assim como encontramos Maria na manjedoura de Belém prodigalizando ao Deus feito homem os ternos cuidados da maternidade.

A Hóstia é elevada para ser mostrada ao povo. O povo deve primeiro olhar para ela e, em seguida, inclinar reverentemente a cabeça em adoração. A cada genuflexão do sacerdote, e entre elas durante a Elevação, a sineta é tocada.

Isso é feito para alertar os fiéis e também para despertar a atenção daqueles que possam estar desatentos. O acólito ergue a casula na Elevação, mas não na genuflexão. Com a casula moderna, essa rubrica tornou-se apenas uma formalidade, como lembrança do tempo em que a vestimenta era mais volumosa, cobrindo os braços. Naquele tempo, era necessário que o acólito ajudasse levantando a casula, para que os braços e as mãos do sacerdote ficassem livres na Elevação.

Antes do século XI, a Elevação só ocorria perto do final do Cânon. Antes do Pater Noster, o sacerdote eleva levemente a Hóstia e o Cálice. Essa elevação é, às vezes, chamada de “Pequena Elevação”. A razão para introduzir a Elevação imediatamente após a Consagração foi a heresia de Berengário, que morreu em 1088. Ele negava a mudança — a transubstanciação — que a Igreja ensina ocorrer na Consagração. Além de

denunciar esse erro em palavras, a Igreja introduziu uma cerimônia na celebração da Missa — a Elevação — que serviria como uma condenação significativa do ensino de Berengário; ao levantar as espécies consagradas para a adoração dos fiéis, a Igreja declara assim sua crença na presença real de Cristo sob as espécies de pão e vinho.

A Consagração e Elevação do Cálice

O celebrante agora descobre o cálice e o toma com as duas mãos:

DE IGUAL MODO, DEPOIS DE HAVER CEADO, TOMANDO TAMBÉM ESTE PRECIOSO CÁLICE EM SUAS SANTAS E VENERÁVEIS MÃOS, E NOVAMENTE DANDO-VOS GRAÇAS, ✠ ABENÇOOU-O, DEU-O A SEUS DISCÍPULOS, DIZENDO: TOMAI E BEBEI DELE TODOS. ELEVANDO LEVEMENTE O CÁLICE, PRONUNCIA AS PALAVRAS DA CONSAGRAÇÃO:

ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE,
DO SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA,
MISTÉRIO DA FÉ,
O QUAL SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR MUITOS
PARA A REMISSÃO DOS PECADOS.
TODAS AS VEZES QUE ISTO FIZERDES,
FAZEI-O EM MEMÓRIA DE MIM.



Agora o celebrante se ajoelha para adorar o preciosíssimo Sangue. Ele então eleva o Cálice para que todos possam adorá-lo.

Recolocando-o no corporal, ajoelha-se mais uma vez.

A Elevação da Hóstia é seguida pela Consagração do vinho. O sacerdote primeiro remove a pala do cálice. Em seguida, toma o cálice em suas mãos, faz o sinal da cruz sobre ele e diz: “De igual modo...”.

As palavras “TOMANDO TAMBÉM ESTE PRECIOSO CÁLICE” indicam que o cálice é o mais precioso em razão do seu conteúdo. “ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, DO SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA” quer dizer: “Este é o meu Sangue, pelo qual o Novo e Eterno Testamento — a Nova Aliança — é ratificado, assim como antigamente a Antiga Aliança foi ratificada pelo sangue das vítimas animais”. Ele diz “ETERNA ALIANÇA” porque a Nova Aliança e o sacerdócio de Cristo durarão para sempre e jamais serão sucedidos. O mistério da fé significa que a presença de Cristo no sacramento do Altar está oculta aos sentidos e só é reconhecida com os “olhos” da fé.

Após pronunciar as palavras da Consagração, o sacerdote coloca novamente o Cálice sobre o corporal, dizendo as palavras: “TODAS AS VEZES QUE ISTO FIZERDES, FAZEI-O EM MEMÓRIA DE MIM”. Isto significa: todas as vezes que fizerdes estas coisas, isto é, a Consagração do pão e do vinho, fazei-as em memória da minha morte por vós. Por essa razão, São Paulo disse: “Assim, todas as vezes que comeis desse pão e

bebeis desse cálice lembrais a morte do Senhor, até que venha” (1Cor 11, 26).

Tendo pronunciado essas palavras, o sacerdote ajoelha-se diante do Cálice como um ato de adoração ao preciosíssimo Sangue contido agora nele. Com ambas as mãos, ele então eleva o Cálice bem alto para que o povo possa vê-lo e adorá-lo. Em seguida, o Cálice é novamente colocado sobre o corporal e coberto com a pala. Feito isso, o sacerdote ajoelha-se novamente diante dele em sinal de fé e adoração.

Deve-se notar que, na Consagração, o sacerdote fala e age não em seu próprio nome, nem em nome da Igreja, nem mesmo em nome de Cristo, mas age como o próprio Cristo, como se estivesse transformado em Cristo. Por isso, ele se inclina sobre a borda do altar, demonstrando assim sua união com Cristo. O que Cristo fez na Última Ceia, o sacerdote faz toda vez que celebra o Santo Sacrifício. Ele não diz: “Isto é o Corpo de Cristo”, mas: “ISTO É O MEU CORPO” e “ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE...”, como se o próprio Cristo estivesse falando por sua boca.

Na Missa, o ato da Consagração exige o exercício do poder divino. É um milagre que transcende todo poder humano e criado. Deus quis utilizar a sagrada humanidade do Filho Eterno como seu instrumento para a realização deste estupendo milagre, fazendo de Jesus Cristo, em sua sagrada humanidade, um sacerdote que se oferece em sacrifício até o fim dos

tempos. Cristo, portanto, é o Sumo Sacerdote, embora tenha se dignado associar a Si, como sacerdotes ou agentes secundários, os Apóstolos e seus sucessores. Por isso, sendo Ele o Sumo Ofertante, as palavras da Consagração são corretamente pronunciadas como vindas da boca do próprio Cristo, e não como vindas da boca do sacerdote, que age como agente oficial de Cristo. Suárez afirma que, no momento em que o celebrante pronuncia as palavras da Consagração, a sagrada humanidade, por uma cooperação efetiva e concreta, opera o sublime milagre da transubstanciação.

Após a Consagração, não há mais pão e vinho sobre o altar, mas sim o Corpo e o Sangue, a Alma e a Divindade de Cristo; não há mais a matéria do sacrifício que foi oferecida pouco antes, mas sim a verdadeira vítima do Calvário, velada sob as espécies de pão e vinho. A Hóstia está separada do Cálice porque é assim representada a morte do Senhor, na qual seu Sangue foi derramado e separado de seu Corpo. Aqui, propriamente falando, o Santo Sacrifício é consumado.

Orações após a Consagração

Com as mãos separadas, o celebrante prossegue: Unde et Memores

“Por esta razão, Senhor, nós, Vossos servos, com o Vosso povo santo, lembrando-nos da bem-aventurada Paixão do mesmo Cristo, Vosso Filho e Senhor nosso, assim como de Sua

Ressurreição, saindo vitorioso do sepulcro, e de Sua gloriosa Ascensão aos céus, oferecemos à Vossa augusta Majestade, de Vossos dons e dádivas, a Hóstia ✠ pura, a Hóstia ✠ santa, a Hóstia ✠ imaculada, o Pão ✠ santo da vida eterna, e o Cálice da salvação ✠ perpétua.”

Supra Quae

“Sobre estes dons, pedimo-Vos digneis lançar um olhar favorável, e recebê-los benignamente, assim como recebestes as ofertas do justo Abel, Vosso servo, o sacrifício de Abraão, pai de nossa fé, e o que Vos ofereceu Vosso sumo sacerdote Melquisedeque, Sacrifício santo, Hóstia imaculada.”

Supplices Te Rogamus

“Suplicantes rogamo-Vos, ó Deus onipotente, que, pelas mãos de Vosso santo Anjo, mandeis levar estas ofertas ao Vosso Altar sublime, à presença de Vossa divina Majestade, para que todos nós que, participando deste altar, recebermos o sacrosanto ✠ Corpo e ✠ Sangue de Vosso Filho, sejamos repletos de toda a bênção celeste e da Graça. Pelo mesmo Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém.”

Memento dos Mortos

“Lembraí-Vos também, Senhor, de vossos servos e servas (N.N. e N.N.), que nos precederam, marcados com o sinal da

fé, e agora descansam no sono da paz. A estes, Senhor, e a todos os mais que repousam em Jesus Cristo, nós Vos pedimos que concedais o lugar do descanso, da luz e da paz. Pelo mesmo Jesus Cristo, Nosso Senhor. Amém.”

As orações que precederam a Consagração foram preparações para o Sacrifício. Nas orações que se seguem, os méritos do Sacrifício são aplicados às nossas necessidades.

Unde et Memores

Após a Elevação do Cálice, com os braços estendidos, o sacerdote recita a oração que, em latim, começa com as palavras *Unde et memores*, isto é, “Por esta razão e lembrando”.

As últimas palavras pronunciadas pelo sacerdote antes de iniciar esta oração foram: “TODAS AS VEZES QUE ISTO FIZERDES, FAZEIO-O EM MEMÓRIA DE MIM”. Na oração presente, ele chama a atenção para o fato de que o que foi feito (na Consagração) foi realizado em memória da morte de Cristo. Ao fazer memória de nosso Senhor nesta oração, mencionamos sua Paixão, sua Ressurreição e sua Ascensão. Isso é feito porque Cristo realizou e consumou nossa redenção principalmente por meio desses três mistérios. Ele morreu para nos livrar da morte, ressuscitou para nos elevar à vida eterna e ascendeu ao céu para nos glorificar eternamente.

Durante esta oração, o sacerdote faz o sinal da cruz cinco vezes sobre a Hóstia e o Cálice. Não há aqui a intenção de

abençoar a vítima, pois Cristo é a fonte de toda bênção, mas sim de indicar que o pão e o vinho recém-consagrados são agora a própria vítima do Calvário, que verdadeiramente sofreu e foi imolada na Cruz pelo homem. Os cinco sinais da cruz recordam as cinco chagas de Cristo. As três primeiras, feitas sobre a Hóstia e o Cálice juntos, podem significar que Cristo sofreu, morreu e foi sepultado. As duas últimas, feitas separadamente — uma sobre a Hóstia e outra sobre o Cálice —, nos lembram as consequências de suas dores amargas, ou seja, a separação entre Alma e Corpo.

Supra Quae

Após fazer o sinal da cruz cinco vezes sobre a sagrada Hóstia e o preciosíssimo Sangue, o sacerdote, com os braços estendidos, inicia a oração que, em latim, começa com as palavras *Supra quae* (“Sobre os quais”), isto é, sobre o Pão da vida eterna e o Cálice da salvação perpétua.

Esta belíssima e impressionante oração requer uma breve explicação. O sacerdote recomenda a divina vítima ao Pai, evocando a memória dos sacrifícios que Ele se dignou aceitar desde o princípio do mundo: os de Abel, o justo; de Abraão, o pai dos fiéis; e de Melquisedec, o sacerdote régio — os quais, no entanto, eram apenas sombras do Sacrifício presente. A Igreja menciona, com predileção, os sacrifícios de Abel, Abraão e Melquisedec porque representam de maneira mais vívida o

Sacrifício de Cristo. Ao recordar esses grandes personagens em um momento tão sagrado, a Igreja deseja que cultivemos suas virtudes.

Supplices Te Rogamus

Esta oração dificilmente necessita de explicação. A atitude do sacerdote agora muda. Até aqui, ele recitou as orações do Cânon com postura ereta, geralmente com as mãos elevadas ao céu. Nesta oração, porém, une as mãos diante do peito e inclina a cabeça o máximo que o altar permitir. Nessa postura de humilde prostração, recita a oração até que, ao se aproximar do final, beija o altar e retoma a postura ereta anterior. As palavras da oração correspondem às aos gestos litúrgicos: “Supplices rogamo-Vos...”.

Com estas palavras, o sacerdote expressa o desejo de que, por meio do ministério dos anjos — que assistem tanto a nós quanto aos sagrados mistérios —, os dons sagrados agora presentes sobre o altar sejam apresentados no altar celestial diante dos olhos da Majestade divina. Isso não ocorrerá de maneira física, mas espiritual, pela atenção amorosa do Pai celestial voltada para o presente Sacrifício do Corpo e do Sangue de seu Filho.

O sacerdote beija o altar antes de dizer as palavras “participando deste altar”. Esta cerimônia expressa a nossa reconciliação com Deus, que foi realizada através da morte de Cristo,

agora representada sobre o altar. Durante esta oração, o celebrante novamente faz o sinal da cruz sobre a Hóstia e o Cálice. Isso é feito para reforçar na mente do sacerdote e do povo a verdade de que o Sacrifício realizado em nossos altares é o mesmo que foi oferecido uma vez no Calvário. Nas palavras “sejam repletos de toda a bênção celeste e da Graça”, o sacerdote se benze para indicar que todas as graças e bênçãos nos foram merecidas na Cruz.

Memento dos Mortos

Por meio deste Sacrifício, que o sacerdote supõe ter sido favoravelmente aceito por Deus, pede, além disso, o descanso eterno para os fiéis defuntos, ou seja, a Igreja padecente no purgatório. Ele ora pelos mortos com estas palavras: “Lembraí-Vos também, Senhor, de vossos servos e servas (N.N e N.N)...”.

No Memento dos Mortos, o sacerdote junta as mãos diante do peito; neste momento, menciona os nomes das pessoas por quem deseja orar ou oferecer a Missa em particular. Em seguida, estende as mãos para rezar por todos os que estão detidos no purgatório, dizendo: “A estes, Senhor...”.

Isso é feito para que, como observa Santo Agostinho, “esse dever religioso, sempre que for negligenciado por pais, filhos, parentes ou amigos, seja suprido por nossa Mãe comum, a Igreja”.

O Nobis Quoque Peccatoribus

O celebrante agora bate no peito e diz as próximas três palavras em voz alta:

“Também a nós, pecadores, vossos servos, que esperamos na Vossa infinita misericórdia, dignai-Vos conceder um lugar na comunidade de Vossos santos Apóstolos e Mártires: João, Estevão, Matias, Barnabé, Inácio, Alexandre, Marcelino, Pedro, Felicidade, Perpétua, Águeda, Luzia, Inês, Cecília, Anastácia, e com todos os Vossos Santos. Unidos a eles pedimos, dignai-Vos receber-nos, não conforme nossos méritos, mas segundo a Vossa misericórdia. Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.”

Per Quem e Pequena Elevação

Ele junta as mãos e faz o sinal da cruz três vezes sobre a Hóstia e o Cálice:

“Por Ele, ó Senhor, sempre criais, ✠ santificais, ✠ vivificais, ✠ abençoais, concedei-nos todos estes bens.”

O celebrante descobre o Cálice e ajoelha-se. Tomando a Hóstia com a mão direita e o Cálice com a esquerda, faz o sinal da cruz três vezes sobre o Cálice dizendo:

“Por ✠ Ele, com ✠ Ele e ✠ n’Ele, a Vós, Deus Pai ✠ onipotente, na unidade do Espírito ✠ Santo, toda a honra e toda a glória.”

Ele recoloca a Hóstia no corporal, cobre o Cálice, ajoelha-se e levanta-se, dizendo em voz alta:

✠. Por todos os séculos dos séculos.

✠. Amém.

O Nobis Quoque Peccatoribus

Tendo terminado nossa oração pelos fiéis defuntos no purgatório, que, embora tenham sido pecadores, estão eternamente assegurados na graça de Deus, a qual nunca perderão, voltamos novamente nossos pensamentos para nós mesmos, pecadores de uma espécie muito diferente — sem saber ao certo se possuímos a graça de Deus e, caso a possuamos, incertos se perseveraremos nela até o fim. O sacerdote diz em voz alta as primeiras palavras, *Nobis quoque peccatoribus* — “Também a nós, pecadores”, para que se ouça melhor esse humilde reconhecimento. Ele também bate no peito, em imitação ao publicano do Evangelho, ao dizê-las.

Por meio desta oração, o sacerdote, por assim dizer, abre e contempla a corte celestial da Igreja triunfante, que, embora sejamos pecadores, nos foi preparada pelo Sangue desta vítima divina, Cristo Jesus.

Entre os santos mencionados nesta oração, São João Batista é nomeado primeiro, e com razão, pois foi dele que Cristo disse: “Em verdade vos digo: entre os filhos das mulheres, não surgiu outro maior que João Batista” (Mt 11, 11). Santo Estêvão foi o primeiro a sofrer martírio por Cristo.

São Matias foi divinamente eleito por sorteio para o apostolado, a fim de recompor o número sagrado dos doze Apóstolos, que havia sido reduzido pela traição de Judas. São Barnabé era natural de Chipre e um dos setenta e dois discípulos de Jesus Cristo; foi companheiro de São Paulo e morreu durante o reinado de Nero. Santo Inácio de Antioquia foi discípulo de São João Apóstolo e o segundo sucessor de São Pedro no bispado de Antioquia; sofreu o martírio sob o imperador Trajano. Santo Alexandre foi o sexto Papa. Após governar a Igreja por dez anos, foi martirizado junto com seus diáconos Evêncio e Teódulo sob o imperador Adriano. São Marcelino era sacerdote da Igreja de Roma durante o reinado de Diocleciano. Batizou Paulina — que São Pedro Exorcista havia libertado de um espírito maligno que a possuía —, filha de Artemiras, carcereiro da cidade, juntamente com seus parentes que haviam testemunhado o milagre. Por isso, foi cruelmente atormentado e, por fim, decapitado por ordem do juiz Sereno, que não conseguiu convencê-lo a renunciar sua fé. O São Pedro mencionado nesta oração foi ordenado exorcista. Sofreu o martírio por assistir ao batismo de Paulina, administrado por São Marcelino.

Santa Perpétua foi uma nobre romana que morreu como mártir em Cartago sob o imperador Severo, por volta do ano 203. Foi martirizada junto com sua escrava, Santa Felicidade, que havia dado à luz na prisão. Ambas haviam recebido o Batismo pouco antes de sua morte. Santa Águeda era famosa

por sua virtude e beleza. Rejeitou as propostas de casamento de Quinciano, governador da Sicília, e, em consequência disso, sua afeição desordenada se transformou em ódio demoníaco e desejo de vingança. Após muitos tormentos insuportáveis, foi martirizada, tendo primeiro seus seios cortados por ordem de Quinciano. Santa Luzia, tendo obtido de Deus, por suas orações no túmulo de Santa Águeda, a cura de sua mãe enferma, fez voto de distribuir seus bens aos pobres. Seu noivo, indignado, a denunciou como cristã, e ela foi submetida a horríveis torturas. Santa Inês foi decapitada no ano 317 por sua firmeza na virtude e na fé. Santa Cecília foi outra famosa mártir da Igreja primitiva. Sofreu o martírio por decapitação, juntamente com seu esposo, Valeriano, com quem se casou contra sua vontade e que depois converteu à fé católica. Santa Anastásia era uma nobre romana muito caridosa. Por sua grande fé e generosidade, despertou a ira de seu marido, Públio. Não conseguindo fazê-la renunciar a fé, ele a condenou a ser queimada viva.

Mencionam-se esses santos em particular porque seus nomes brilharam com destaque na história eclesiástica primitiva. A antiguidade dessa oração testemunha a antiguidade da prática de invocar os santos. Ao encerrar essa oração, o sacerdote une novamente as mãos. Esse gesto, realizado aqui na comemoração dos santos, nos lembra que, pelos méritos de Cristo, que é nossa Cabeça, esperamos ser unidos a Ele e a seus santos na glória eterna.

Per Quem e Pequena Elevação

A oração seguinte pode ser considerada a continuação da precedente. O sacerdote agora reza: *Per quem haec omnia...* — “Por Ele, ó Senhor, sempre criais...”.

O significado desta oração é que, por meio de Cristo, todas as bênçãos necessárias para nossa vida temporal, representadas pelo pão e pelo vinho, Deus sempre cria ou faz brotar da terra para nós; Ele as santifica, aceitando o pão e o vinho que Lhe foram oferecidos como matéria do sacrifício; Ele vivifica essa matéria pelas palavras da Consagração, transformando-a no Corpo e Sangue de Cristo; Ele a abençoa, na medida em que este sacramento é a fonte de toda graça e bênção; e, na Comunhão, Ele nos dá tudo o que a alma deseja.

Ao dizer as palavras “santificais”, “vivificais” e “abençoaís”, o sacerdote faz o sinal da cruz três vezes sobre a Hóstia e o Cálice. Assim o faz para indicar que todas as coisas são santificadas, vivificadas e abençoadas por meio da Cruz de nosso Redentor. Antes de recitar a fórmula da Pequena Elevação, o sacerdote remove a pala do Cálice, faz uma genuflexão em sinal de adoração e, segurando a Hóstia com a mão direita e o Cálice com a esquerda, traça com a Hóstia sagrada três cruzeiros sobre o Cálice ao dizer: “Por Ele, com Ele e n’Ele”. As palavras e o gesto indicam que a mais alta honra prestada a Deus, por meio de Cristo, com Cristo e em Cristo, decorre da efusão de seu Sangue na Cruz, agora representada misticamente sobre

o altar. Ao mencionar Deus Pai e o Espírito Santo, o sinal da cruz é feito duas vezes, com a Hóstia sagrada entre o Cálice e o peito do sacerdote.

O sinal da cruz é feito três vezes, em primeiro lugar, porque Cristo é mencionado três vezes: “Por Ele, com Ele e n’Ele”. Nesses casos, o sinal da cruz é traçado sobre o Cálice, porque contém o Sangue de Cristo. Em segundo lugar, o sinal da cruz é feito uma vez ao mencionar o Pai e outra vez ao mencionar o Espírito Santo. Nessa ocasião, o sinal da cruz é feito fora do Cálice.

Ao dizer as palavras “santificais”, “vivificais” e “abençoaís”, o sacerdote faz o sinal da cruz somente após pronunciar o “criais”. Alexandre de Hales explica que o sinal da cruz representa a Paixão de nosso Senhor. Como a criação do homem não foi a causa da sua Paixão, mas sim a queda do homem que, por meio dela, deveria ser reparada, então o sinal da cruz é feito ao mencionar a santificação, a vivificação e a bênção, que são frutos da Paixão, mas não ao falar da criação.

Santo Tomás de Aquino acrescenta que isso ocorre porque o homem, na sua criação, não possuía naturalmente aquilo que veio a receber pela Cruz de Cristo na redenção.

Ao dizer as últimas palavras desta oração, “toda a honra e toda a glória”, o sacerdote eleva levemente tanto a Hóstia quanto o Cálice. Até o século XI, o Corpo e o Sangue de Cristo eram levantados neste momento da Missa para receber a adoração

dos fiéis. No entanto, como já foi mencionado, por volta do ano 1047, a Igreja adotou uma elevação mais solene após a Consagração para fazer uma profissão pública de sua antiga fé a respeito da presença real de Cristo, em oposição às heresias de Berengário. A elevação neste ponto da Missa é chamada de “Pequena Elevação”, “Segunda Elevação” ou “Elevação Menor” para distingui-la da elevação que ocorre imediatamente após a Consagração.

Capítulo IV:

A COMUNHÃO, A TERCEIRA DAS TRÊS PARTES PRINCIPAIS DA MISSA

A consumação do Sacrifício pela partilha do alimento sacrificial pelo sacerdote

Esta parte da Missa consiste na preparação para a Comunhão, na própria Comunhão e nas orações após a Comunhão.

O Pater Noster

O celebrante recoloca a Hóstia no corporal, cobre o Cálice, ajoelha-se e levanta-se, dizendo em voz alta:

℣. Por todos os séculos dos séculos.

℟. Amém.

Ainda em voz alta, junta as mãos e diz:

“Oremos. Fiéis às ordens do Senhor e instruídos pelos divinos ensinamentos, ousamos dizer:”

Ele estende as mãos:

“Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade,

assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores, e não nos deixeis cair em tentação.”

℞. Mas livrai-nos do mal.

℣. Amém.

O sacerdote, tendo realizado a Pequena Elevação, coloca a Hóstia sobre o corporal, cobre o Cálice com a pala e faz uma genuflexão. Em seguida, diz em voz alta: *Per omnia saecula saeculorum* — “Por todos os séculos dos séculos”.

Essas palavras, como é evidente, pertencem à oração precedente; elas expressam o anseio da alma piedosa para que honra e glória sejam dadas, para sempre, às três Pessoas divinas. O povo, por meio da resposta do acólito, diz: “Amém”, confirmando e ratificando tudo o que o sacerdote rezou em segredo.

Antes de iniciar o Pai-Nosso, a Oração do Senhor, o sacerdote lembra aos fiéis que é por obediência à vontade de Cristo que rezamos essa oração. No capítulo 11 de São Lucas, lemos: “Um dia, num certo lugar, estava Jesus a rezar.

Terminando a oração, disse-lhe um de seus discípulos: ‘Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou a seus discípulos.’ Disse-lhes ele, então: ‘Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o vosso nome [...]’” (Lc 11, 1s).

A oração precedente, *Per Quem* (com a Pequena Elevação), conclui o Cânon, razão pela qual o sacerdote agora

rompe o silêncio que manteve desde o *Sanctus*, dizendo em voz alta: *Oremus*. Por isso, antes de iniciar o Pai-Nosso, imediatamente após dizer *Oremus*, o sacerdote reza: “Fiéis às ordens do Senhor e instruídos pelos divinos ensinamentos, ousamos dizer: Pai nosso...”.

Durante o Cânon, o sacerdote não convidou a assembleia a unir-se a ele em oração. Nesse momento, presume-se que o celebrante tenha entrado no Santo dos Santos e esteja envolvido em intensa oração, separado do povo, por assim dizer, durante um tempo. Mas no Pater Noster, que agora segue, o sacerdote eleva a voz e recita, em voz alta e com os braços estendidos, as sete petições do Pai-Nosso.

Considera-se que a Comunhão começa aqui. A Oração do Senhor é uma preparação para ela. A Comunhão não é apenas o complemento do Sacrifício, mas também um banquete familiar no qual os filhos de Deus, ao redor da mesa pater-na, banqueteiavam-se com seu Pai amoroso; por isso, no Pater Noster, começam a saudá-l’O, a despertar em suas almas afetos filiais e a expressá-los, dizendo: “Pai nosso [...] o pão nosso de cada dia nos dai hoje”. Para mostrar que o povo está unido ao sacerdote na recitação desta oração, eles próprios pronunciam as palavras da última petição, pela voz do acólito: *Sed libera nos a malo* — “Mas livrai-nos do mal”. A isso responde o sacerdote: “Amém”, uma resposta que expressa a confiança de que Deus ouvirá sua oração.

O Libera Nos

Tomando a patena entre os dedos, o celebrante reza em silêncio:

“Livrai-nos de todos os males, ó Pai, passados, presentes e futuros, e pela intercessão da bem-aventurada e gloriosa sempre Virgem Maria, dos Vossos bem-aventurados apóstolos Pedro, Paulo, André e todos os Santos, dai-nos propício a paz em nossos dias, para que, por Vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado, e preservados de toda a perturbação.”

Ele coloca a Hóstia na patena, descobre o Cálice e se ajoelha. Segurando a Hóstia sobre o Cálice, ele a parte ao meio, dizendo:

“Pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho...”

Colocando a metade direita na patena, ele retira uma partícula da outra metade:

“...que, sendo Deus, convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo...”

Ele coloca a metade esquerda na patena e segura a partícula sobre o Cálice, dizendo em voz alta:

℣. ...por todos os séculos dos séculos.

℟. Amém.

Ao recitar o *Pater Noster*, o sacerdote dá especial atenção à última petição: “Livrai-nos do mal”, dizendo imediatamente outra oração que começa com as palavras *Libera nos* — “Livrai-nos de todos os males, ó Pai...”

Quando o sacerdote inicia esta oração, retira a patena de baixo do corporal, onde foi colocada após a oferta do pão.

Ao dizer as palavras “dai-nos propício a paz em nossos dias...”, faz sobre si mesmo o sinal da cruz com a patena e, em seguida, beija-a reverentemente como instrumento de paz, pois a sagrada Hóstia, a paz dos cristãos, está prestes a ser depositada sobre ela. O sinal da cruz é feito neste momento para indicar que foi pela Cruz que Cristo se tornou “a nossa paz”, derramando nela seu Sangue (cf. Ef 2, 13s). Após beijar a patena, o sacerdote coloca sobre ela a sagrada Hóstia, que até então repousava sobre o corporal. A patena, com a sagrada Hóstia sobre ela, é então colocada à direita do Cálice, para simbolizar que, do lado aberto de nosso Redentor, brotaram sangue e água.

A menção especial de Santo André nesta oração deve naturalmente chamar a atenção da alma devota. Podemos compreender facilmente por que a Mãe de Jesus e os príncipes dos Apóstolos são mencionados de forma especial. Santo André era muito estimado pelos primeiros cristãos em Roma, porque era o irmão de São Pedro. Por isso, seu nome é mencionado juntamente com o de seu irmão. O teólogo medieval Gabriel Biel afirma que, para obter o dom da paz, Santo André é mencionado, porque seu martírio se assemelhou muito à Paixão de Cristo, em virtude da qual nos é dada a paz.

A fração da Hóstia

O celebrante traça com o fragmento o sinal da cruz três vezes sobre o Cálice:

✠. A paz do ✠ Senhor seja ✠ sempre ✠ convosco.

✠. E com o vosso espírito.

Põe o fragmento, em seguida, no preciosíssimo Sangue, dizendo:

“Que esta mistura sacramental do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo seja para nós, que os vamos receber, penhor da vida eterna. Amém.”

Ele cobre o Cálice e ajoelha-se.

Ao chegar às palavras “Pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho”, que concluem a oração *Libera Nos*, o sacerdote ajoelha-se para adorar o Santíssimo Sacramento, e em seguida, tomando a Hóstia e segurando-a sobre o Cálice, divide-a em três partes. Nessa cerimônia, ele imita nosso divino Salvador, que partiu o Pão consagrado, agora seu Corpo, antes de dá-lo aos Apóstolos. Quando a Hóstia é dividida, o Corpo de Cristo não é quebrado. Apenas as aparências do pão são divididas, pois o próprio Corpo de Cristo está presente em cada parte, inteiro e vivo, verdadeira e misteriosamente.

Ao partir a Hóstia, o sacerdote a segura sobre o Cálice, recitando ao mesmo tempo as palavras finais do *Libera Nos*. Ao dizer “Pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso

Filho”, ele divide a Hóstia em duas metades, mantendo-a sobre o Cálice. A metade que estava na mão direita é então colocada sobre a patena. Ao dizer “que, sendo Deus, convosco vive e reina”, o celebrante quebra uma pequena partícula da outra metade, que segura na mão esquerda. Quando chega às palavras “na unidade do Espírito Santo”, coloca a metade que estava em sua mão esquerda ao lado da outra sobre a patena. Nas palavras finais *Per omnia saecula saeculorum* — “pelos séculos dos séculos”, o sacerdote eleva a voz; o acólito responde: “Amém”. Em seguida, o sacerdote diz em voz alta: *Pax Domini sit semper vobiscum* — “A paz do Senhor seja sempre convosco”. Enquanto diz essas palavras, faz o sinal da cruz três vezes sobre o Cálice com a pequena partícula retirada da Hóstia. O acólito responde: “E com o vosso espírito”. A pequena partícula é então posta dentro do Cálice. O sacerdote prossegue: “Que esta mistura sacramental do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo seja para nós, que os vamos receber, penhor da vida eterna. Amém”. Após esta oração, o Cálice é novamente coberto com a pala, e o sacerdote se ajoelha em humilde adoração.

Por que uma partícula é posta no Cálice?

A fração da Hóstia é uma figura da morte de Cristo, na qual sua humanidade foi aparentemente quebrada. Também é uma preparação para o grande banquete. Essa preparação, para

dispor dignamente os corações dos comungantes, consiste na paz e na união, na caridade e na concórdia com Deus e entre nós mesmos. Essa paz do Senhor nos foi merecida por Cristo na Cruz, e devemos preservá-la por meio da Cruz. A Hóstia é partida sobre o Cálice para indicar que o preciosíssimo Sangue jorrou do Corpo ferido de Cristo.

Uma pequena partícula da Hóstia consagrada é misturada com o preciosíssimo Sangue para mostrar que o Corpo de nosso Senhor não está sem o Sangue, nem o Sangue sem seu Corpo. As aparências separadas de pão e vinho poderiam levar alguém a crer que o Corpo e o Sangue de Cristo também estão separados. A mistura das duas espécies dissipa essa ilusão, lembrando-nos de que, sob cada aparência, está presente a única e viva vítima da Cruz. Essa cerimônia também recorda a união da divindade com a humanidade na Encarnação.

O Agnus Dei

O celebrante inclina-se e bate no peito três vezes ao dizer:

“Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
tende piedade de nós.”

“Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
tende piedade de nós.”

“Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo,
dai-nos a paz.”

O *Agnus Dei* ocorre próximo ao final do Cânon, após a oração “Que esta mistura...”. Tendo terminado essa oração, o sacerdote cobre o Cálice com a pala, ajoelha-se, levanta-se, inclina profundamente a cabeça em direção ao altar e, em voz alta, diz: *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis* — “Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós”. Ele repete essa fórmula mais duas vezes, substituindo na terceira vez *miserere nobis* — “tende piedade de nós” — por *dona nobis pacem* — “dai-nos a paz”. Com essa tripla recitação da mesma oração, a Igreja deseja ensinar-nos com quanto ardor devemos desejar a paz do Senhor e com que fervor devemos rezar por ela, ou seja, pela plena remissão de todos os nossos pecados e de toda pena a eles devida. Enquanto recita o *Agnus Dei*, o sacerdote bate no peito três vezes, em testemunho de sua dor e compunção.

Nas Missas de Réquiem, o *Agnus Dei* é levemente modificado. *Dona eis requiem* — “concedei-lhes o descanso” — substitui *miserere nobis*; e *dona eis requiem sempiternam* — “concedei-lhes o descanso eterno” — substitui *dona nobis pacem*. Nessa ocasião, o sacerdote não bate no peito, pois não está rezando por si mesmo.

Cristo é o Cordeiro de Deus

Cristo é chamado de “Cordeiro de Deus” ou *Agnus Dei*. Embora o profeta Isaías, muito antes da vinda de Cristo

ao mundo, tenha comparado nosso Senhor a um cordeiro, foi São João Batista o primeiro a atribuir-Lhe esse nome. “Eis o Cordeiro de Deus” foi a exclamação de São João ao apontar o Salvador às multidões incrédulas. Quando o fiel assiste à Missa, a recitação do *Agnus Dei* traz à memória episódios do Antigo Testamento, como o Cordeiro Pascal dos judeus, “sem mancha”, cujo sangue, aspergido nos umbrais das portas, salvou-os da ira do Anjo Exterminador — uma figura do Cordeiro Imaculado, cujo Sangue nos salvou da morte eterna. O *Agnus Dei* também recorda o sacrifício perpétuo de um cordeiro, oferecido manhã e noite no Templo — uma prefiguração do Sacrifício perpétuo do altar no Novo Testamento. Inspirado por São João Batista, São João Evangelista aprofundou a simbologia do cordeiro e a repetiu nos capítulos quarto e quinto do Apocalipse, de modo a prefigurar o esplendor da Missa Solene: o Cordeiro sobre o altar como sobre um trono; o clero assistente representado pelos vinte e quatro anciãos sentados, revestidos de branco; o cântico do *Sanctus, sanctus, sanctus*; o incenso subindo dos turíbulos de ouro e a música das harpas; e então, como por uma súbita mudança no meio de tudo, “[...] um Cordeiro de pé, como que imolado” (Ap 5, 6). Esses pensamentos inundam a mente do sacerdote quando se inclina diante da sagrada Hóstia e diz: *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi...*

As três orações da Comunhão

Inclinado, e colocando as mãos juntas sobre o altar, o celebrante reza em silêncio:

“Senhor Jesus Cristo, que dissestes aos Vossos apóstolos: “Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz”, não olheis para os meus pecados, mas para a fé da Vossa Igreja; dai-lhe a paz e a unidade, segundo a Vossa misericórdia. Vós que, sendo Deus, viveis e reinais, em união com o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.”

“Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, que por vontade do Pai, cooperando com o Espírito Santo, por Vossa morte destes a vida ao mundo, livrai-me, por este Vosso sacrossanto Corpo e por Vosso Sangue, de todos os meus pecados e de todos os males. E fazei que eu observe sempre os vossos preceitos, e nunca me afaste de Vós, que, sendo Deus, viveis e reinais com Deus Pai e o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.”

“Este Vosso Corpo, Senhor Jesus Cristo, que eu, que sou indigno, ousou receber, não seja para mim causa de juízo e condenação, mas por Vossa misericórdia sirva de proteção e defesa à minha alma e ao meu corpo, e de remédio aos meus males. Vós, que, sendo Deus, viveis e reinais com Deus Pai e o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.”

A primeira oração da Comunhão

Mantendo a mesma postura, o sacerdote continua a súplica pela paz em outra oração que começa com as palavras *Domine Jesu Christe* — “Senhor Jesus Cristo”.

Observa-se, pelo teor desta oração, que se trata de uma humilde súplica pela bênção da paz para a Igreja. No entanto, como a paz de Deus não pode ser desfrutada sem que também vivamos em paz com nossos semelhantes, surgiu na Igreja o costume dos fiéis saudarem-se mutuamente com um santo ósculo de paz durante a recitação desta oração:

“Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo”(Rm 16, 16). O celebrante saudava o diácono com a paz, que então proclamava solenemente ao povo que também se saudasse com o ósculo da paz. Um vestígio desse antigo costume é preservado nas cerimônias da Missa Solene, quando o sacerdote, após a oração pela paz, dá a saudação da paz ao diácono, dizendo: “A paz seja convosco”, e o diácono responde: “E com o vosso espírito”. Em seguida, o diácono transmite a saudação ao subdiácono da mesma maneira.

No século XIII, foi introduzido um substituto para o ósculo real na forma de uma pequena tábua de madeira ou placa de metal contendo uma representação piedosa, geralmente da crucifixão. Essa tábua era chamada de *Pax* (“paz”). O celebrante a beijava, e em seguida, era levada aos demais para que também a beijassem. Essa cerimônia lembrava aos fiéis que

deveriam estar dispostos a perdoar todas as ofensas e não alimentar inimizades contrárias ao espírito cristão, especialmente se estivessem prestes a receber a sagrada Comunhão.

A segunda oração da Comunhão

As duas orações que se seguem são recitadas como preparação imediata para a sagrada Comunhão. O momento feliz em que o sacerdote e os fiéis serão unidos ao seu Senhor está próximo, “e a obra é considerável, pois não é a um homem que este palácio é destinado, mas ao Senhor Deus” (1Cr 29, 1). Por isso, com a cabeça inclinada e os olhos fixos na sagrada Hóstia diante de si sobre o altar, o sacerdote continua a oração: “Senhor Jesus Cristo...”.

São Pedro certa vez fez a solene profissão de fé a nosso Senhor: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!” (Mt 16, 16).

Ele via apenas a humanidade de Cristo, mas reconhecia sua divindade. Sobre o altar, a humanidade e a divindade de Cristo estão ocultas sob as espécies do pão e do vinho, e, no entanto, o sacerdote professa ambas com a mais viva fé no momento em que está prestes a receber a Eucaristia, dizendo: “Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus vivo”. Ele também professa sua fé no Sangue redentor de Cristo, suplicando-Lhe que aplique os frutos deste sacramento à sua alma pecadora, dizendo: “Livrai-me, por este Vosso sacrossanto Corpo e por Vosso Sangue, de todos os meus pecados e de todos os males”.

O texto desta oração nos lembra que a obra da redenção foi realizada por Cristo “por vontade do Pai” e “cooperando com o Espírito Santo”. O Pai não poupou seu Filho unigênito. O Filho, por amor ao Pai, concordou com o plano da redenção, “[...] tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2, 8). O Espírito Santo cooperou nesta obra, pois “[...] pelo Espírito eterno [Cristo] se ofereceu como vítima sem mácula a Deus [...]” (Hb 9, 14). Esta oração nos recorda que devemos nos aproximar da sagrada Comunhão professando nossa fé: “Assim, todas as vezes que comeis desse pão e bebeis desse cálice lembrais a morte do Senhor, até que venha” (1Cor 11, 26). Ela também nos lembra que não devemos perder de vista nossa indignidade: “Que cada um se examine a si mesmo e, assim, coma desse pão e beba desse cálice” (1Cor 11, 28).

A terceira oração da Comunhão

Esta terceira oração refere-se diretamente ao recebimento da Comunhão. O sacerdote primeiro expressa sua indignidade em recebê-la, depois também seu temor de comungar indignamente, dizendo: “Este Vosso Corpo, Senhor Jesus Cristo, que eu, que sou indigno...”.

Neste momento solene, o sacerdote lembra bem as palavras do apóstolo: “Que cada um se examine a si mesmo e, assim, coma desse pão e beba desse cálice” (1Cor 11, 28). Esta indignidade à qual o sacerdote se refere não diz respeito ao

pecado mortal, pois comungar nesse estado seria sacrílego, mas sim às muitas imperfeições e fraquezas das quais a frágil natureza humana é herdeira. Desconfiando de si mesmo por suas quedas repetidas, o sacerdote ora para que o recebimento do sacramento “não seja para juízo e condenação minha”; mas, cheio de confiança naquele que disse: “Quem comer deste pão viverá eternamente” (Jo 6, 51), expressa sua esperança de que o recebimento da Eucaristia seja “de proteção e defesa à minha alma e ao meu corpo, e de remédio aos meus males”.

A Comunhão do sacerdote

O celebrante faz a genuflexão diante do Santíssimo Sacramento e diz:

“Receberei o Pão do céu e invocarei o nome do Senhor.”

Em seguida, levemente inclinado, ele toma as duas partes da Hóstia com a patena por baixo. Batendo no peito a cada vez, repete três vezes:



“Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra, e minha alma será salva.”

As três orações da Comunhão foram recitadas pelo sacerdote com a cabeça inclinada e os olhos fixos na sagrada Hóstia repousando sobre a patena. Terminadas essas orações, ele faz uma genuflexão em sinal de adoração e, levantando-se, toma

a sagrada Hóstia em suas mãos, dizendo: “Receberei o Pão do céu e invocarei o nome do Senhor”. A Eucaristia é aqui chamada de “Pão do céu” em alusão ao maná dado aos israelitas no deserto, que era uma figura da Eucaristia. Estando prestes a realizar o ato mais sublime da religião, que é compartilhar o Corpo e Sangue de Cristo, o que podemos fazer de melhor se não invocar o nome do Senhor? “Os laços da morte me envolviam, a rede da habitação dos mortos me apanhou de improviso; estava abismado na aflição e na ansiedade. Foi então que invoquei o nome do Senhor: ‘Ó Senhor, salvai-me a vida!’” (Sl 114, 3s).

Domine, Non Sum Dignus

Com mão trêmula, mas ao mesmo tempo com grande confiança na invocação do nome do Senhor, o sacerdote toma a sagrada Hóstia com a mão esquerda, segurando a patena sob ela com a mesma mão. Em seguida, inclina reverentemente a cabeça e, com os olhos fixos na sagrada Hóstia, com a mão direita bate no peito três vezes, repetindo as palavras do centurião: *Domine, non sum dignus...* — “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma só palavra, e minha alma será salva”. Essa oração é recitada três vezes, e a sineta é tocada a cada vez para chamar a atenção de todos os presentes para esta parte importante da Missa. Essas palavras do centurião — cheias de grande humildade e confiança, e tão

elogiadas pelo próprio Cristo — são colocadas pela Igreja na boca de seus filhos sempre que estão prestes a receber a sagrada Comunhão. Nossa fé na presença real de nosso Senhor na Eucaristia nos revela a grandeza deste sacramento. O conhecimento de nossa própria pecaminosidade e fragilidade nos mostra o quanto somos indignos de recebê-lo. Essa fé e esse conhecimento geram na alma temor, expresso nas palavras: “Senhor, eu não sou digno”. Mas esse temor logo se dissipa ao recordarmos a bondade e a ternura do Salvador, cujas palavras ressoam novamente em nossa alma: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mt 11, 28). Sustentados pela esperança e confiança, repetimos: “Dizei uma só palavra, e minha alma será salva”.

Com grande beleza, o autor da *Imitação de Cristo* afirma: “Quando considero a tua grandeza, ó Senhor, e a minha própria vileza, tremo excessivamente e fico confuso dentro de mim. Pois se não venho, fujo da vida, e se me aproximo indignamente, incorro no teu desagrado. Que farei então?”²¹.

O celebrante faz o sinal da cruz com a sagrada Hóstia sobre a patena e diz:

“O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde a minha alma para a vida eterna. Amém.”

21 O texto indicado certamente é uma paráfrase do Autor, pois não está presente no original da *Imitação de Cristo*. [N. do T.]

Inclinando-se, ele reverentemente consome as duas partes da Hóstia, junta as mãos e recolhe-se por uns instantes em oração. Então descobre o Cálice, faz a genuflexão e junta com a patena as partículas que permaneceram no corporal, colocando-as no Cálice, dizendo:

“Que retribuirei ao Senhor por tudo o que me tem concedido? Tomarei o Cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor. Invocarei o Senhor louvando-O, e ficarei livre de meus inimigos.”

Fazendo o sinal da cruz com o Cálice, diz:

“O Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo ✠ guarde a minha alma para a vida eterna. Amém.”

Segurando a patena sob o Cálice com a mão esquerda, ele o toma com a mão direita e reverentemente bebe o preciosíssimo Sangue.

Somos lembrados das palavras do Apocalipse: “Alegramos-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque se aproximam as núpcias do Cordeiro. Sua Esposa está preparada. [...] ‘Felizes os convidados para a ceia das núpcias do Cordeiro’” (Ap 19, 7.9).

Antes de receber a sagrada Hóstia, o sacerdote faz o sinal da cruz com ela sobre a patena, para expressar de maneira vívida que o Corpo sagrado que está prestes a receber é o mesmo Corpo que foi crucificado por nós no Calvário. Ao realizar este gesto, ele diz: “O Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo

guarde a minha alma para a vida eterna. Amém”. Em seguida, o sacerdote, à semelhança dos Apóstolos na Última Ceia, consome esse mesmo Pão celestial, o Corpo imolado do Senhor. Assim como o pão ministrado pelo anjo ao profeta Elias o fortaleceu para caminhar até o Monte Horeb, e como o maná caído do céu sustentou o povo de Israel através do deserto até a Terra Prometida, do mesmo modo o sacerdote reza para que este Pão do céu seja o seu verdadeiro viático (do lat. *viaticum*, i, “provisões de viagem”), conduzindo-o com segurança através do deserto deste mundo até a terra das alegrias eternas, prometida aos eleitos de Deus.

Depois de receber a sagrada Hóstia, o sacerdote faz uma breve pausa para meditar sobre o grande mistério. Com os olhos voltados para baixo e as mãos reverentemente postas sobre o peito, imerso em profunda contemplação, as palavras de Santo Agostinho podem ressoar em sua alma: “Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti” (Confissões, livro I, I, 1).

Após essa breve meditação, o sacerdote remove a pala do Cálice e faz a genuflexão como sinal de adoração ao preciosíssimo Sangue. Quaisquer pequenas partículas da sagrada Hóstia que possam ter caído sobre o corporal são reunidas raspando-o com a patena. Essas pequenas partículas recolhidas são então deslizadas da patena para dentro do Cálice. Por respeito à sagrada Eucaristia, a Igreja exige que seus ministros

tomem grande precaução para que nenhuma das partículas sagradas se perca.

Enquanto o sacerdote medita profundamente sobre o maravilhoso dom recebido na sagrada Comunhão, é tomado de admiração e exclama: *Quid retribuam...* — “Que retribuirei ao Senhor por tudo o que me tem concedido?”. Na santa Comunhão, o Deus infinito, em seu infinito amor, concede um dom infinito. Embora seja onipotente, Ele não pode dar mais; embora seja onisciente, Ele não sabe o que mais poderia dar; embora seja plenamente generoso, Ele não tem mais nada a conceder. Em resposta à pergunta “Que retribuirei ao Senhor?”, o sacerdote percebe que só pode oferecer aquilo que lhe foi dado. Por isso, toma o Cálice com a mão direita e diz: “Tomarei o Cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor. Invocarei o Senhor louvando-O, e ficarei livre de meus inimigos.” Deus não tem necessidade de nossos bens (cf. Sl 15, 2).²² Para seu coração bondoso e amoroso, basta, como agradecimento, que recebamos com gratidão os seus dons e deles façamos bom uso.

Tendo pronunciado esta oração exultante, o sacerdote toma o Cálice com a mão direita e faz com ele o sinal da cruz

22 Essa indicação só faz sentido considerando este salmo na versão da *Douay-Rheims Bible*. Nela, no versículo 2 do salmo 15, lê-se: “I have said to the Lord, thou art my God, for thou hast no need of my goods.” [N. do T.]

sobre si mesmo, para indicar mais uma vez que é da Cruz no Calvário que a graça redentora do Sangue de Cristo flui sobre nós. Ao fazê-lo, diz: “O Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde a minha alma para a vida eterna. Amém.”.

Em seguida, bebe reverentemente o preciosíssimo Sangue, segurando a patena sob o Cálice para que nenhuma gota da sagrada espécie seja derramada.

O sacerdote que celebra a Missa recebe ambas as espécies (isto é, comunga sob a forma de pão e sob a forma de vinho), pois deve consumir o Sacrifício, que foi oferecido sob duas espécies. Na Última Ceia, quando Cristo outorgou a seus Apóstolos o poder de fazer o que Ele havia feito, disse-lhes: “Tomai e bebei dele todos vós”. No entanto, ninguém estava presente além dos Apóstolos, os quais haviam sido todos ordenados sacerdotes sacrificadores. O sacerdote, Bispo ou até mesmo o Papa que recebe a sagrada Comunhão sem celebrar a Missa, comunga sob uma única espécie, como qualquer leigo.

A Comunhão dos fiéis

Se a Comunhão for distribuída aos fiéis,²³ ela ocorrerá neste momento. O acólito recita o Confiteor (substituindo a palavra “irmãos” por “Padre”), e o sacerdote responde:

23 Para receber a sagrada Comunhão dignamente é necessário ser católico, estar em estado de graça (ou seja, livre de pecado mortal não confessado)

℣. Que Deus onipotente se compadeça de vós, que vos perdoe os pecados e vos conduza à vida eterna.

℟. Amém.

℣. Indulgência, ✠ absolvição e remissão dos nossos pecados conceda-nos o Senhor onipotente e misericordioso.

℟. Amém.

O celebrante toma uma Hóstia consagrada do cibório. Erguendo-a levemente, volta-se para os fiéis dizendo:

“Eis o Cordeiro de Deus (*Ecce Agnus Dei*), eis aquele que tira os pecados do mundo.”

O celebrante e os fiéis, golpeando-se no peito a cada vez, repetem três vezes:

“Senhor, eu não sou digno (*Domine, non sum dignus*) de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e minha alma será salva.”

Descendo os degraus, o celebrante vai até a mesa da Comunhão e administra a santa Comunhão dizendo a cada um dos comungantes:

“O Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo ✠ guarde tua alma para a vida eterna. Amém.”

e ter feito jejum de alimentos e bebidas (exceto água e remédios) por uma hora antes de comungar. (Jejuar voluntariamente por um período mais longo, como era exigido anteriormente — por exemplo, desde a meia-noite ou por três horas — é altamente recomendável.)

Cada comungante retorna reverentemente ao seu lugar e passa algum tempo em oração silenciosa a nosso Senhor, que agora está presente sacramentalmente dentro dele. Este é um momento preciosíssimo para fazer atos de ação de graças, amor, adoração e súplica, seja com palavras próprias, seja lendo um livro de orações. É altamente recomendável que o comungante permaneça na igreja por aproximadamente 15 minutos após receber a Comunhão, pois as espécies sagradas permanecem no corpo durante esse período. O Corpo de Cristo está presente enquanto duram as aparências do pão.

Se alguém não for comungar, deve fazer uma comunhão espiritual. A comunhão espiritual consiste em atos interiores de amor a nosso Senhor e no desejo de recebê-lo²⁴.

As abluções

A primeira ablução

Depois de distribuída a Comunhão, o celebrante recoloca o cibório no tabernáculo. Ele então purifica o cálice com vinho, dizendo:

24 Uma comunhão espiritual pode ser feita com as seguintes palavras: Meu Jesus, creio que estais no Santíssimo Sacramento. Amo-Vos sobre todas as coisas e anseio por Vós em minha alma. Como agora não posso receber-Vos sacramentalmente, vinde ao menos espiritualmente ao meu coração. Como se já tivésseis vindo, abraço-Vos e uno-me inteiramente a Vós; nunca permitais que eu me separe de Vós.

“Fazei, Senhor, que com o espírito puro conservemos o que a nossa boca recebeu. E que desta dádiva temporal nos venha remédio para a eternidade.”

A segunda ablução

Ele toma o cálice e coloca sobre ele os seus dedos, que até este momento só se separaram para segurar a sagrada Hóstia; e o acólito derrama vinho e água sobre eles, enquanto o celebrante reza:

“Concedei, Senhor, que Vosso Corpo e Vosso Sangue que recebi se unam às minhas entranhas, e fazei que, restabelecido por estes puros e santos Sacramentos, não fique em mim mancha alguma de culpa. Vós que, sendo Deus, viveis e reinais com Deus Pai e o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.”

Ele enxuga os dedos e toma a mistura, limpa a sua boca e o cálice com o purificador. Então dobra cuidadosamente o corporal e recoloca-o na bolsa de corporal, bem como todos os vasos e panos sagrados sob o véu, como estavam no início da Missa, no centro do altar. Enquanto isso, o acólito muda o Missal do lado do Evangelho para o lado da Epístola.

Assim que o sacerdote consome o preciosíssimo Sangue, todas as partes essenciais da Missa estão concluídas. Depois que todas as Hóstias são consumidas ou colocadas no tabernáculo, a vítima desaparece de nosso altar. O Sacrifício está agora consumado. O que se segue são orações de agradecimento e as

abluções ou purificação dos vasos sagrados que foram usados para fins tão solenes.

A primeira ablução

Imediatamente após receber o preciosíssimo Sangue, o sacerdote estende o cálice ao acólito, que derrama um pouco de vinho da galheta. Durante esse ato, o sacerdote reza: *Quod ore sumpsimus...* — “Fazei, Senhor, que com o espírito puro conservemos o que a nossa boca recebeu...”. Nesta oração, pedimos a Deus um duplo benefício: primeiro, que nossa Comunhão sacramental também seja espiritual, isto é, produtora de graça em nossas almas; e, em segundo lugar, pedimos que nossa participação neste sacramento na vida presente nos conduza à felicidade eterna na vida futura.

A segunda ablução

Depois de beber o vinho derramado no cálice para a primeira ablução, o sacerdote segura o cálice com ambas as mãos e, mantendo os dedos indicadores e polegares sobre ele, dirige-se ao lado da Epístola do altar. Um pouco de vinho e água são então derramados sobre seus dedos indicadores e polegares dentro do cálice, como segunda ablução. Durante essa cerimônia, o sacerdote reza: *Corpus tuum, Domine, quod sumpsi...* — “Concedei, Senhor, que Vosso Corpo e Vosso Sangue que recebi...”.

Nesta oração pedimos que possamos experimentar a eficácia deste sacramento. Pelas “entranhas”²⁵ da alma (em latim: *viscera*), devemos entender suas faculdades, como o entendimento, o livre-arbítrio e a memória. Aqui, pedimos que este precioso alimento se una tão intimamente a essas faculdades da nossa alma, que não passe rapidamente por nossas mentes, como alguns alimentos corporais passam pelo estômago sem proporcionar nutrição ou força.

As razões para as abluções

Essas duas abluções após a Comunhão são realizadas por respeito à sagrada Eucaristia. O vinho e a água são derramados no cálice para que quaisquer vestígios das espécies sacramentais sejam consumidos completamente. O sacerdote lava as pontas dos dedos indicadores e polegares sobre o cálice na última ablução para que nenhuma partícula sagrada fique aderida a seus dedos. São esses dedos que ele usa para manusear a sagrada Hóstia durante a Missa. Seria extremamente inadequado que as mãos que tocaram aquele Corpo incorruptível tocassem um corpo corruptível antes de serem cuidadosamente

25 “*Viscera*, em primeiro lugar, significa ‘entranhas’ (nas Sagradas Escrituras, são frequentemente consideradas como a sede das afeições). Por extensão, passou a significar também o interior do ser, a parte mais íntima do coração.” — Rev. Dr. Nicholas Gihl, *The Holy Sacrifice of the Mass* (St. Louis: B. Herder, 1943), p. 747, nota 2.

purificadas. Desde a Consagração até a segunda ablução, o sacerdote mantém sempre as mãos de tal maneira que as pontas dos dedos indicadores e polegares estejam unidas. Assim o faz para evitar que qualquer outra coisa seja tocada com os dedos que manuseiam a sagrada Eucaristia.

Depois de purificar os dedos, o sacerdote retorna ao centro, colocando o cálice sobre o altar. Em seguida, pega o purificador e seca os dedos. Feito isso, consome a água e o vinho que foram derramados no cálice na última ablução. O cálice é então enxugado com o purificador. O purificador, a patena e a pala são novamente colocados sobre o cálice. O corporal é dobrado e inserido na bolsa de corporal. O cálice é então coberto com o véu, e a bolsa é novamente colocada sobre ele.

A transferência do Missal

Enquanto o sacerdote purifica o cálice, o acólito leva o Missal do lado do Evangelho (à esquerda) para o lado da Epístola. É importante lembrar que, no início da Missa, o Missal estava no lado da Epístola.

Pela transferência do Missal novamente para o lado da Epístola após a Comunhão, somos lembrados da conversão final do povo judeu. Hugo de São Vítor diz: “O sacerdote retorna ao lado direito do altar para significar que, no fim do mundo, Cristo voltará para os judeus, os quais agora rejeitou até que a plenitude dos gentios seja admitida, pois então o

restante de Israel, segundo as Sagradas Escrituras, será salvo”. São Paulo fala da conversão dos judeus ao Cristianismo quando diz: “[...] esta cegueira de uma parte de Israel só durará até que haja entrado a totalidade dos pagãos” (Rm 11, 25).

A Antífona de Comunhão

Na Missa Cantada, o celebrante lê silenciosamente a Antífona de Comunhão:

“Bendizemos o Deus do céu e O louvaremos perante todos os viventes, pois foi misericordioso para conosco.”

(Antífona de Comunhão do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

O celebrante beija o altar e então volta-se aos fiéis e diz:

℣. O Senhor seja convosco.

℟. E com o vosso espírito.

Depois de ter purificado o cálice e tê-lo coberto com o véu, o sacerdote retira-se para o lado da Epístola do altar e lê no Missal um breve versículo chamado “Antífona de Comunhão”. Geralmente consiste em um único versículo das Sagradas Escrituras e varia conforme o domingo ou a festa do dia. É chamado “Antífona de Comunhão” — ou simplesmente “Comunhão” — porque antigamente era cantado pelo coro enquanto o sacerdote distribuía a Comunhão aos fiéis. Trata-se de um cântico de louvor e alegria, um cântico da alma jubilosa que participou dos santos mistérios.

Depois que nosso Senhor distribuiu seu Corpo e Sangue aos Apóstolos, as Sagradas Escrituras dizem: “Depois do canto dos Salmos, dirigiram-se eles para o monte das Oliveiras” (Mt 26, 30).

A Pós-Comunhão

O celebrante lê em voz alta as últimas orações do Missal:

“Oremos: Fazei, Senhor, nosso Deus, que a recepção deste sacramento e a confissão da eterna e santa Trindade e de sua mesma indivisa unidade nos aproveitem para a salvação da alma e do corpo. Por Jesus Cristo, Senhor nosso e vosso Filho, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo...”

(Pós-Comunhão do Próprio do Domingo da Santíssima Trindade.)

Ÿ. ...por todos os séculos dos séculos.

℟. Amém.

Quando o sacerdote termina de ler a Antífona de Comunhão, retorna ao centro, beija o altar e novamente saúda o povo com a familiar saudação *Dominus vobiscum* — “O Senhor seja convosco”. Deve-se ter em mente que esta parte da Missa é um ato de ação de graças devido ao Todo-poderoso. Ao saudar o povo neste momento, o sacerdote expressa seu desejo de que o Senhor, a quem os fiéis receberam real ou espiritualmente, permaneça sempre com eles, conforme sua própria promessa: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele” (Jo 6, 56).

Quando o acólito, em nome da assembleia, respondeu à saudação do sacerdote com as palavras *Et cum spiritu tuo*, o sacerdote retorna ao Missal. Com os braços estendidos, lê a oração conhecida como “Pós-Comunhão”, justamente por ser recitada após a Comunhão. Em número e tema, a Pós-Comunhão corresponde à Coleta e à Secreta. Se três Coletas são recitadas (antes da Epístola), a Secreta e a Pós-Comunhão também serão três. Na Pós-Comunhão, menciona-se sempre o Corpo e o Sangue de Cristo que foram recebidos. A Pós-Comunhão pode ser considerada um ato de ação de graças. “Tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3, 17).

Ite, Missa Est

Retornando ao centro do altar, o celebrante volta-se ao povo e diz:

✠. O Senhor seja convosco (*Dominus vobiscum*).

✠. E com o vosso espírito (*Et cum spiritu tuo*).

✠. Ide, é a despedida (*Ite, missa est*).

✠. Graças a Deus (*Deo Gratias*).

Terminada a Pós-Comunhão, o sacerdote retorna ao centro e novamente saúda os fiéis com as palavras: “O Senhor seja convosco” — como se quisesse dizer: “Embora estejais prestes a sair da casa de Deus, que Ele vos acompanhe com sua graça para onde quer que fordes”. E o povo responde por meio do

acólito: “E com o vosso espírito”, rezando para que o Senhor sempre guie e dirija corretamente aquele que lhes deseja o bem.

Ainda voltado para a assembleia, o sacerdote diz: *Ite, missa est* — “Ide, é a despedida”. Nos tempos antigos, era o diácono quem anunciava à assembleia que o momento da despedida havia chegado, algo que ainda acontece nas Missas Solenes de hoje. A essa proclamação, a assembleia responde por meio do acólito: *Deo gratias* — “Graças a Deus”. Essa resposta é dita em espírito de gratidão, pois devemos dar graças eternas ao Todo-poderoso por ter sacrificado seu Filho unigênito para redimir a humanidade, sacrifício esse renovado em cada Missa. Também devemos agradecer a Deus por nos ter concedido a graça de estar presentes em tão salutar sacrifício.

Em dias com caráter penitencial ou de tristeza, estas palavras — *Ite, missa est* — são substituídas pelas palavras *Benedicamus Domino* — “Bendigamos ao Senhor”.

Antigamente, era costume que os fiéis permanecessem na igreja após a Missa nos dias de jejum, para dedicarem algum tempo à oração. Por isso, a despedida não era anunciada, em vez disso se fazia um convite para louvar ao Senhor. Note-se que, nos domingos do Advento e da Quaresma, quando o sacerdote veste paramentos violetas, o *Benedicamus Domino* é recitado em lugar do *Ite, missa est*. Gradualmente se estabeleceu a regra de que a assembleia deveria ser solenemente despedida com as palavras *Ite, missa est* nos dias em que se cantava o

Glória. Assim surgiu a ideia de que o *Ite, missa est* indica uma Missa festiva.

Nas Missas de Réquiem, em vez do *Ite, missa est*, o sacerdote utiliza as palavras *Requiescant in pace* — “Que eles descansem em paz”. Ao que o acólito responde: “Amém”. Quando o sacerdote diz *Ite, missa est*, volta-se para o povo, pois é a eles que a despedida é anunciada. Quando diz *Benedicamus Domino* — “Bendigamos ao Senhor”, volta-se para o tabernáculo, onde nosso Senhor está presente de modo especial. Quando diz *Requiescant in pace*, não se volta para a assembleia, pois a menção é feita aos irmãos ausentes.

O Placeat Tibi e a Benção Final

Inclinando-se diante do altar e colocando suas mãos unidas sobre ele, o celebrante reza em silêncio:

“Seja-vos agradável, ó Trindade santa, a oferta de minha servidão, a fim de que este sacrifício, que, embora indigno aos olhos de Vossa Majestade, Vos ofereci, seja aceito por Vós, e por Vossa misericórdia seja propiciatório para mim e para todos aqueles por quem ofereci. Por Cristo Jesus Nosso Senhor. Amém.”

O celebrante beija o altar, estende as mãos, eleva-as, junta-as e, inclinando-se diante da cruz, diz:

✠. Abençoe-vos o Deus onipotente, Pai, e Filho, ✠ e Espírito Santo.

✠. Amém.

Depois que o acólito responde ao *Ite, missa est*, o sacerdote volta-se novamente para o altar. Consciente da grande ação que realizou, inclina a cabeça em humildade e recita a seguinte oração: *Placeat tibi, sancta Trinitas...* — “Seja-Vos agradável, ó Trindade santa...”. Nessa oração, o sacerdote reconhece que jamais ousaria realizar tal serviço, não fosse por obediência ao mandato do Salvador. Ele pede que Deus, em sua infinita bondade, releve sua indignidade e conceda bênçãos a si e a todos por quem o Sacrifício foi oferecido.

Ao concluir a oração precedente, o sacerdote beija novamente o altar. Esse gesto é feito em reverência ao grande Sacrifício que ocorreu sobre ele e também para simbolizar que, por meio desse Sacrifício, somos levados a uma comunhão mais íntima com Cristo, que é representado pelo altar. É dessa união com Cristo que o sacerdote, como dispensador dos mistérios de Deus, recebe o poder de transmitir aos fiéis, por meio do sinal da cruz, as bênçãos da redenção.

Levantando os olhos e as mãos para o céu, de onde flui todo dom perfeito, o sacerdote agora reza: “Abençoe-vos o Deus onipotente” — então, voltando-se para o povo e fazendo o sinal da cruz sobre ele, continua dizendo —, “Pai, e Filho, e Espírito Santo”. E o acólito responde: “Amém”.

A bênção de um homem venerável por sua idade, posição ou santidade tem sido, desde o início do mundo, pedida e recebida com gratidão pelo homem de fé, pois “a oração do

justo tem grande eficácia” (Tg 5, 16). Na Antiga Lei, os sacerdotes foram ordenados a abençoar o povo: “O Senhor disse a Moisés: ‘Dize a Aarão e seus filhos o seguinte: Eis como abençoareis os filhos de Israel: O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor te mostre a sua face e conceda-te sua graça! O Senhor volte o seu rosto para ti e te dê a paz! E assim invocarão o meu nome sobre os filhos de Israel e eu os abençoarei”’ (Nm 6, 22-27). Cristo abençoou seus Apóstolos antes de subir ao céu: “Depois os levou para Betânia e, levantando as mãos, os abençoou” (Lc 24, 50). Uma cerimônia tão conforme à natureza e praticada pelo próprio Cristo foi, com razão, adotada pela Igreja em sua liturgia. Em nenhum momento essa bênção poderia ser dada com mais propriedade do que no final da Missa, antes que o povo deixe a casa de Deus para voltar aos seus lares. Assim como um pai abençoa, o sacerdote despede seus filhos espirituais com uma bênção. Como os Apóstolos, após receberem a bênção de Cristo no Monte das Oliveiras, “[...] voltaram para Jerusalém com grande júbilo” (Lc 24, 52), assim também o povo, após assistir à Missa e receber a bênção da Igreja de Cristo, deve retornar às suas ocupações com alegria, dando louvores a Deus.

O último Evangelho

O celebrante se dirige para o lado do Evangelho, onde lê o último Evangelho.

Ÿ. O Senhor seja convosco.

℞. E com o vosso espírito.

Ÿ. Princípio do santo ✠ Evangelho segundo São João.

℞. Glória a Vós, Senhor.

Ÿ. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus.

Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito. Nele havia vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por meio dele. Não era ele a luz, mas veio para dar testemunho da luz. [O Verbo] era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. Estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas sim de Deus. (*Aqui todos se ajoelham.*) E O VERBO SE FEZ CARNE e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade.

℞. Graças a Deus.

Tendo concedido a bênção, o celebrante dirige-se para o lado do Evangelho (lado esquerdo) no altar. Antes de começar a leitura do Evangelho, diz: “O Senhor seja convosco”. O acólito responde como de costume: “E com o vosso espírito”. Com essa saudação, desperta-se a atenção dos fiéis para ouvirem devotamente a leitura do Evangelho. Em seguida, com o polegar, o sacerdote faz o sinal da cruz sobre a sacra do altar ou sobre o altar, dizendo: “Princípio do santo Evangelho segundo São João”, e respondendo o acólito: “Glória a Vós, Senhor”. Ao fazer o sinal da cruz sobre a sacra do altar ou sobre o altar, o sacerdote indica que o Evangelho é a palavra de Cristo, em testemunho da qual Ele entregou sua vida na Cruz. Nas palavras “Glória a Vós, Senhor”, o sacerdote faz o sinal da cruz com o polegar na testa, nos lábios e no coração, pedindo a Deus a graça de conhecer, professar e amar seus ensinamentos.

Com as mãos postas, o sacerdote lê agora, da sacra do altar, os primeiros quatorze versículos do primeiro capítulo do Evangelho segundo São João. Essa leitura foi acrescentada ao serviço eucarístico ao longo do tempo devido à grande reverência que os primeiros cristãos tinham por essa passagem do Evangelho e porque contém um resumo dos benefícios que recebemos por meio do Sacrifício de Cristo. A celebração foi iniciada com a oração do sacerdote: “Enviai-me a vossa luz e a vossa verdade” e não poderia ser concluída de maneira mais

adequada do que com as palavras: “E O VERBO SE FEZ CARNE e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade”. Ao ouvir as palavras “E O VERBO SE FEZ CARNE”, o sacerdote e os fiéis fazem uma genuflexão simples (sobre um joelho), em sinal de adoração ao mistério da Encarnação, que essas palavras expressam, e para indicar que o Filho de Deus desceu do céu à terra. Quando o sacerdote conclui a leitura desse Evangelho, o acólito responde: *Deo gratias* — “Graças a Deus”. Essas são as últimas palavras da Missa.

A Igreja designou, para algumas Missas, outra leitura do Evangelho em lugar do início do Evangelho segundo São João. Quando outro Evangelho deve ser lido, o sacerdote não fecha o Missal ao concluir a Pós-Comunhão. Se o Missal permanecer aberto após a Pós-Comunhão, o acólito entende que o último Evangelho não será o Evangelho segundo São João, mas sim outra passagem e por isso leva o Missal para o lado do Evangelho do altar.

Deixando o Presbitério

Numa Missa Rezada, após o sacerdote ler o último Evangelho, ele e a assembleia recitam as “Orações depois da Missa Rezada” (ver o capítulo seguinte). Concluídas essas orações, o povo se levanta enquanto o sacerdote sobe os degraus do altar para pegar o cálice, o véu e a bolsa; o acólito, por sua

vez, pega o barrete sobre a credência do Presbitério, do lado da Epístola. Depois de descer os degraus, o sacerdote fica de frente para o altar enquanto coloca o barrete na cabeça. O sacerdote e o acólito fazem a genuflexão juntos em adoração a Nosso Senhor no tabernáculo. Em seguida, o sacerdote vira-se para a esquerda e sai do Presbitério, precedido pelo acólito.

A Missa agora está terminada. As pessoas podem sair da igreja ou permanecer ajoelhadas para continuar a rezar em silêncio. Cada pessoa, ao sair, faz uma genuflexão em direção a Cristo no tabernáculo como um ato de adoração. Uma lamparina vermelha no presbitério está acesa próxima ao tabernáculo. Um santo silêncio reina na igreja em todos os momentos, pois qualquer igreja na qual o Santíssimo Sacramento está guardado é a Casa de Deus.

Capítulo V:
DEPOIS DA MISSA

Orações depois da Missa Rezada

Pela Igreja na Rússia. Prescritas pelo Papa Leão XIII (em 1884) e pelo Papa Pio XI (em 1934), com a tríplice jaculatória final prescrita pelo Papa São Pio X (em 1904). Essas orações são conduzidas pelo sacerdote, que as recita ajoelhado em um dos degraus do altar, enquanto a assembleia responde.

A Ave-Maria

Ÿ. Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Ř. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

(Repetir três vezes.)

Ÿ. Salve, Rainha,

Ř. Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós

suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria.

℣. Rogai por nós Santa Mãe de Deus.

℞. Para que sejamos dignos da promessa de Cristo.

℣. Oremos: Deus, refúgio e fortaleza nossa, atendei propício os clamores de vosso povo; e, pela intercessão da gloriosa e imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, de São José, casto Esposo de Maria, dos vossos bem-aventurados Apóstolos São Pedro e São Paulo e de todos os Santos, ouvi benigno e misericordioso as preces que do fundo da alma Vos dirigimos pela conversão dos pecadores, para a liberdade e exaltação da Santa Madre Igreja. Pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor..

℞. Amém.

℣. São Miguel Arcanjo,

℞. São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, cobri-nos com o vosso escudo contra os embustes e ciladas do demônio. Subjugue-o Deus, instantemente o pedimos. E vós, príncipe da milícia celeste, pelo divino poder, precipitai no inferno a satanás e a todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.

Ÿ. Sacratíssimo Coração de Jesus,

Ř. Tende piedade de nós.

(Repetir três vezes.)

Depois da Missa

Agora tudo acabou, e podem voltar para a rua movimentada e para sua própria casa. Nada mudou desde que de lá saíram há uma hora ou mais. Apenas isto aconteceu: estiveram na presença do Deus vivo; participaram da ação mais sagrada e solene que é possível conceber neste mundo. “Estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu”. Talvez até hoje estivessem entre aqueles que não O conheciam. Agora O conhecem. Rezem para que Deus lhes conceda graça e coragem para seguir Aquele que sabem ter as palavras da vida eterna, para que um dia possam ser contados entre os “filhos de Deus”.

Em todo lugar há sacrifício

Pe. F. X. Lasance

Já pensaram que o Santo Sacrifício da Missa está sendo oferecido em alguma parte do mundo a cada hora da sua vida? Quando é meia-noite em Nova York, as Missas estão começando nas igrejas da Itália. Ali, antigos altares, diante dos quais santos já se ajoelharam, são iluminados por velas, e o vigário de Cristo, junto com milhares de sacerdotes, eleva mãos santas

aos Céus. Pouco depois, os sinos de mil torres na França começam a propagar sons sagrados pelo ar; e, em cada cidade, vila e aldeia, multidões ajoelhadas adoram a mão disciplinadora de Deus e rezam pelos pecadores que desprezam seus decretos.

A Espanha cavalleiresca e religiosa capta os ecos e, quando é uma da manhã em Nova York, oferece o grande Sacrifício em inúmeras igrejas esplêndidas. E então a católica Irlanda, a “Ilha dos Santos”, que, por muitos séculos, padeceu pela fé, reúne-se novamente em torno dos altares que nunca abandonaria. Às duas horas em diante, os sacerdotes das ilhas do Atlântico — talvez do Cabo Verde —, de branco e estola, com uma grande cruz nos ombros, inclinam-se diante do tabernáculo. Uma hora mais tarde, um corajoso missionário ergue o cálice da salvação na costa gelada da Groenlândia.

Às quatro e meia, as lâmpadas sagradas cintilam através das neblinas de *Newfoundland*; e às cinco, a industriosa população da Nova Escócia inicia o dia assistindo à Missa. E agora, todas as igrejas e capelas do Canadá brilham radiantes enquanto o povo fiel — o habitante do campo, o devoto cidadão, a consagrada religiosa e as crianças — apressa-se para unir suas orações ao redor do santuário, onde o sacerdote os aguarda. Às seis, quantas almas acorrem às igrejas de Nova York, ansiosas para começar o dia de trabalho com o mais santo ato da religião! Muitos jovens também se reúnem ao redor do altar numa hora mais tardia, como flores frescas que se abrem pela

manhã, oferecendo sua fragrância orvalhada ao céu. Uma hora depois, os sinos do Missouri e da Louisiana ressoam; e às oito, o México, fiel à sua fé, curva-se diante de seus altares resplandecentes. Às nove, as devotas tribos do Óregon seguem seu amado sacerdote de batina negra até suas alegres capelas, e a Califórnia, por um momento, deixa sua avidez pelo ouro para pensar no tesouro que a ferrugem não corrrompe.

E quando o sino do Ângelus toca ao meio-dia em Nova York, o Sacrifício incruento está sendo oferecido nas ilhas do Pacífico, onde almas generosas trabalham para nosso amado Senhor. E assim os sinos continuam a tocar ecoando sobre as águas, e uma vela após a outra se acende com a luz da fé, alegrando todas as ilhas do mar. Às duas, os zelosos missionários da Austrália sussurram apressadamente, ansiosos pela vinda de Nosso Senhor: “Introibo ad altare Dei”. E todas as ilhas perfumadas do Oriente captam os doces sons, uma após a outra, até que, às quatro da tarde, a China prova que há muitas almas verdadeiramente dignas do nome de celestiais, por sua fervorosa devoção ao rito matinal. Então, no Tibete, há muitas capelas modestas onde o missionário distribui o Pão da Vida a uma multidão de almas famintas.

Às seis, os altares da Índia, onde São Francisco Xavier exerceu seu ministério, estão adornados com flores, lâmpadas e vasos sagrados, e sacerdotes incansáveis se apressam para fortalecer suas almas diante daquele que é sua vida e força. Às nove,

na Sibéria, onde muitos pobres exilados católicos da Polônia não têm outro consolo para suas dores senão o pé do altar e o Pão do céu. Durante as horas em que Nova York se anima com festas, bailes e diversões teatrais, o rito mais sagrado está sendo celebrado no Oceano Índico e entre as tribos negras da África, cujas almas são tão preciosas para o Salvador, que uma vez morreu por todos. Às onze, em Jerusalém, a Cidade Santa sobre a qual Jesus chorou, onde realizou tantos milagres, onde sofreu e Se ofereceu em sacrifício pelo mundo inteiro.

Quando a meia-noite torna a ecoar em Nova York, os sinos prateados voltam a tilintar em cada presbitério de Roma.

E assim continua; a divina Hóstia está constantemente se elevando, como o sol em seu percurso ao redor da terra. Dessa forma, cumprem-se as palavras do profeta Malaquias: “Porque, do nascente ao poente, meu nome é grande entre as nações e em todo lugar se oferecem ao meu nome o incenso, sacrifícios e oblações puras. Sim, grande é o meu nome entre as nações — diz o Senhor dos exércitos” (Ml 1, 11).

“Não há um instante sequer em que uma Missa não esteja sendo oferecida e a Hóstia não esteja sendo adorada. Fala-se de um império sobre o qual o sol nunca se põe, do toque constante da alvorada britânica enquanto nosso planeta gira em seu eixo e o dia persegue a noite ao redor do globo; mas o que é isso comparado à oblação incessante da Igreja Católica? Em que momento a voz de um sacerdote não está pronunciando

“Te igitur, clementissime Pater!”? Em que momento o sino não está marcando a chegada silenciosa e invisível de Deus, diante do qual se prostram adoradores em algum santuário silencioso, seja na Europa, na Ásia ou na América, nas cidades do Atlântico ou nas florestas do Óregon, nos Alpes ou nos Andes, na vasta terra firme ao longo dos meridianos ou nas ilhas dispersas do mar?” — Webster (*Knickerbockers’ Magazine*, p. 638, vol. 38, 1851).

*Sobre o Autor*²⁶

Monsenhor George Moorman nasceu no Condado de Decatur, Indiana, em 9 de outubro de 1883, e viveu lá quase toda sua vida. Estudou no *Saint Meinrad Seminary and School of Theology* e foi ordenado pelo Bispo Dom Herman J. Alerding, da diocese de *Fort Wayne – South Bend*, em 13 de junho de 1908, na Catedral da Imaculada Conceição.

Ao longo de mais de 70 anos de sacerdócio, Pe. George Moorman exerceu o ministério como pároco em diversas paróquias. Foi, por um período, editor associado do *Our Sunday Visitor*, iniciando essa função em 1914. Pe. Moorman voluntariou-se como capelão militar em 1917 e serviu durante a

26 O texto acima é um resumo de um artigo publicado na edição de 15 de julho de 1979 do *The Harmonizer*, jornal diocesano da diocese de *Fort Wayne-South Bend*. Agradecimentos especiais ao arquivista diocesano.

Primeira Guerra Mundial, recebendo a patente de Primeiro-Tenente Capelão. Em 1930, foi nomeado decano na região de *South Bend* e, em 1940, recebeu o título de Camareiro Papal.

Encerrando suas atividades em 1959, Mons. Moorman viveu em Greensburg, Indiana, até que uma enfermidade no fim de sua vida o levou para o lar *Sacred Heart Village*, em Avilla, Indiana. Lá faleceu em 5 de julho de 1979, aos 95 anos, sendo, na época, o sacerdote mais idoso da diocese de *Fort Wayne-South Bend*.

O Padre Raymond Moorman, sobrinho de Mons. Moorman, foi o celebrante principal da Missa de Réquiem, concelebrada por três Bispos e cerca de 40 sacerdotes na Catedral da Imaculada Conceição, em *Fort Wayne*, em 9 de julho. No dia seguinte, foi celebrada a Missa de corpo presente, seguida do sepultamento em Millhousen, Indiana, cidade onde Mons. Moorman havia estudado, em sua juventude, na *St. Mary's School*.

Schola Dominici Servitii

ENTREGAMOS A PRESENTE OBRA, IMPRESSA EM JUNHO DO ANO DE
2025 DA ENCARNAÇÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, NAS MÃOS
DE SÃO JOÃO BOSCO E DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA.

—A—
MISSA
TRADICIONAL
EXPLICADA

Nos últimos anos observamos uma procura crescente pela Missa Tradicional em latim. Contudo, não só os católicos habituados a assistir à nova missa de Paulo VI, mas também aqueles que há pouco se converteram encontram dificuldade na compreensão do verdadeiro sentido da Missa de sempre. Se, por um lado, é verdade que o sacrifício incruento de Nosso Senhor é um mistério, por outro precisamos de algum auxílio quando entramos nesse universo milenar.

Este livro de fácil leitura releva o sentido, a razão e a forma da Missa tradicional. Nele os católicos encontram explicações detalhadas para cada parte do rito e poderão, assim, usufruir melhor desse imenso bem espiritual que Nosso Senhor nos legou.



loja.centrodombosco.org